

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS**

ROSALVO NOBRE CARNEIRO

**PRODUÇÃO DO ESPAÇO E CIRCUITOS DE FLUXOS DA INDÚSTRIA TÊXTIL
DE SÃO BENTO-PB: do meio técnico ao meio técnico-científico-informacional**

**RECIFE
2006**

ROSALVO NOBRE CARNEIRO

**PRODUÇÃO DO ESPAÇO E CIRCUITOS DE FLUXOS DA INDÚSTRIA TÊXTIL
DE SÃO BENTO-PB: do meio técnico ao meio técnico-científico-informacional**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Departamento de Ciências Geográficas, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, tendo como orientador o Prof. Dr. Alcindo José de Sá, em cumprimento às exigências para obtenção do Grau de Mestre em Geografia.

**RECIFE
2006**

C289p Carneiro, Rosalvo Nobre

Produção do espaço e circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento –PB: do meio técnico ao meio técnico-científico-informacional. – Recife: O Autor, 2006.
185 folhas: il., fotos, mapa

Orientador: Alcindo José de Sá

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Programa de Pós-graduação em Geografia. Recife, 2006.

1. Geografia Humana. 2. Produção do Espaço – Circuitos Espaciais da Produção. 3. Indústria Têxtil – Meio Técnico-Científico-Informacional. I. Título.

CDU: 338.3 (2. ed.)
CDD: 304.2 (22. ed.)

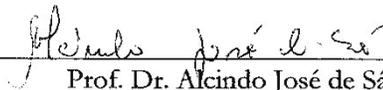
UFPE
BCFCH2006/08

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ROSALVO NOBRE CARNEIRO

PRODUÇÃO DO ESPAÇO E CIRCUITOS DE FLUXOS DA INDÚSTRIA TÊXTIL
DE SÃO BENTO-PB: do meio técnico ao meio técnico-científico-informacional

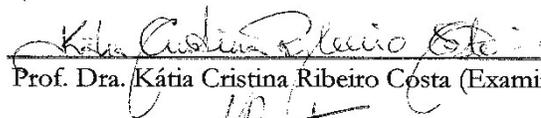
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Alcindo José de Sá (Orientador)



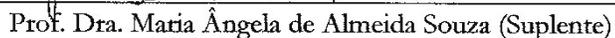
Prof. Dr. Cláudio José Moura de Castilho (Examinador interno)



Prof. Dra. Kátia Cristina Ribeiro Costa (Examinadora externa)



Prof. Dr. Jan Bitoun (Suplente)



Prof. Dra. Maria Ângela de Almeida Souza (Suplente)

Recife, 30 de julho de 2006

Para Rosicleide e Karen.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao ex-prefeito de São Bento, Márcio Eulâmpio, e ao atual, Galego Sousa, cuja compreensão de ambos foi importante para que eu pudesse participar deste curso.

Ao CNPQ e a CAPES pelo fornecimento de bolsas de estudos e ao professor Alcindo José de Sá pela orientação.

Aos empresários e empresárias da indústria têxtil de São Bento com os (as) quais conversamos e aos que permitiram fotografar suas empresas.

Ao presidente do CONSÓRCIO SÃO BENTO: PRODUTORES DE REDES DA PARAÍBA pelas informações fornecidas a respeito do mesmo e aos comerciantes da feira da pedra que entrevistamos.

A Francisco Jackson, Henara Marques e Jaelson Alves, meus amigos e ex-alunos do Ensino Fundamental, pela realização das entrevistas junto aos comerciantes da feira da pedra e a ajuda em outras ocasiões.

Certos temas dão prestígio ao pesquisador e outros exigem uma prodigiosa retórica para valorizá-los. [...] Quem se vai convencer da necessidade de uma pesquisa [...] sobre a rede de dormir, a rede que nunca mereceu honras de atenção maior e é olhada de raspão pelos mestres de todas as línguas sábias?

Luís da Câmara Cascudo

RESUMO

Produção do espaço e circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento-PB: do meio técnico ao meio técnico-científico-informacional é o tema deste trabalho. A indústria têxtil de São Bento-PB consome, anualmente, 18 milhões de quilogramas de fios de algodão, gerando uma produção de 12 milhões de redes de dormir e garantindo-lhe, com isto, a posição de maior produtor nacional dessa mercadoria. Ela é caracterizada por um misto de fabricação mecanizada e artesanal cuja expansão regional, nacional e internacional é causa e condição da formação dos seus circuitos de fluxos socioespaciais. Por meio da expansão regional criam-se horizontalidades dentro de um circuito espacial da produção regional, formado por diversos espaços contínuos que interagem em função da divisão territorial do trabalho criada e comandada pelos circuitos de fluxos inferior formal e superior secundário de São Bento, que garantem o processo produtivo direto. Os outros momentos da produção se realizam no circuito espacial da produção nacional e/ou internacional, cujo fundamento encontra-se nas complementaridades e verticalidades desenvolvidas entre o circuito de fluxos superior secundário de São Bento e os circuitos de fluxos superiores hegemônicos e não-hegemônicos nacionais. Estas interações entre a produção do espaço e os circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento permitem compreender as transformações espaço-temporal que conduziram à formação do seu meio técnico-científico-informacional incompleto. Essa incompletude é função da distribuição socioespacial desigual da técnica, ciência e informação. Por tratar-se de um trabalho de natureza teórico-empírica fez-se necessária a realização de trabalho de campo, onde foram coletadas informações, em diversas fontes, referentes não apenas à indústria têxtil de São Bento, como também às existentes em outros municípios nordestinos, a fim de melhor compreender e explicar a relação entre a produção do espaço e os circuitos de fluxos da indústria têxtil local.

Palavras-chave: Produção do espaço. Circuitos de fluxos. Circuitos espaciais da produção. Indústria têxtil. Meio técnico-científico-informacional.

ABSTRACT

Production of the space and circuits of flows of the textile industry of São Bento-PB: of the technical middle to the middle technician-scientific-informational it is the theme of this work. The textile industry of São Bento-PB it consummate, annually, 18 million kilograms of cotton threads, generating the production of 12 million nets of sleeping and guaranteeing him/her, with this, the national producing adult's of that merchandise position. She is characterized by the mixed of automated and craft production whose regional expansion, national and international is causes and condition of the formation of their circuits of partner-space flows. Through the regional expansion they grow up horizontalities inside of the space circuit of the regional production, formed by several continuous spaces that you/they interact in function of the territorial division of the work created and commanded by the circuits of flows inferior formal and superior secondary of São Bento, that guarantee the direct productive process. The other moments of the production take place in the space circuit of the national production and/or international, whose foundation is in the complementarities and verticalities developed between São Bento's superior circuit of flows secondary and the circuits of hegemonic and knot-hegemonic superior flows national. These interactions between the production of the space and the circuits of flows of São Bento's textile industry allow to understand the transformations space-time that you/they led to the formation of his/her half technician-scientific-informational incomplete. That incompleteness is function of the distribution unequal partner-space of the technique, science and information. It goes treating of the work of theoretical-empiric nature it was done necessary the accomplishment of field work, where information were collected, in several sources, referring not just to São Bento's textile industry, the well the to the existent ones in other Northeastern municipal districts, in order to best to understand and to explain the relationship between the production of the space and the circuits of flows of the local textile industry.

Word-key: Production of the space. Circuits of flows. Space circuits of the production. Textile industry. Half technician-scientific-informational.

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – SÃO BENTO-PB: MULHER TRANÇANDO A REDE	178
ANEXO B – SÃO BENTO-PB: MULHER ENFIANDO AS CABEÇAS DA REDE	178
ANEXO C – SÃO BENTO-PB: MULHER PASSANDO O PONTO OU COSTURA NA REDE	178
ANEXO D – SÃO BENTO-PB: MULHER PASSANDO A MAMUCABA DA REDE	179
ANEXO E – SÃO BENTO-PB: MULHER EMPUNHANDO OS CORDÕES OU PUNHOS DA REDES	179
ANEXO F – SÃO BENTO-PB: ADOLESCENTE FAZENDO AS VARANDAS DA REDE	179
ANEXO G – SÃO BENTO-PB: REDE DE DORMIR COM BORDADO FEITO ARTESANALMENTE	180
ANEXO H – SÃO BENTO-PB: MULHER FAZENDO O CARÉ DA REDE	180
ANEXO I – SÃO BENTO-PB: JOVEM ESTAMPANDO TECIDO DA REDE EM SILKSCREEN	180
ANEXO J – SÃO BENTO-PB: URDIDEIRA MANUAL	181
ANEXO K – SÃO BENTO-PB: CABRISTIS OU PERNAS DOS FIOS DO URDUME NA URDIDEIRA MANUAL	181
ANEXO L – SÃO BENTO-PB: GAIOLA DA URDIDEIRA MANUAL	181
ANEXO M – SÃO BENTO-PB: URDIDEIRA MECÂNICA	182
ANEXO N – SÃO BENTO-PB: JOVEM TINGINDO TECIDO EM TINTURADOR MECÂNICO	182
ANEXO O – SÃO BENTO-PB: TEAR ANDRIGHETTI	182
ANEXO P – SÃO BENTO-PB: TEAR CABORÉ	183
ANEXO Q – SÃO BENTO-PB: TEAR RIBEIRO	183
ANEXO R – SÃO BENTO-PB: TEAR HOWA	183
ANEXO S – SÃO BENTO-PB: MANTA PELICANO	184
ANEXO T – SÃO BENTO-PB: PANOS DE PRATO FABRICADOS EM JARDIM DE PIRANHAS E COMERCIALIZADOS NA FEIRA DA PEDRA	184
ANEXO U – SÃO BENTO-PB: PÁGINA INICIAL DO SITE DA REDES SANTA LUZIA	185
ANEXO V – SÃO BENTO-PB: PÁGINA INICIAL DO SITE DO CONSÓRCIO SÃO BENTO	185
ANEXO X – SÃO BENTO-PB: PÁGINA INICIAL DO SITE DA CGS TÊXTIL	185

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – OS CIRCUITOS DE FLUXOS SOCIOESPACIAIS: ELEMENTOS E INTERAÇÕES	37
FIGURA 02 – REPRESENTAÇÃO DE PANELA DE BARRO EMPREGADA PELAS MANUFATURAS DE SÃO BENTO PARA TINGIR FIOS E TECIDOS	48
FIGURA 03 – FORMA-CONTEÚDO DO ARTESANATO DE SÃO BENTO DURANTE O SEU PERÍODO TÉCNICO	63
FIGURA 04 – FORMA-CONTEÚDO DA MANUFATURA TÊXTIL DE SÃO BENTO DURANTE O SEU PERÍODO TÉCNICO-CIENTÍFICO MANUFATUREIRO	78
FIGURA 05 – FORMA-CONTEÚDO ATUAL DA PRODUÇÃO TÊXTIL DE SÃO BENTO	96

LISTA DE FOTOS

FOTO 01 – SÃO BENTO: MULHER TECENDO TAPETES EM TEAR DE TRÊS PANOS	48
FOTO 02 – PEDRO II-PI: REDE DE TRÊS PANOS SEMELHANTE ÀS FABRICADAS EM SÃO BENTO (DESTAQUE PARA AS DUAS COSTURAS PARALELAS E HORIZONTAIS)	54
FOTO 03 – TACARATU-PE: TECELÕES TECENDO TAPETES EM TEARES BATELÃO	54
FOTO 04 – SÃO BENTO-PB: URDIÇÃO DE FIOS EM URDIDEIRA MANUAL	55
FOTO 05 – SÃO BENTO-PB: URDIÇÃO DE FIOS EM URDIDEIRA MECÂNICA OU ELÉTRICA	55
FOTO 06 – SÃO BENTO-PB: ALVEJAMENTO DE TECIDO EM MÁQUINA AUTOMÁTICA DA SUZUKI	56
FOTO 07 – SÃO BENTO-PB: TINGIMENTO DE FIO EM TINTURADOR MECÂNICO OU ELÉTRICO	56
FOTO 08 – SÃO BENTO-PB: FIOS TINGIDOS SECANDO AO SOL	57
FOTO 09 – SÃO BENTO-PB: TECIDOS ALVEJADOS SECANDO AO SOL	57
FOTO 10 – SÃO BENTO-PB: SECAMENTO MECÂNICO DE TECIDOS	57
FOTO 11 – SÃO BENTO-PB: ENCHIMENTO DE BARCADA EM EQUIPAMENTO MANUAL	59
FOTO 12 – SÃO BENTO-PB: MULHERES EMENDANDO BARCADA	59
FOTO 13 – SÃO BENTO-PB: ENCHIMENTO DE ESPULA EM ESPULADEIRA MECÂNICA OU ELÉTRICA	59
FOTO 14 – SÃO BENTO-PB: TECIDOS INDUSTRIALIZADOS	75
FOTO 15 – SÃO BENTO-PB: CAMINHÃO UTILIZADO PARA O TRANSPORTE DE REDES	75
FOTO 16 – SÃO BENTO-PB: EMPRESA ESPECIALIZADA NA VENDA DE MÁQUINAS, PEÇAS E ACESSÓRIOS USADOS PARA TECELAGEM	83
FOTO 17 – SÃO BENTO-PB: FIO DE ALGODÃO CRU, TIPO 8/1	89
FOTO 18 – TACARATU-PE: JOVEM ENCHENDO ESPULA, EM ESPULADEIRA ARTESANAL, SEMELHANTE AS QUE SE USAVAM EM SÃO BENTO	103
FOTO 19 – SÃO BENTO-PB: CONICALEIRAS FABRICANDO TRANCELIM OU CORDÕES	103
FOTO 20 – SÃO BENTO-PB: CORDÕES DE NÁILON, ACIMA, FABRICADOS LOCALMENTE	103
FOTO 21 – SÃO BENTO-PB: TORCEDEIRA OU MÁQUINA DE FAZER CORDÕES PARA VARANDAS	104
FOTO 22 – SÃO BENTO-PB: FIOS DE ALGODÃO EM CORES VENDIDO EM DEPÓSITO	104
FOTO 23 – SÃO BENTO-PB: REDES DE DORMIR DE NÁILON	104
FOTO 24 – SÃO BENTO-PB: REDE DE DORMIR DE CORDÕES DE POLIÉSTER	105
FOTO 25 – SÃO BENTO-PB: TECIDOS DE NÁILON ADQUIRIDOS EM GRANDES EMPRESAS BRASILEIRAS	105
FOTO 26 – SÃO BENTO-PB: VARANDA FABRICADA EM MÁQUINA	105
FOTO 27 – SÃO BENTO-PB: MÁQUINA DE TECER VARANDAS	106
FOTO 28 – SÃO BENTO-PB: REDE DE DORMIR CADEIRA	115

FOTO 29 – SÃO BENTO-PB: REDE DE DORMIR CADEIRA SOFÁ SEM VARANDA	115
FOTO 30 – SÃO BENTO-PB: DEPÓSITO DE FIOS E TECIDOS DA EMPRESA COMFIOS	117
FOTO 31 – SÃO BENTO-PB: EMPRESA DE PRODUTOS QUÍMICOS (LORO, TINTAS E SABÃO)	117
FOTO 32 – SÃO BENTO-PB: EMPRESA DE PEÇAS E ACESSÓRIOS NOVOS PARA TECELAGEM	117
FOTO 33 – SÃO BENTO-PB: EMPRESA DE PRENSAGEM E TRANSPORTE DE REDES DE DORMIR	121
FOTO 34 – SÃO BENTO-PB: COMERCIANTE DE BONÉS E CHAPÉUS DE CAICÓ-RN	130
FOTO 35 – SÃO BENTO-PB: ASPECTO DA FEIRA DA PEDRA ÀS 08h00min	132
FOTO 36 – SÃO BENTO-PB: MÁQUINA PRENSANDO DE REDES	140
FOTO 37 – SÃO BENTO-PB: FARDOS DE REDES DE DORMIR PRENSADAS	140
FOTO 38 – SÃO BENTO-PB: CAMINHÃO DE REDEIRO SENDO CARREGADO COM REDES NA PRENSA	140
FOTO 39 – SÃO BENTO-PB: LOJA DA FÁBRICA DA TECELAGEM SÃO CRISTÓVÃO	143
FOTO 40 – SÃO BENTO-PB: INTERIOR DA LOJA DA FÁBRICA DA TECELAGEM SÃO CRISTÓVÃO	143
FOTO 41 – SÃO BENTO-PB: LOJA DA FÁBRICA DA REDES SANTA LUZIA	143

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 – BRASIL: EVOLUÇÃO DAS PEQUENAS EMPRESAS NA ÁREA URBANA (1997/2003)	40
GRÁFICO 02 – SÃO BENTO-PB (1979): MANUFATURAS DE REDES DE DORMIR POR TAMANHO	72
GRÁFICO 03 – SÃO BENTO-PB (1939-1978): UNIDADES PRODUTIVAS CADASTRADAS POR CLASSES DE ANOS E INÍCIO DE PRODUÇÃO	80
GRÁFICO 04 – SÃO BENTO-PB (1929-1978): UNIDADES PRODUTIVAS NÃO CADASTRADAS POR CLASSES DE ANOS E INÍCIO DE PRODUÇÃO	80
GRÁFICO 05 – SÃO BENTO-PB: MICRO, PEQUENAS, MÉDIAS E GRANDES TECELAGENS	95
GRÁFICO 06 – SÃO BENTO-PB: FIAÇÕES E/OU TECELAGENS QUE VENDEM FIOS E TECIDOS PARA A INDÚSTRIA TÊXTIL LOCAL, POR UNIDADES DA FEDERAÇÃO	118
GRÁFICO 07 – SÃO BENTO-PB: FORMALIDADE E INFORMALIDADE DA INDÚSTRIA TÊXTIL EM 1978, 1979, 2001 E 2004	126
GRÁFICO 08 – SÃO BENTO-PB: TRABALHADORES DAS MAQUINOFATURAS URBANAS POR ORIGEM DO DOMICÍLIO EM 2001	131
GRÁFICO 09 – SÃO BENTO-PB: COMERCIANTES DA FEIRA DA PEDRA POR INTERVALO DE TEMPO DE INÍCIO DA ATIVIDADE	133
GRÁFICO 10 – SÃO BENTO-PB: COMERCIANTES DA FEIRA DA PEDRA POR CATEGORIA	134
GRÁFICO 11 – SÃO BENTO-PB: COMERCIANTES DA FEIRA DA PEDRA POR LUGAR DE ORIGEM	134
GRÁFICO 12 – SÃO BENTO-PB: COMERCIANTES-PRODUTORES DA FEIRA DA PEDRA POR LUGAR DE ORIGEM	135
GRÁFICO 13 – SÃO BENTO-PB: COMERCIANTES-AUTÔNOMOS DA FEIRA DA PEDRA POR LUGAR DE ORIGEM	136
GRÁFICO 14 – SÃO BENTO-PB: COMERCIANTES-FUNCIONÁRIOS DA FEIRA DA PEDRA	136
GRÁFICO 15 – CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO REGIONAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO: DISTRIBUIÇÃO DAS AGÊNCIAS BANCÁRIAS	139
GRÁFICO 16 – CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO REGIONAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO: NÚMERO DE TELEFONES FIXOS POR MUNICÍPIOS	154

LISTA DE MAPAS

MAPA 01 – SÃO BENTO: POSIÇÃO GEOGRÁFICA EM RELAÇÃO AO ESTADO DA PARAÍBA, REGIÃO NORDESTE DO BRASIL, BRASIL E MUNDO	20
MAPA 02 – SÃO BENTO: LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA NA MICRORREGIÃO DE CATOLÉ DO ROCHA, NA PARAÍBA	21
MAPA 03 – SÃO BENTO: LIMITES GEOGRÁFICOS	22
MAPA 04 – ÁREA DO SEMI-ÁRIDO NORDESTINO NO FINAL DO SÉCULO XIX	49
MAPA 05 – BRASIL: ESPAÇOS FORMADORES DO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO REGIONAL DO ARTESANATO DE SÃO BENTO, NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX, E SUAS FUNÇÕES	52
MAPA 06 – NORDESTE: ESPAÇO FORNECEDOR DE FIOS DE ALGODÃO INDUSTRIALIZADOS PARA O ARTESANATO DE SÃO BENTO NA METADE DO SÉCULO XX	61
MAPA 07 – BRASIL: COMPARAÇÃO ENTRE AS DISTRIBUIÇÕES ESPACIAIS DAS FÁBRICAS DE REDES DE DORMIR DE 1950 E 1956	65
MAPA 08 – ESPAÇOS FORMADORES DO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO REGIONAL DA MANUFATURA DE SÃO BENTO	71
MAPA 09 – ESPAÇOS FORMADORES DO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO LOCAL DA MANUFATURA DE SÃO BENTO	73
MAPA 10 – BRASIL: ESPAÇOS FORMADORES DO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO NACIONAL DA MANUFATURA DE SÃO BENTO E SENTIDO DOS FLUXOS DE SUAS MERCADORIAS A PARTIR 1970 E 1980 PRINCIPALMENTE	87
MAPA 11 – MUNDO: ESPAÇOS FORMADORES DO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO INTERNACIONAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO	100
MAPA 12 – ESPAÇOS FORMADORES DO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO LOCAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO	110
MAPA 13 – ESPAÇOS FORMADORES DO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO REGIONAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO	111
MAPA 14 – BRASIL: PONTOS E EMPRESAS DO ACONTECER COMPLEMENTAR DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO	112
MAPA 15 – BRASIL: ESTADOS FORNECEDORES DE FIOS DE ALGODÃO E DE POLIÉSTER, TECIDOS DE ALGODÃO E DE NÁILON, POR REGIÕES, AOS CIRCUITOS DE FLUXOS DE SÃO BENTO	119
MAPA 16 – BRASIL: ÁREAS DE AÇÃO COMERCIAL DOS CIRCUITOS DE FLUXOS DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO	122
MAPA 17 – BRASIL: ESPAÇOS FORMADORES DO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO NACIONAL DA TECELAGEM SÃO CRISTÓVÃO (2001)	144
MAPA 18 – MUNDO: ESPAÇOS FORMADORES DO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO INTERNACIONAL DA PRODUÇÃO DA REDES SANTA LUZIA (2001-2005)	146
MAPA 19 – CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO REGIONAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO: DISTRIBUIÇÃO DE ESPAÇOS INTELIGENTES DE USO FÍSICOS	153
MAPA 20 – PARAÍBA: COBERTURA ATUAL DE TELEFONIA MÓVEL DA EMPRESA OI	155
MAPA 21 – PARAÍBA: COBERTURA ATUAL DE TELEFONIA MÓVEL DA EMPRESA TIM	155

**MAPA 22 – CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO REGIONAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO:
COBERTURA ATUAL DE TELEFONIA MÓVEL DAS EMPRESAS OI E TIM 156**

LISTA DE PLANTAS

PLANTA 01 – SÃO BENTO-PB: DISTRIBUIÇÃO DAS TECELAGENS NO ESPAÇO URBANO	98
PLANTA 02 – SÃO BENTO-PB: DISTRIBUIÇÃO DAS ATIVIDADES DE SERVIÇOS NO ESPAÇO URBANO	99

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – OS CIRCUITOS DE FLUXOS DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO: CARACTERÍSTICAS COMPARATIVAMENTE AO CIRCUITO SUPERIOR HEGEMÔNICO	33
QUADRO 02 – ESPAÇOS FORNECEDORES DE FIO DE ALGODÃO PARA A INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO SEGUNDO OS PERÍODOS TÉCNICOS LOCAL	90
QUADRO 03 – “OBJETOS IMPERFEITOS” E “OBJETOS PERFEITOS” DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO SEGUNDO O PERÍODO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO LOCAL	102
QUADRO 04 – COMPLEMENTARIDADES DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO COM REGIÕES TÊXTEIS DO PAÍS	118
QUADRO 05 – EMPRESAS QUE COMERCIAM FIOS E TECIDOS PARA A INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO, POR TIPO DE PRODUTO E CIDADE DE ORIGEM	120

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 O PERÍODO TECNOLÓGICO, OS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA E OS CIRCUITOS ESPACIAIS DA PRODUÇÃO	31
1.1 OS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA E OS CIRCUITOS ESPACIAIS DA PRODUÇÃO	32
1.2 A GLOBALIZAÇÃO, OS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA E OS CIRCUITOS ESPACIAIS DA PRODUÇÃO	39
2 ORIGEM DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO DE SÃO BENTO	43
2.1 O PERÍODO TÉCNICO ARTESANAL DE SÃO BENTO, O CIRCUITO DE FLUXOS INFERIOR INFORMAL E O MEIO TÉCNICO LOCAL	51
2.2 O CIRCUITO DE FLUXOS INFERIOR INFORMAL, O CIRCUITO ESPACIAL LOCAL E REGIONAL DA PRODUÇÃO E O MEIO TÉCNICO DE SÃO BENTO	66
2.3 AS HORIZONTALIDADES, AS COMPLEMENTARIDADES E AS VERTICALIDADES E O MEIO TÉCNICO DE SÃO BENTO	68
3 O PERÍODO TÉCNICO-CIENTÍFICO MANUFATUREIRO DE SÃO BENTO	70
3.1 A PRODUÇÃO DO MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO MANUFATUREIRO DE SÃO BENTO E A MANUFATURA DE REDES DE DORMIR	74
3.2 OS CIRCUITOS DE FLUXOS DE SÃO BENTO DURANTE O PERÍODO DO MILAGRE E DO PÓS-MILAGRE ECONÔMICO BRASILEIRO	79
3.3 OS CIRCUITOS DE FLUXOS SOCIOESPACIAIS DA PRODUÇÃO MANUFATUREIRA DE SÃO BENTO	85
3.3.1 OS CIRCUITOS DE FLUXOS DA INDÚSTRIA TÊXTIL E OS CIRCUITOS ESPACIAIS DA PRODUÇÃO MANUFATUREIRA DE SÃO BENTO	85
3.3.2 AS AÇÕES DE INTERDEPENDÊNCIA E DEPENDÊNCIA ENTRE OS CIRCUITOS DE FLUXOS DA PRODUÇÃO MANUFATUREIRA	86
3.4 AS SOLIDARIEDADES ORGÂNICAS E ORGANIZACIONAIS DESENVOLVIDAS PELA MANUFATURA DE SÃO BENTO	88
3.4.1 O ACONTECER HOMÓLOGO E O ACONTECER COMPLEMENTAR DA PRODUÇÃO MANUFATUREIRA	89
3.4.2 O ACONTECER HOMÓLOGO, COMPLEMENTAR E HIERÁRQUICO DA PRODUÇÃO MANUFATUREIRA	92

4	O PERÍODO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL MAQUINOFATUREIRO E A INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO	95
4.1	A MECANIZAÇÃO DA INDÚSTRIA TÊXTIL E A PRODUÇÃO DO MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL DE SÃO BENTO	101
4.2	O SISTEMA DE OBJETOS E O SISTEMA DE AÇÕES ATUAIS DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO	107
4.3	AS SOLIDARIEDADES E O ESPAÇO DE SÃO BENTO: OS CIRCUITOS DE FLUXOS E ESPACIAIS DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO	108
4.3.1	O ACONTECER HOMÓLOGO DO/NO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO REGIONAL DOS CIRCUITOS DE FLUXOS DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO	109
4.3.2	O ACONTECER COMPLEMENTAR: DESENVOLVIMENTO GEOECONÔMICO DESIGUAL E COMBINADO DOS LUGARES	114
4.3.3	O ACONTECER HIERÁRQUICO: AS VERTICALIDADES E O AGIR ORIENTADO PARA FINS COMO NORMA DE FUNCIONAMENTO DOS CIRCUITOS DE FLUXOS SOCIOESPACIAIS DE SÃO BENTO	123
5	OS CIRCUITOS DE FLUXOS E OS CIRCUITOS ESPACIAIS DA PRODUÇÃO E O MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL DE SÃO BENTO	127
5.1	OS CIRCUITOS DE FLUXOS INFERIORES E OS CIRCUITOS ESPACIAIS DA PRODUÇÃO LOCAL E REGIONAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO	128
5.2	O CIRCUITO DE FLUXOS SUPERIOR SECUNDÁRIO E OS CIRCUITOS ESPACIAIS DA PRODUÇÃO NACIONAL E INTERNACIONAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO	137
5.2.1	O SISTEMA DE OBJETOS E O SISTEMA DE AÇÕES DAS EMPRESAS DO CIRCUITO SUPERIOR SECUNDÁRIO DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO	141
5.2.2	O CIRCUITO SUPERIOR SECUNDÁRIO DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO: EXPANSÃO GEOGRÁFICA E REDUÇÃO NUMÉRICA: UM EXEMPLO	147
5.3	AS INTERAÇÕES ENTRE OS CIRCUITOS DE FLUXOS DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO	149
5.4	O MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL DE SÃO BENTO E A DIFUSÃO ESPACIAL DESIGUAL DA TÉCNICA, CIÊNCIA E INFORMAÇÃO	151
	CONCLUSÃO	159
	REFERÊNCIAS	169
	ANEXOS	177

INTRODUÇÃO

A produção do espaço de São Bento (MAPAS 01, 02 e 03) é o mote deste trabalho. Busca-se aqui, portanto, explicar como ela se deu, e se dá contemporaneamente, tomando por base o período de tempo que vai da segunda metade do século XIX ao momento atual, em função de suas interações com a constituição e reconstituição dos circuitos de fluxos socioespaciais de sua indústria têxtil, no contexto de passagem do seu meio técnico para o meio técnico-científico-informacional.

A explicação das interações entre a produção do espaço de São Bento e os/dos circuitos de fluxos socioespaciais¹, materiais e imateriais, de sua indústria têxtil, realizam-se no marco da constituição e avanço mundial do período técnico-científico-informacional da humanidade e do meio técnico-científico-informacional enquanto realidade espacial contemporânea da totalidade concreta (KOSIK, 1995) do mundo e do Brasil, em geral, e da formação socioespacial local, em particular.

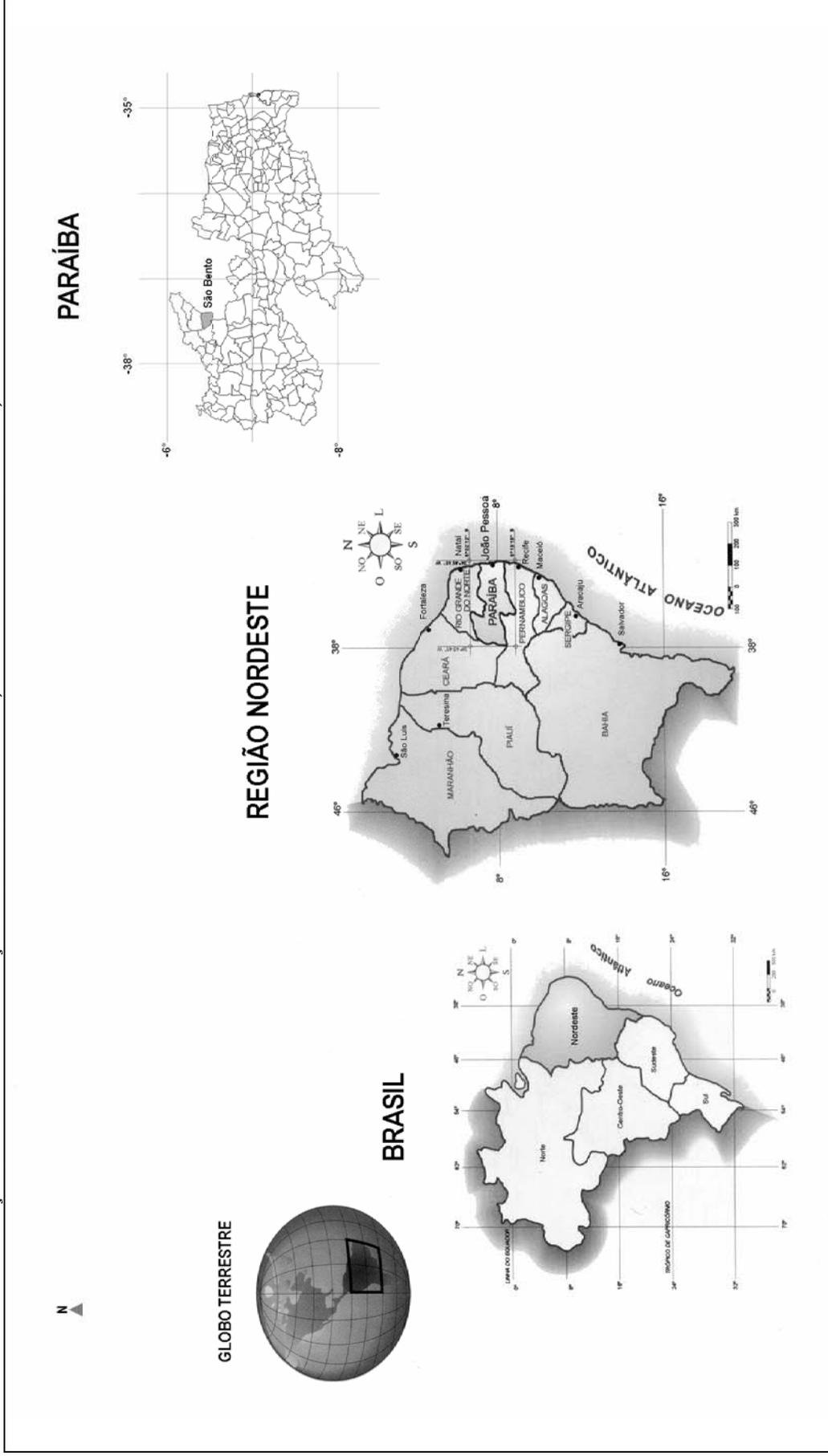
Em qualquer momento, a produção espacial é sempre a resultante e a condição de eventos que têm a sua origem e ação interna e externamente ao lugar. Ambos contribuem, portanto, para definir o espaço como uma configuração singular e particular, na universalidade e totalidade do mundo.

¹ O espaço enquanto realidade é sempre total e indivisível, isto significa que, em todos os momentos, os lugares que o forma são solidários e que esta solidariedade origina a totalidade (SANTOS, 1985, p. 64). Daí resulta que preferimos o termo *circuitos de fluxos socioespaciais* a *circuitos da economia urbana*, como empregado por Milton Santos (1979), por entender que ao se adjetivar o circuito se estará dando a ele uma abordagem *fundamentada em um espaço particular do espaço total*, o urbano.

Além disso, entre campo e cidade não se pode afirmar, para o caso de São Bento, que há diferenças significativas quanto à utilização da técnica de produção industrial, posto ser o primeiro, também, um lócus desta forma de fazer, competindo e estabelecendo, desse modo, relações socioespaciais com as empresas presentes no segundo, bem como no espaço regional.

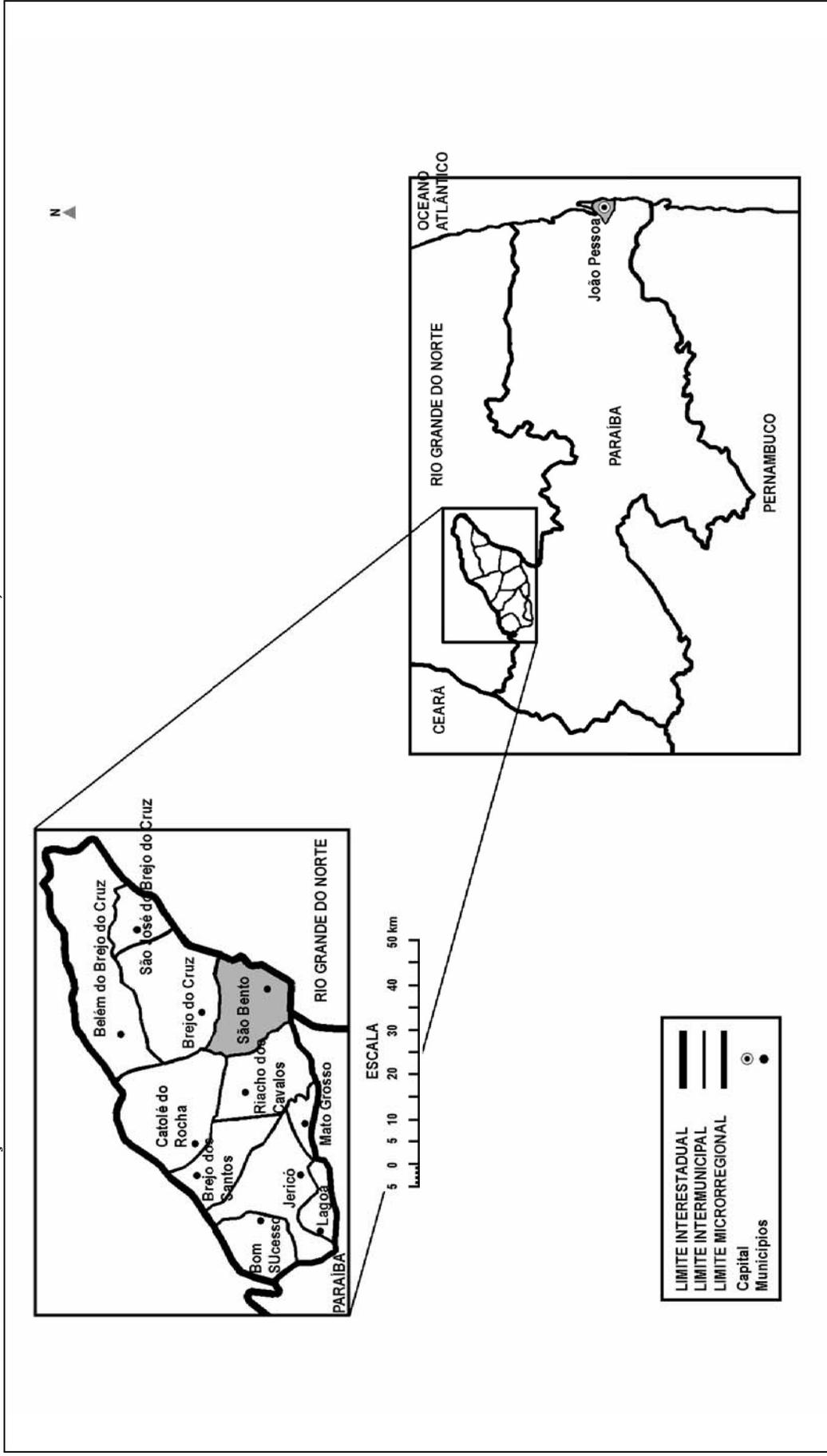
Essa não diferenciação produtiva significativa nos levou a admitir para São Bento, assim como para o país, a existência de circuitos de fluxos socioespaciais, pela inseparabilidade entre ação e espaço (ver Capítulo 1).

MAPA 01 – SÃO BENTO: POSIÇÃO GEOGRÁFICA EM RELAÇÃO AO ESTADO DA PARAÍBA, REGIÃO NORDESTE DO BRASIL, BRASIL E MUNDO



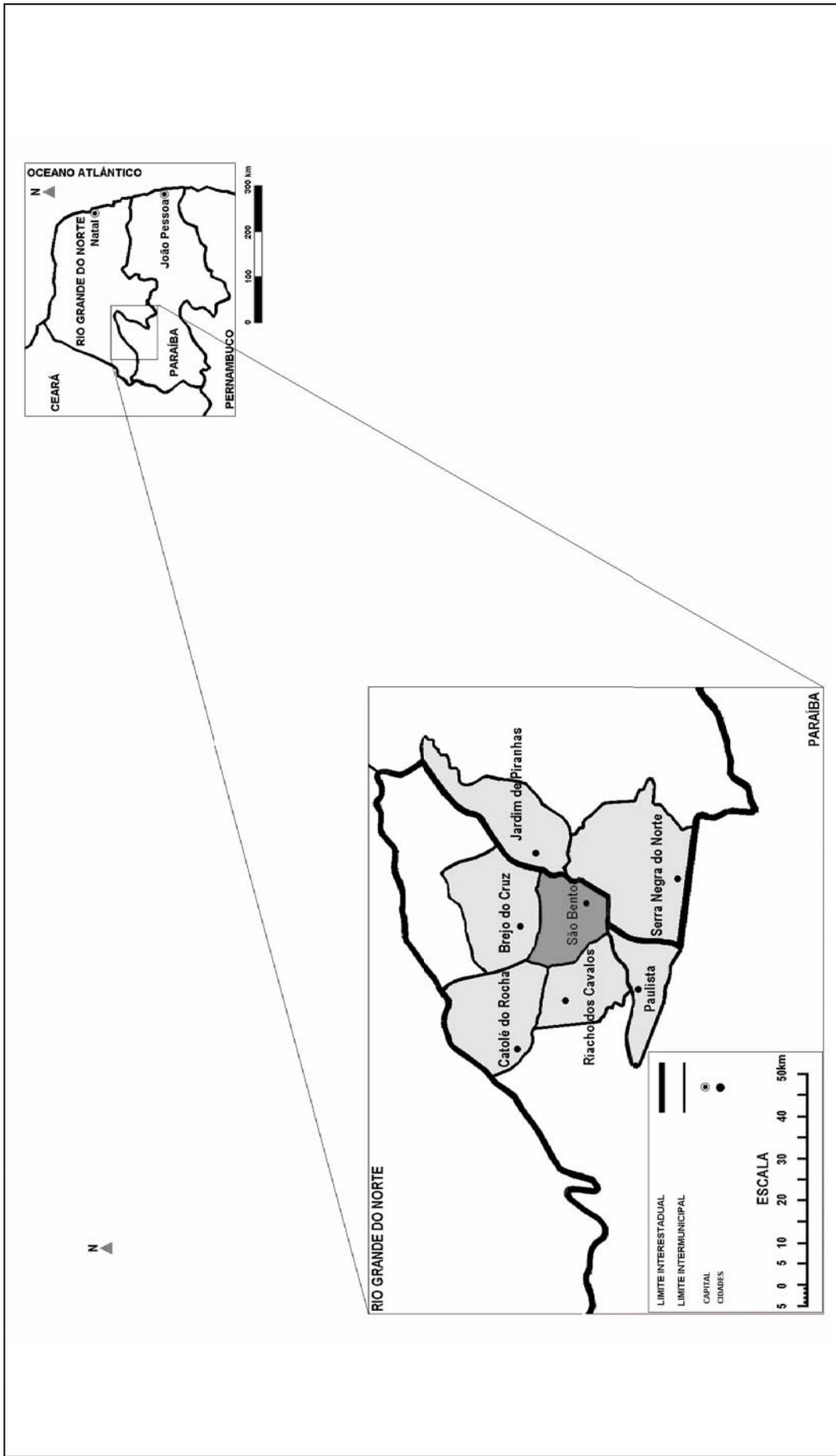
Fonte: IBGE (200-b); Rodriguez (2002, p. 11).
Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

MAPA 02 – SÃO BENTO: LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA NA MICRORREGIÃO DE CATOLÉ DO ROCHA, NA PARAÍBA



Fonte: Rodriguez (2003).
Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

MAPA 03 – SÃO BENTO: LIMITES GEOGRÁFICOS



Fonte: IBGE (1970); Simielli (2002, P. 41); SUDENE (1970).
Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

Os eventos internos produzem ações intersubjetivamente mediadas pela linguagem ou *orientadas ao entendimento* que se apóiam no *agir comunicativo* e na *razão comunicativa*² enquanto os eventos externos são geradores de *ações orientadas a fins*, apoiadas no *agir estratégico* e na *razão instrumental* (HABERMAS, 1990) e, como tais, estão a serviço do mercado e dos interesses particulares.

“A produção do espaço é resultado da ação dos homens agindo sobre o próprio espaço, através dos objetos, naturais e artificiais” (SANTOS, 1988, p. 64), que fazem o papel de mediadores entre a totalidade viva e a totalidade inerte, e de suas ações recíprocas, de exploração, cooperação, dependência, interdependência, de superioridade e/ou inferioridade, consciente e/ou inconsciente, passivas e/ou ativas, enfim, das ações do ser sobre o ser.

Como as ações sobre o meio e sobre os homens são qualitativamente diferentes, pelas técnicas que os diferentes grupos sociais mobilizam, a produção do espaço não pode ser outra coisa senão uma resultante desigual dessa situação, e sob a qual essas diferenciações e desigualdades implicam em solidariedades organizacionais, dando margem ao estabelecimento de uma divisão do trabalho entre áreas geograficamente próximas ou não.

Mesmo as grandes empresas não são capazes de produzir individualmente tudo o que necessitam para funcionar, o que as levam a criar solidariedades com outras a montante ou a jusante do processo produtivo, de mesmo porte ou não, do mesmo ramo ou não, do mesmo espaço ou não.

Essas solidariedades são relações espaciais exigidas *pela matéria* (SARTRE, 2002, p. 321), incluindo-se os objetos e os homens, neste último caso os empresários. Estes solicitam, em relação aos seus fornecedores, matérias-primas, insumos e serviços essenciais à produção e reprodução econômico-social.

² Segundo Habermas (2002, p. 30) a razão comunicativa ou destrancendentalizada se origina de três pressupostos pragmático-formais do *agir comunicativo*, no qual estão inclusos “a suposição comum a respeito de um mundo objetivo, a racionalidade que os sujeitos agentes supõem reciprocamente e a validade incondicional que exigem para suas afirmações nos atos de fala [...]”. Esta razão se liga, portanto, à própria estrutura da linguagem enquanto uma forma de comunicação, que vai além da relação entre expressões simbólicas e objetos de referência, incluindo as relações entre sujeitos racionais, linguagem e mundo (ARAÚJO In: HABERMAS, 2002, p. 16).

Pode-se afirmar então que a produção do espaço é social, ainda que, muitas vezes, resulte de ações individuais, envolvendo uma miríade de agentes sociais. Como a globalização³, o desenvolvimento desigual e combinado⁴ e a totalização em andamento contribuem para a desordem na ordem do mundo e dos lugares, exige-se a entrada em cena de atores sociais, capazes de fala e ação, em prol de uma outra ordem ou que impunham limites à existente.

“Isso coloca o homem como elemento central na discussão da produção do espaço, o homem em condições e situações sociais e históricas específicas [...]” (CARLOS, 1994, p. 21) na qual suas ações se dirigem na busca de direitos e interesses coletivos, na procura do entendimento com outros homens sobre algo no mundo, cujas finalidades particulares dão lugar a pretensões de validade, ainda que criticáveis, e que são apenas intersubjetivamente possíveis.

Cabe lembrar que ao falarmos em produção do espaço de São Bento não o estamos situando aos seus limites territorial e político-administrativo, pois o espaço, não importa a escala, é sempre uma totalidade, envolvendo o *espaço da produção propriamente dita*, o *espaço da distribuição*⁵, o *espaço da circulação* e o *espaço do consumo* (SANTOS, 1985).

Desse modo, o espaço em análise abrange a escala nacional, desde pelo menos a década de 1970, quando a sua indústria têxtil conseguiu fazer circular e distribuir suas mercadorias por todas as regiões do país, e parte importante da escala internacional, a partir da década de 1990, uma vez que a sua produção se internacionaliza mediante as exportações de redes de dormir para diversos países da América, África, Europa e Oceania.

³ A globalização é vista, por alguns, como o desenvolvimento do processo de internacionalização do capital (CARCANHOLO In: MALAGUTI; CARCANHOLO; CARCANHOLO, 1998, p. 16) outros como o ápice deste processo (SANTOS; SILVEIRA, 2004, p. 23), sendo vista ainda como a terceira etapa do desenvolvimento do capitalismo, passados o colonialismo e o imperialismo (ANDRADE, 1998, p. 236),

⁴ A *geografia do desigual desenvolvimento*, segundo Pierre George (1993, p. 68), é um fenômeno que ganha expressão após 1945 quando o crescimento dos desníveis de desenvolvimento dos países provocou inquietações nas sociedades. O desenvolvimento desigual, de acordo com Gottdiener (1997, p. 212), pode ser tratado como um fenômeno econômico e como um fenômeno geográfico, mas ele adverte que corresponde a um erro tratá-los separadamente, especialmente se atribuirmos primazia ao segundo, já que estes aspectos se inter-relacionam.

A produção capitalista do espaço é determinada pelas tendências contraditórias de diferenciação e igualização que emergem do centro deste modo de produção e se torna visível na paisagem como modelo do desenvolvimento desigual (SMITH, 1988, p. 149), um modelo espacial que não corresponde mais, apenas, aos grandes centros urbanos já que invade as cidades locais, a exemplo de São Bento.

⁵ O termo distribuição contempla um significado amplo, de tal modo poderíamos defini-lo como sendo formado pela circulação e pela distribuição propriamente dita. A circulação como forma de fazer chegar as mercadorias aos pontos de distribuição também é uma forma de distribuição.

Diante disto o espaço é visto, então, como um sistema de objetos⁶ e um sistema de ações (SANTOS, 1998a, 1999a, 1999b) *orientadas a fins e/ou ações orientadas para um entendimento* sobre algo no mundo objetivo, social e subjetivo entre, no mínimo, dois atores (HABERMAS, 1990, 1997, 2002, 2003a, 2003b, 2003c, 2004). Logo a sua produção não pode ser vista como *produção material* apenas, isto é, como construção da paisagem, envolvendo também a *produção imaterial*, de fluxos, ações e interações de toda ordem.

A produção material revela as ações orientadas a fins e sua razão instrumental, calculista e matematizada, ao passo que a produção imaterial põe em relevo a razão comunicativa entendida como o meio de integração, emancipação e libertação, revelando uma racionalidade que se liga à forma com que os atores sociais, falantes e ouvintes, capazes de linguagem e ação, fazem uso do conhecimento (HABERMAS, 2003b, p. 24)⁷.

Muitos e variados são os agentes e atores socioespaciais capazes de imprimir ao espaço modificações em suas *tecnoesfera* e *psicoesfera*⁸ segundo uma hierarquia que é paralela ao seu grau de importância social, econômica e política no contexto territorial ao qual se vincula. Todavia, do ponto de vista deste trabalho, interessa ver como determinado grupo de agentes e atores sociais atuam, que objetos e ações empregam nesse agir e que relações estabelecem entre si nesse processo.

Esse grupo de agentes e atores sociais está, obrigatória e necessariamente, ligado aos circuitos de fluxos da produção industrial cujas transformações mundiais vêm repercutir no Brasil e em suas formas de organização e produção, incluindo aqui a totalidade dos seus momentos. As

⁶ O objeto, diz Abraham Moles (1973, p. 198), é um elemento essencial do meio, um dado primário da relação do indivíduo com o mundo que o rodeia. Não natural, não ativo, não imóvel e não superior à escala do homem, são algumas das suas características, afirmando ainda que “*o objeto é um elemento do mundo exterior fabricado pelo homem e que este pode segurar ou manipular*” (MOLES, 1973, p. 202, grifo do autor). Baudrillard se desvia da noção de Moles ao incluir no seu *sistema dos objetos* aqueles que são fixos e cuja escala é superior à do ser humano, permitindo com esta ampliação tipológica uma manipulação de sua noção, tornada menos rigorosa, dentro de pluralidades culturalmente já organizadas (TAVARES In: BAUDRILLARD, 2002, p. 214).

⁷ “[...] la racionalidad tiene menos que ver con el conocimiento o con la adquisición de conocimiento que con la forma en que los sujetos capaces de lenguaje y de acción hacen uso del conocimiento” (HABERMAS, 2003b, p. 24).

⁸ Tecnoesfera significa a artificialização e artificialidade do meio, resultado dos acréscimos técnicos ao território, ao passo que a psicoesfera se refere aos comportamentos e relações individuais e interpessoais, aos hábitos, crenças e desejos do homem (SANTOS, 1998a, p. 32).

relações se intensificam não só entre empresas do mesmo ramo, mas de produções distintas, exigindo novas ações para fazer frente a novas situações.

Pelo fato dos circuitos de fluxos – incluindo os de objetos, pessoas, serviços, informação, conhecimento, comunicação, normas, leis, ações etc. – se darem no espaço e serem espaço, busca-se relacionar para cada circuito por nós propostos para a realidade da indústria têxtil e de São Bento a existência de correspondentes circuitos espaciais da produção.

Assim o Circuito de Fluxos Inferior Informal (CFII) é correlato de um Circuito Espacial da Produção Local (CEPL), o Circuito de Fluxos Inferior Formal (CFIF) do Circuito Espacial da Produção Regional (CEPR) e o Circuito de Fluxos Superior Secundário (CFSS) do Circuito Espacial da Produção Nacional (CEPN) e do Circuito Espacial da Produção Internacional (CEPI).

Os circuitos espaciais envolvem não apenas a produção de uma mercadoria determinada e as suas diferentes etapas (Cf. SANTOS, 1988, p. 45-60, Cf. SANTOS In: SOUZA; SANTOS, 1986, p. 121-134) como também a produção de informações, de conhecimento, de normas, de razões e contrafinalidades que são difundidas em uma formação socioespacial, entre os agentes e os atores sociais a partir das diferentes formas de comunicação, incluindo as tecnológicas e as do corpo, em especial os *atos de fala*⁹.

Cada período histórico e geográfico é portador de um conjunto específico de elementos caracterizadores e diferenciadores dos anteriores e dos demais. Do ponto de vista desse trabalho dois elementos socioespaciais são centrais, o homem e suas ações e os objetos e seus usos referidos à indústria têxtil de São Bento existente em cada momento histórico da produção de seu espaço.

Santos (1985, p. 3) lembra que em cada período as variáveis do espaço mudam de valor e significado e independentemente do tipo de análise que se faz é necessária uma

⁹ Os *atos de fala* são expressões humanas como ordens, confissões, constatações bem como todo tipo de proferimentos lingüísticos que possam auxiliar, em uma situação de agir comunicativo, a duas ou mais pessoas chegarem a um entendimento sobre algo (HABERMAS, 1990, p. 65).

periodização, caso contrário correr-se-á o risco de uma interpretação equivocada da realidade, pois quanto menor a escala de estudo mais complexa essa interpretação, em função dos fatores externos que agem sobre a mesma advirem dos mais diversos e variados níveis, freqüentemente o regional, nacional e global.

Por outro lado, como o espaço se transforma ao transformar-se a sociedade e como cada transformação é acompanhada por uma temporalidade particular (NICOLAS In: SANTOS, SOUZA; SILVEIRA, 1998, p. 85) todas essas questões nos levam a propor, para o município de São Bento, a existência de três períodos geográfico e histórico que refletem a relação entre o mundo e o lugar, neste último ponto destacando as formas-conteúdo assumidas, no tempo e espaço, pela indústria têxtil local e os respectivos meios geográficos que as acompanham.

Estes períodos compreendem o período técnico artesanal, o período técnico-científico manufatureiro e o período técnico-científico-informacional maquinofatureiro. Ambos são temporalmente incompletos, isto é, no primeiro apenas alguns tipos de técnicas estão presentes, no segundo a ciência é escassa e no terceiro a esta escassez soma-se a incompletude do meio quanto à informação.

Quanto ao estudo dos processos temporais da produção e reprodução das formas-conteúdo este será empreendido “não numa perspectiva evolutiva de sucessão/substituição, mas numa perspectiva dialética de (re) e (de) construção e (re) e (dis) solução das formas, estruturas, processos e práticas, espaços onde o passado é imanente ao presente e ao futuro [...]” (LIMONAD In: LIMONAD; HAESBAERT; ARAÚJO, 2004, p. 56-57).

Em cada período há uma determinada forma de produção e de organização espacial, de inter-relação entre determinado sistema de objetos e sistema de ações, diferindo em intensidade e qualidade, em seus processos e arranjos espaciais, mas que sob o modo capitalista de produção mantém uma constância típica dos *espaços capitalistas* em sua essência – as relações de dominação homem/homem e homem/meio – e em sua aparência – fragmentação¹⁰ e articulação,

¹⁰ Estamos de acordo com Becker (In: LIMONAD; HAESBAERT; MOREIRA, 2004, p. 13) quando diz que o “termo

reflexo e condição social, campo simbólico e de lutas (CORRÊA, 2001, p. 145).

Como um híbrido de produção teórica e trabalho prático, empreendemos uma pesquisa de campo sem período delimitado que principiou na redação de nosso projeto de dissertação, quando nos preparávamos para a seleção do mestrado, porém concentrando-se mais ativamente entre o período de junho a dezembro de 2005, quando então realizamos entrevistas, não estruturadas e estruturadas, e conversas informais com agentes e atores sociais significativos da indústria têxtil de São Bento.

Optou-se por não trabalhar com dados oficiais sobre esta indústria, como os existentes na Junta Comercial, no IBGE, na FIEP ou outros órgãos governamentais uma vez que tais informações são deficitárias, incompletas e não adequadas para o estudo da realidade local. Este é o caso, por exemplo, da quantificação das indústrias têxteis locais e do volume negociado, os quais se baseiam nas legalmente existentes.

Assim, a pesquisa de campo foi empreendida mais numa perspectiva qualitativa que quantitativa, priorizando-se as informações verbais, colhidas informalmente, que pudessem dar conta da constituição e reconstituição dos circuitos de fluxos e dos circuitos espaciais da produção de São Bento em cada período espaço-temporal dessa formação socioespacial.

Pelo fato de ver-se o espaço de São Bento como definido anteriormente e atentar-se para o papel dos diversos tipos de solidariedade¹¹ na sua produção, mostrou-se necessária a ida a diferentes municípios que de alguma forma mantêm interações significativas com a indústria têxtil local.

A alguns porque também são produtores de redes de dormir, como Aparecida, Brejo do Cruz, Paulista e Pombal, na Paraíba, e Jardim de Piranhas, no Rio Grande do Norte e a outros porque são fornecedores de serviços individuais ou de mão-de-obra para as empresas de São

fragmentação não é adequado porque sugere uma ruptura” daí preferimos ver o espaço como diferenciado.

¹¹ Dentre elas estão o acontecer homólogo, o acontecer complementar e o acontecer hierárquico. Conforme assinala Santos (1999a, p. 132), ao tratar das formas de solidariedade espacial, o acontecer homólogo se refere às produções intra-urbanas e/ou delimitadas ao campo, ficando as relações interurbanas e/ou cidade-campo, definidas como acontecer complementar. Já o acontecer hierárquico se refere à racionalização das atividades operadas mediante um comando, cuja concentração é sua marca principal (SANTOS, 1999a, p. 132).

Bento, tais como Catolé do Rocha, na Paraíba.

Da mesma forma buscou-se conhecer outras realidades produtoras de redes de dormir e similares¹², a exemplo de Boqueirão¹³, na Paraíba, de Pedro II¹⁴, no Piauí, Jaguaruana¹⁵, no Ceará e Tacaratu¹⁶, em Pernambuco, ou produtoras de outros têxteis a exemplo das regiões produtoras de sapatos da Paraíba – Patos e Sousa – de bonés no Rio Grande do Norte – Caicó – e de Malharias no Agreste pernambucano – Santa Cruz do Capibaribe e Toritama.

Este conhecimento se processou através de fontes indiretas, como dissertações e teses já publicadas sobre as mesmas ou por meio de reportagens e notícias colhidas nos meios de informação e comunicação como a Internet, visando compará-las à realidade de São Bento, cuja intenção subjacente foi a de melhor compreender a produção deste espaço, uma vez que há entre elas diferentes tipos de interações.

O trabalho está dividido em cinco capítulos. O CAPÍTULO 1 traz uma breve descrição e análise crítica da teoria miltoniana dos dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos e dos circuitos espaciais da produção na medida em que serve de embasamento para os capítulos seguintes. Não se trata de uma descrição exaustiva, nem tampouco dogmática, mas de buscar compreendê-la a luz da realidade contemporânea.

A origem da indústria têxtil e da produção do espaço de São Bento é vista no CAPÍTULO 2, momento em que surge o período técnico artesanal local e a técnica do artesão (ORTEGA Y GASSET, 1963) como predominante socioespacialmente. Este é o período em que o tempo lento da natureza e do espaço é hegemônico, cuja animação dos objetos pelas ações humanas está limitada por suas qualidades enquanto possibilidades (SANTOS, 1999a, p. 213).

O período técnico-científico manufatureiro de São Bento é o tema do CAPÍTULO 3. Com ele se dá a implantação da técnica manufatureira responsável pela estruturação dos circuitos de

¹² Para o Nordeste como um todo, ver o trabalho de Araújo (1996a).

¹³ Para este caso, ver Silva (1997).

¹⁴ Para este caso, ver o trabalho de Araújo (1985).

¹⁵ Para este caso, ver o trabalho de Scipião (2004), Ribeiro Neto; Gondim et. all. (2005) e Amorim; Ipiranga; Moreira (2004).

¹⁶ Para este caso, ver Imaginário Pernambucano [200-] e Tacaratu [2003].

fluxos inferior formal e superior secundário da indústria têxtil local, processo concomitante da emergência do circuito espacial da produção regional e do circuito espacial da produção nacional, este último a partir da década de 1970.

O período técnico-científico-informacional maquinofatureiro de São Bento, tratado no CAPÍTULO 4, traz a consolidação da mecanização têxtil e possibilita a internacionalização produtiva através das ações do seu circuito de fluxos superior secundário e seus respectivos circuitos espaciais da produção na escala nacional e internacional.

A relação entre *os circuitos de fluxos e os circuitos espaciais da produção e o meio técnico-científico-informacional de São Bento* é o tema do CAPÍTULO 5. As interações entre cada circuito de fluxos e seus circuitos espaciais da produção respectivos são tratadas a partir da consideração dos diversos momentos da produção, analisando-os em cada caso como resultado e condição do acontecer homólogo, complementar e hierárquico.

Por fim faz-se uma breve conclusão em que se atenta para o fato de que a produção do espaço de São Bento, incluindo a sociedade e seu sistema de objetos, tem se dado como resposta às modernizações porque passou a sua indústria têxtil aliada aos avanços dos períodos técnicos da humanidade sobre o Brasil, desde o final do século XIX, e que tal produção tem sido marcada por um processo contraditório de inserção sem integração socioespacial da grande maioria da população ligada aos circuitos de fluxos socioespaciais da indústria têxtil local.

Capítulo 1

O PERÍODO TECNOLÓGICO, OS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA¹⁷ E OS CIRCUITOS ESPACIAIS DA PRODUÇÃO

Ao centrarmos a constituição do meio técnico-científico-informacional de São Bento a partir das interações entre a produção do espaço e a indústria têxtil local na perspectiva da teoria miltoniana dos dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos e dos circuitos espaciais da produção como capaz de possibilitar a análise, compreensão e explicação sintética da realidade socioespacial faz-se necessária uma exposição crítica, ainda que resumida, da mesma a fim de identificar sua atualidade e desatualidade quanto a estas possibilidades.

A realidade local e regional estudada é o ponto de partida, na medida em que é a totalidade concreta, pesquisada, vivenciada e experienciada que estabelece os limites e amplitudes de toda teoria. É no espaço concreto, partilhado intersubjetivamente por pessoas e povoado por objetos em interação com elas, que toda teoria se sustenta e se desfaz.

Sendo o espaço uma síntese sempre provisória, da mesma forma que o é toda teoria, apenas ele nos instrui a ver o que mudou e o que permanece do passado como resultado de um jogo dinâmico e dialético entre forma e conteúdo promovido pelos processos advindos da estrutura social em sua totalidade.

Nesta perspectiva duas coisas devem ser ressaltadas de imediato, quais sejam: de um lado, a constituição dos dois circuitos da economia urbana apenas é compreensível no contexto de configuração do período tecnológico a partir da metade do século passado e de outro apenas a partir de sua transformação e complexificação como período técnico-científico-informacional é que tais circuitos e a teoria que os sustentam podem ser analisados e questionados. Os circuitos espaciais da produção também obedecem a esta norma.

¹⁷ O estudo dos dois circuitos da economia urbana foi desenvolvido pelo geógrafo brasileiro *Milton Santos*, em diversos trabalhos. A esse respeito ver, por exemplo, Santos (1978, 1979, 1982a e 2003).

1.1 OS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA E OS CIRCUITOS ESPACIAIS DA PRODUÇÃO

O lapso de tempo que vai de 1945 a 1970 é marcado por diversos eventos que juntos contribuíram para a produção de uma realidade histórica e espacial do tipo hardware (BAUMAN, 2001), tais como a consolidação do espaço-tempo do fordismo (NICOLAS In: SANTOS; SOUZA; SILVEIRA, 1998), a transnacionalização da economia (BRUM, 1998), o avanço cultural do capitalismo e sua função ideológica (IANNI, 1999b) e a emergência de preocupações internacionais (IANNI, 1999a).

Neste contexto, somado às particularidades dos países subdesenvolvidos, emergiu a construção teórica dos dois circuitos da economia urbana ainda na segunda metade da década de 1960 (SANTOS 1966 apud SANTOS, 1979) cuja marca central é a dualidade estrutural e de funcionamento, embora sem dualismo, de suas economias como conseqüência, direta e indireta, do período tecnológico. O outro desses circuitos são os circuitos espaciais da produção.

Os circuitos da economia urbana são definidos como um *sistema de fluxos econômicos* – de mercadorias e serviços – entre as atividades econômicas e uma determinada população, sem desconsiderar os fluxos externos, mantidos entre circuitos de natureza distinta (SANTOS, 1979). Os circuitos espaciais da produção correspondem “[...] as diversas etapas pelas quais passariam um produto, desde o começo do processo de produção até chegar ao consumo final” (SANTOS, 1988, p. 49).

Uma análise conjunta desses dois tipos de circuitos revela a profunda dimensão econômica que os define, a qual se propõe acrescentar a comunicativa, que se encontra em constante interação, colonização e desdiferenciação com a anterior.

Daí admitir-se que os circuitos da economia e os circuitos espaciais da produção sendo formados por elementos do mundo sistêmico e do mundo da vida (QUADRO 01) permitem um tratamento global do espaço, de sua produção e reprodução.

QUADRO 01- OS CIRCUITOS DE FLUXOS DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO: CARACTERÍSTICAS COMPARATIVAMENTE AO CIRCUITO SUPERIOR HEGEMÔNICO

VARIÁVEIS	CIRCUITO SUPERIOR HEGEMÔNICO		CIRCUITO SUPERIOR SECUNDÁRIO		CIRCUITO INFERIOR	
	Formal	Informal	Formal	Informal	Formal	Informal
MUNDO SISTÊMICO	Expressiva importância	Menor importância	Menor importância	Menor importância	Menor importância	Menor importância
AÇÃO ESTRATÉGICA	Dominante	Importante	Importante	Baixa	Inexpressiva	Inexpressiva
RAZÃO INSTRUMENTAL	Dominante	Pouco importante	Pouco importante	Reduzida importância	Reduzida importância	Reduzida importância
TECNOLOGIA	Capital intensivo	Trabalho intensivo	Trabalho intensivo	Trabalho intensivo	Trabalho intensivo	Trabalho intensivo
INOVAÇÃO	Alta	Em expansão	Em expansão	Baixa	Reduzida	Reduzida
EMPREGO	Reduzido	Volumoso-Permanente	Volumoso-Permanente	Volumoso-Temporário	Reduzido-Temporário	Reduzido-Temporário
ASSALARIADO	Dominante	Crescente	Crescente	Variável	Variável	Variável ou não obrigatório
OBJETOS DA PRODUÇÃO	Técnicos-científicos-informacionais	Técnicos-científicos, técnicos-científicos-informacionais e técnicos	Técnicos-científicos, técnicos-científicos-informacionais e técnicos	Técnicos-científicos e técnicos	Técnicos-científicos e técnicos	Técnicos-científicos e técnicos
CAPITAIS	Importantes	Importantes	Importantes	Reduzidos	Mínimos	Mínimos
ESTOQUES	Inexistente ou em pequena quantidade	Inexistente	Inexistente	Inexistente	Inexistente	Inexistente
CUSTOS FIXOS	Importantes	Razoáveis	Razoáveis	Relativos e variáveis	Baixos e variáveis	Baixos e variáveis
CRÉDITO	Bancário institucional	Bancário institucional	Bancário institucional	Ausente, pessoal ou bancário	Ausente, Pessoal	Ausente, Pessoal
AJUDA GOVERNAMENTAL	Importante	Importância crescente	Importância crescente	Pouco expressiva	Nula ou quase nula	Nula ou quase nula
ORGANIZAÇÃO	Burocrática	Relativamente burocrática	Relativamente burocrática	Burocrática Incipiente e não burocrática	Não-burocrática	Não-burocrática
PREÇOS	Fixos (em geral)	Fixos (em geral)	Fixos (em geral)	Fixos (em geral)	Fixos (em geral)	Fixos (em geral)
PAGAMENTO ADIANTADO	Obrigatório	Dominante	Dominante	Não dominante	Não frequente	Não frequente
MARGEM DE LUCRO	Reduzida por unidade, mas importante pelo volume de negócios (exceção produtos de luxo)	Reduzida por unidade, mas relativamente elevada em relação ao volume de negócios (exceção redes de luxo)	Reduzida por unidade, mas relativamente elevada em relação ao volume de negócios (exceção redes de luxo)	Reduzida por unidade e relativamente baixa em relação ao volume de negócios (exceção redes de luxo)	Reduzida por unidade e baixa em relação ao volume de negócios (exceção redes de luxo)	Reduzida por unidade e baixa em relação ao volume de negócios (exceção redes de luxo)
PUBLICIDADE	Necessária	Crescente	Crescente	Baixa	Nula	Nula
DEPENDÊNCIA DIRETA DO EXTERIOR	Grande, atividade voltada para o exterior	Relativamente alta, atividade voltada para o exterior	Relativamente alta, atividade voltada para o exterior	Reduzida ou nula	Nula	Nula
RELAÇÕES COM A CLIENTELA	Impessoais e/ou com papéis	Impessoais e/ou com papéis e pessoais	Impessoais e/ou com papéis e pessoais	Pessoais e impessoais	Pessoais	Pessoais
MUNDO DA VIDA	Não importante	Menor importância	Menor importância	Maior importância	Expressiva importância	Expressiva importância
AÇÃO COMUNICATIVA	Inexpressiva	Baixa	Baixa	Importante	Dominante	Dominante
RAZÃO COMUNICATIVA	Inexpressiva	Pouco expressiva	Pouco expressiva	Expressiva	Elevada expressividade	Elevada expressividade
ESPAÇO DE INTERAÇÃO	Mundial	Nacional e internacional	Nacional e internacional	Regional	Local	Local

Fonte: Habermas (1990, 2003a, 2003b, 2003c); Santos (1979, 1982a, 2003).

Conforme o QUADRO 01 pode-se admitir, tomando por ponto de partida as interações socioespaciais de São Bento com o resto do país, a existência nacional de um circuito de fluxos superior, que pode ser dividido em um *circuito de fluxos superior hegemônico*, *circuito de fluxos superior não-hegemônico* e *circuito de fluxos superior secundário*, e de um *circuito de fluxos inferior*, formado pelo *circuito de fluxos inferior formal* e pelo *circuito de fluxos inferior informal*.

Os três últimos têm presença marcante no território de São Bento, cuja quantidade é ascendente respectivamente. Os circuitos superiores estão presentes indiretamente ou diretamente por pontos de suas redes de objetos que se espalham pelo país, a exemplo das agências bancárias e do sistema de telecomunicações.

Semelhantemente aos circuitos espaciais da produção, que não possuem adjetivações, pois envolvem tanto o espaço urbano como o rural, propõe-se que os circuitos econômicos sejam entendidos como *circuitos de fluxos socioespaciais*. Na perspectiva miltoniana os circuitos são da *economia urbana*, isto é, trata-se de algo limitado ao sistema de mercado, frequentemente amparado por um poder político, e ao espaço adjetivo ou parcial urbano, não substantivo ou total.

Todavia, embora os circuitos espaciais da produção sejam substantivos, pois consideram o espaço em sua totalidade, e a sua definição seja reveladora da dinamicidade espacial, já que tem o mérito de apontar o modo como os fluxos atravessam o território (SANTOS; SILVEIRA, 2004a, p. 143) eles restringem-se aos elementos do mundo sistêmico do mercado, sem considerar os aspectos comunicativos, isto é, os fluxos imateriais, especialmente informais, do cotidiano das pessoas¹⁸.

Conceituar os circuitos como de fluxos socioespaciais significa unir os fluxos imateriais de toda ordem aos fluxos materiais de qualquer natureza que configuram o espaço e que são por este configurado. Trata-se de trabalhar, de forma conjunta, os circuitos de fluxos, materiais e imateriais, que são produzidos e trocados pelos agentes sociais, empresas e instituições

¹⁸ Nesta perspectiva parece está a idéia de círculos espaciais de cooperação, expressos nos fluxos imateriais de ordens, mensagens, informações, capitais etc. que garantem uma produção espacialmente distribuída (SANTOS; SILVEIRA, 2004, p. 144).

dentro dos circuitos espaciais da produção segundo as divisões do trabalho territorial.

Os circuitos da economia urbana se definem por um conjunto de atividades que se realizam em certo contexto e por um setor da população que a ele se liga pela atividade e pelo consumo (SANTOS, 1979, p. 33). Duas condições são exigidas para que existam: as técnicas ou de *produção* – o tipo de tecnologia, capital e mão-de-obra – e as humanas ou de reprodução – os grupos populacionais que a eles se vinculam por meio do *consumo*.

Cabe fazer uma ressalva quanto às palavras produção e consumo. Na perspectiva de circuitos enquanto formado pela solidariedade entre sistema e mundo da vida, este último atribui às ações de produção e consumo um significado mais amplo, incluindo as de normas, conhecimento, informações, valores, atitudes, bem como esperanças, sonhos e desejos a partir das ações e da razão comunicativa.

Por outro lado, se é verdade que a população que consome, freqüentemente, no circuito superior pode ter acesso fácil às mercadorias e serviços produzidos nos outros circuitos (SANTOS, 1979) a recíproca não é verdadeira. Esta situação se amplia, quanto a este último aspecto, na medida em que há dificuldades novas, verificadas em São Bento, para a parcela da população relacionada, pelo consumo, ao circuito inferior como, por exemplo, a impossibilidade de consumir certos tipos de redes de dormir que elas próprias fabricam.

As atividades de capital não intensivo, os serviços não-modernos fornecidos a varejo e o comércio não-moderno e de pequena dimensão formadoras do circuito inferior (SANTOS, 1979) sempre tiveram um papel de coadjuvantes no desenvolvimento econômico e social do Brasil, porém as políticas de apoio às MPMEs (Micro, Pequenas e Médias Empresas) em torno dos Arranjos Produtivos Locais (APLs) tem contribuído para alterar esta visão, ao lhes permitir maior poder de barganha, redução de custos e vendas com grandes encomendas (PUGA, 2003, p. 25).

Essa configuração renovada do circuito inferior, na forma de Arranjos Produtivos Locais, vivenciada em vários lugares do mundo e uma realidade introdutória em São Bento, desde 2001, por intermédio da constituição do APL de redes de dormir local, permite falar em certa

desatualidade na teoria dos dois circuitos, isto porque estes novos “atores” trazem no processo de sua conformação a negação de vários elementos (FIGURA 01) e características destes circuitos.

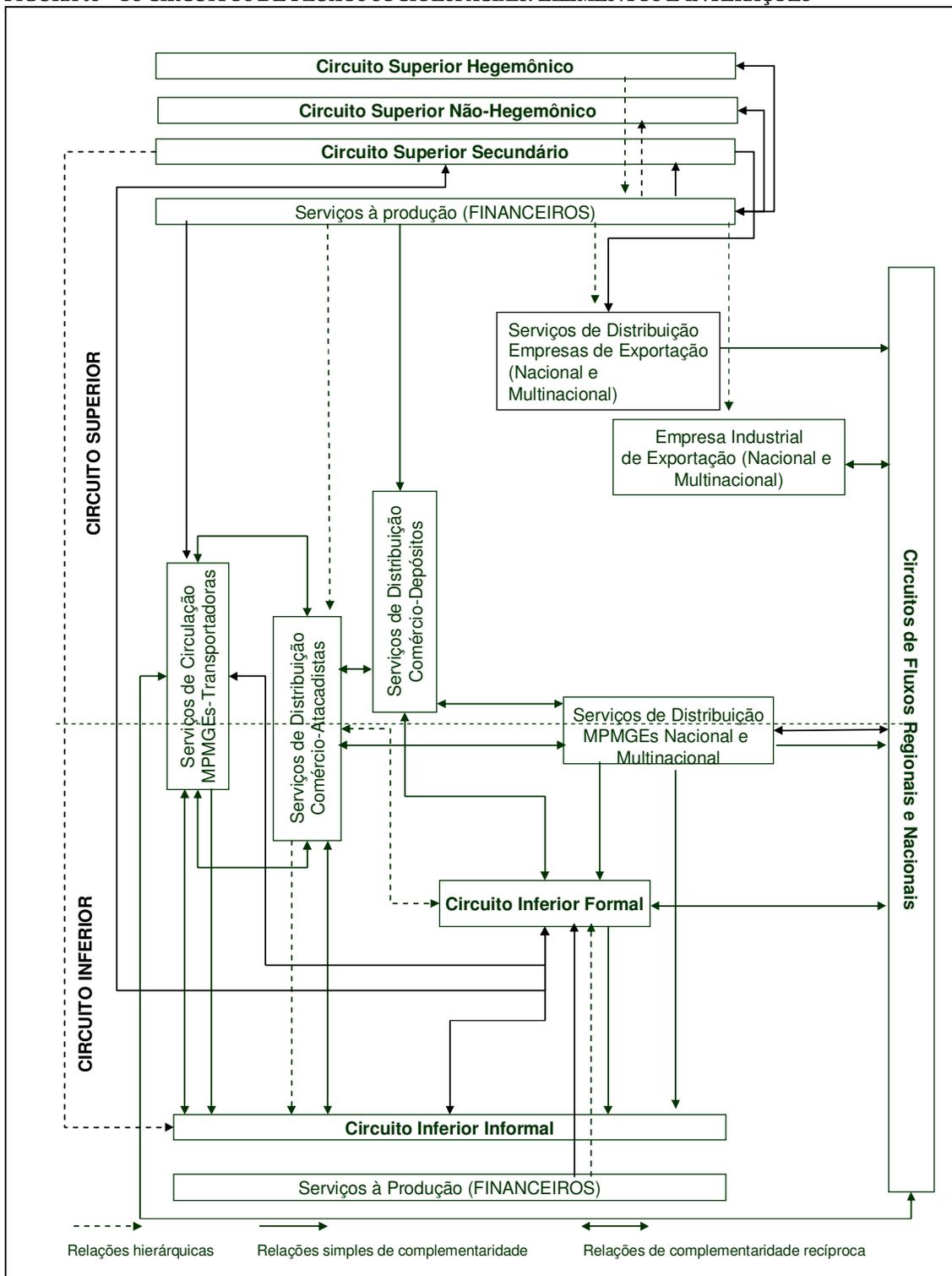
Esta afirmação serve como ponto de partida para a defesa da não dualidade da economia urbana, ou melhor, da sociedade e do espaço nacional hodiernamente e para percebê-la, portanto, como uma realidade complexa, cujas situações particulares são sempre mais densas em função da suas posições na hierarquia urbana, dos seus aportes em ciência, tecnologia e informação e da quantidade e qualidade das relações socioespaciais que estabelecem com o exterior.

Dependendo do que se entende por circuito superior e por circuito inferior, pode-se ficar em condições de perceber, ao compará-los entre si, que dentro de cada um há não somente semelhanças, mas diferenças substanciais quanto às suas categorias constituintes que vão permitir sua identificação segundo a lógica estrutural e funcional que elas autorizam ou desautorizam espacialmente.

Desse ponto de vista o circuito superior de fluxos socioespaciais não pode ser entendido como um todo homogêneo, nem tampouco o circuito inferior. Eles não formam, portanto, dois blocos maciços e indiferentes internamente quanto ao uso de capital, técnica, ciência, informação, organização, distribuição e consumo produtivo, nem quanto à população que a eles se liga direta ou indiretamente.

Essa diferença é visível, dentre outros aspectos, pelas complementaridades que cada circuito de fluxos produz ao produzir seus próprios circuitos espaciais da produção em função do seu peso diferencial na organização do espaço sobre o qual e no qual produz, distribui, se relaciona e vende. Mesmo dentro de cada circuito os elementos que os formam não têm o mesmo peso na produção e organização do espaço.

FIGURA 01 – OS CIRCUITOS DE FLUXOS SOCIOESPACIAIS: ELEMENTOS E INTERAÇÕES



Fonte: Modificado de Santos (1979).

Na teoria dos dois circuitos há ainda um *circuito superior marginal* que é o resultado, de um lado, da sobrevivência de formas de organização menos modernas que as do circuito superior, e de outro, a resposta a uma demanda, advinda tanto do circuito superior quanto do circuito inferior, cuja escala é insuficiente para fazer emergir uma atividade totalmente moderna, logo ele teria um caráter *residual* e um caráter *emergente* (SANTOS, 1979, p. 80).

As atividades emergentes não encontram a força necessária para desenvolver-se para além de seu patamar tecnológico e organizacional pela deficiência da demanda, já que esta não consegue consumir acima de um limite determinado. Vicecont; Neves (2003, p. 18-19) consideram que a demanda está na dependência da ação conjunta ou combinada do *preço do bem*, da *renda do consumidor*, do *preço de outros bens* e dos *hábitos e gostos dos consumidores*.

Embora o circuito superior seja formado por atividades *puras*, cuja ligação é direta com o local, *impuras*, cujo essencial de seus vínculos se dá com o exterior, e *mistas* que se ligam a ambos os circuitos e o circuito inferior tenha sido dividido em *circuito inferior central* e *circuito inferior residencial*, com base na localização urbana, e igualmente em *circuito inferior permanente* e *circuito inferior periódico*, conforme o mercado tenha um funcionamento temporário ou regular, (SANTOS, 1979) ambos são vistos como um todo homogêneo pelas características sistêmicas que os formam.

Nota-se, atualmente, que o estabelecimento da sociedade e do espaço em rede (Cf. CASTELLS, 2005), ainda que como uma promessa para muitos lugares e incompletamente presente para outros, tornando o número de fluxos mais intensos e variados entre as formações socioespaciais e contribuindo para alterar as características das atividades produtivas tradicionais, como a indústria têxtil de fabricação de redes de dormir, tem contribuído para alterar significativamente não apenas a noção de circuito inferior como também a de circuito superior.

As análises de Siqueira (2000, p. 9) sobre o desempenho e as estratégias de grandes grupos brasileiros são significativas da hierarquização e complexidade do próprio circuito superior ao afirmar que “quando comparados com os grandes grupos internacionais, os do Brasil

podem ser considerados de pequeno porte”¹⁹. Ele cita o exemplo do Itaúsa, o maior grupo da amostra, que possuía em 1995 um ativo de US\$ 27,8 bilhões, mas que era bem inferior aos grupos financeiros internacionais, japoneses, europeus ou dos Estados Unidos.

Essa complexificação do real tem como fundamento o processo de globalização, não apenas econômica e financeira, como social em sua totalidade, cujo discurso avassalador do mercado invade os corações e mentes das pessoas, em particular dos agentes econômicos, incluindo os do circuito inferior, levando-os a buscarem formas de inclusão de suas atividades em um novo patamar socioespacial.

Neste contexto os circuitos se redefinem a tal ponto que o circuito superior parece ficar, em certos casos menos superior, ao passo que o circuito inferior demonstra, em casos particulares muito numerosos, por sinal, ficar menos inferiores. Daí a idéia, defendida nessa dissertação, da existência de vários circuitos de fluxos socioespaciais ao lado de diversos circuitos espaciais da produção em conformidade com eles.

1.2 A GLOBALIZAÇÃO, OS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA E OS CIRCUITOS ESPACIAIS DA PRODUÇÃO

A formação do meio técnico-científico-informacional do Brasil, que vem se dando desde a metade do século XX, acarretou mudanças importantes na sua composição técnica territorial, expandindo as infra-estruturas, e na sua composição orgânica, com a presença da cibernética, biotecnologia, informática, novas química e eletrônica (SANTOS, 1998b, p. 37) sem que esta nova realidade espacial tenha conseguido incluir, para não falar em integrar, social, política, econômica e territorialmente a grande maioria da sua população.

A globalização reforçou as disparidades às suas dimensões sociais inimagináveis e na

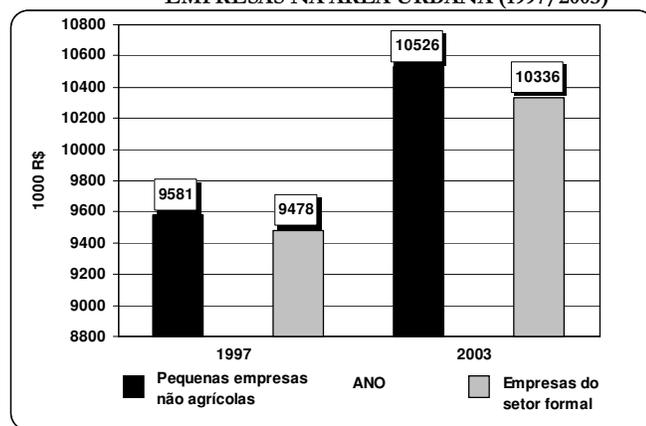
¹⁹ Trata-se aqui de referência a uma amostra de 33 empresas nacionais analisadas pelo autor dentre as quais estão a Alpargatas, Andrade Gutierrez, Antártica, Camargo Corrêa, CSN, Gerdau, Hering, Odebrecht, Votorantim.

esteira deste processo possibilitou que atividades hegemônicas e voltadas, sobretudo, para o atendimento das necessidades de uma população de baixa renda se proliferassem em todo o mundo, abrindo a discussão sobre a importância dos circuitos inferiores e sua relação de (inter) dependência frente aos circuitos superiores.

Dois tipos de situações se consolidaram no Brasil com o processo recente de globalização, de um lado as desigualdades sociais, cujo aumento das atividades informais e ilegais é exemplar, e de outro as desigualdades espaciais, expressas no acesso desigual à técnica, ciência e informação, em particular por aqueles espaços cuja produtividade não atende aos interesses locais e de investimento do capital hegemônico, nem aos interesses do poder político.

Consequência destas situações socioespaciais renova-se os circuitos econômicos e espaciais ligados à população que não conseguiu se integrar ao período tecnológico. O circuito inferior da economia urbana retoma a sua importância em função do aumento da população que a ele se liga e da expansão das atividades informais (GRÁFICO 01), da complexificação do real e da concorrência aumentada em que cada qual passou a figurar no campo prático do outro como real fator de escassez.

GRÁFICO 01 – BRASIL: EVOLUÇÃO DAS PEQUENAS EMPRESAS NA ÁREA URBANA (1997/2003)



Fonte: IBGE apud IBGE (2005)
Elaboração: Rosalvo Nobre Carneiro.

O “retorno” do circuito inferior da economia faz parte do processo de totalização do desenvolvimento desigual na escala do mundo e dos países, comandado por agentes econômicos hegemônicos que procuram meios de obter uma massa, sempre crescente, de mais-valia ao combinar em seus planos de ação atividades de pequeno porte, informais e mal pagas, cuja população não consegue emprego nas atividades do circuito superior.

A globalização e o processo de totalização em curso que a acompanha caminham na direção da universalização do mercado, dos gostos, do consumo, da cultura, das normas e de um cotidiano único, onde “ o espaço aparece como um substrato que acolhe o novo, mas resiste às mudanças, guardando o vigor da herança material e cultural [...]” (SANTOS, 1998a, p. 36).

É devido a esta resistência que se pode perceber esse processo global como criador do novo em todos os aspectos. Assim, surgem novos materiais, processos produtivos, técnicas, formas de consumo e oportunidades nas possibilidades do mundo para o capital se reproduzir ao produzir suas condições materiais e imateriais de existência.

Esta novidade não se refere apenas às atividades orientadas a um fim, envolvendo também a construção de novos atores sociais, formas de pensar, de ser e ser solidário, ver o mundo, enfim, maneiras de falar e agir que necessitam da interação e da práxis social comunicativa. Por isso a globalização não é totalmente perversa, se a vemos como uma situação que carrega possibilidades.

De qual quer modo, podem-se admitir que a realidade mundial do período e do meio técnico-científico-informacional ampliou sua complexidade, diferindo das realidades precedentes por sua intensidade e qualidade e por seus impactos socioespaciais. Dentre estes está o retorno das atividades do circuito inferior da economia e a emergência de novas formas de acumulação, ditas flexíveis, bem como a retomada de processos de aquisição de mais-valia absoluta concomitante aos de mais-valia relativa (HARVEY, 2003).

Na base desse conjunto de fatores e da globalização é possível perceber que não se trata mais de dois circuitos, mas de uma complexidade variada deles, que é causa e condição de

uma miríade idêntica de circuitos espaciais da produção. A relação dos circuitos espaciais sob o ponto de vista das áreas de diversidade e o da especialização nos dá pistas sobre esta afirmação.

Segundo Silveira (2004, p. 11 tradução nossa) nas *áreas de diversidade* há uma especialização do trabalho, função da diversidade de fabricações, comércio e serviços, que leva a sua divisão em múltiplos circuitos espaciais de produção, cuja circulação, sendo dominante, permite que os circuitos diferentes se cruzem e criem um mercado segmentado.

Por outro lado, nas *áreas de especialização* urbana o trabalho em função de sua especialização se divide no interior de um mesmo circuito, aglutinando diversas etapas e atores com poderes variáveis em processo de cooperação²⁰.

É neste campo teórico e prático que se situa a busca da explicação da produção do espaço de São Bento como função dialética de suas relações com a constituição e transformação dos circuitos de fluxos socioespaciais da sua indústria têxtil, cujas dinâmicas espaço-temporais foram e são responsáveis pela construção do seu meio enquanto técnico-científico-informacional.

²⁰ “En las áreas de diversidad, el trabajo se especializa y se divide en múltiples circuitos espaciales de producción, cuya área de mercado es el barrio o la ciudad en virtud de su condición no hegemónica. La circulación es determinante, y por eso los circuitos diferentes se entrecruzan y crean un mercado (segmentado) que se nutre de la diversidad de fabricación, de comercio y de servicios. [...] Allí [isto é, nas áreas de especialização urbana] el trabajo se especializa y se divide dentro de un mismo circuito espacial de producción, involucrando diversas etapas e actores de diferentes poder en complejos procesos de cooperación y competencia” (SILVEIRA, 2004, p. 11).

Capítulo 2

ORIGEM DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO DE SÃO BENTO

“Toda forma de matéria possui uma história ou, melhor ainda ela é sua própria história” seja o meio ou o homem, por exemplo. Todavia, “[...] para *ler* esta história, para descobrir suas leis de estruturação e transformação, é necessário decompor, pela análise teórica, o que é *dado* numa síntese prática. Contudo, é útil fixar os contornos históricos de um fenômeno, antes de efetuar sua investigação” (CASTELLS, 2000, p. 35 grifo do autor).

Se como nos diz Sartre (2002, p. 186) “[...] a história do homem é uma aventura da natureza”, isto é, do meio geográfico, o nosso interesse é ver a coisa em si da produção e ordenação do espaço de São Bento, ou em outras palavras, enxergar o concreto para dessa forma poder intervir eficazmente na realidade, buscando assim escapar a uma análise *pseudoconcreta*, conforme assinala Karel Kosik (1995).

Claude Manzagol (1985, p. 12) é sintomático ao dizer que “não há uma análise possível da produção do espaço que não integre o estudo da produção do espaço industrial e dos efeitos deste espaço sobre o conjunto da estrutura urbana”, através de modificações socioterritoriais, da urbanização, dos acréscimos e modernizações nas linhas de circulação, nos sistemas de engenharia e serviços essenciais ao funcionamento econômico do território e da sociedade. É neste contexto que este estudo ampara-se.

As origens da indústria têxtil e da produção do espaço de São Bento se deram na segunda metade do século XIX²¹ e estiveram ligadas ao cultivo de subsistência e à criação. No primeiro caso como meio de sua sobrevivência e no segundo como uma atividade acessória e,

²¹ Neste mesmo período principiava a formação da indústria têxtil da cidade de Americana, São Paulo, cuja importância, ainda que indireta, para o processo de mecanização da indústria têxtil de São Bento, na década de 1970, foi crucial. “A formação da indústria têxtil em Americana está vinculada à imigração de colonos norte-americanos em meados do século XIX, que estabeleceram na região o cultivo do algodão em pluma” (ANDRADE; CORREA; SILVA, 2001, p. 13). Embora partindo de um ponto comum, o algodão, a economia e o espaço dessas duas cidades tiveram rumos diferentes. Esse fato, no entanto, não impossibilitou interações entre ambas, nem que as ações da primeira atingissem positivamente a segunda, como se verá mais adiante.

portanto, de reprodução social.

Cabe lembrar que até o último quartel do século XVIII a economia nordestina do sertão era eminentemente pecuarista e como mostram Silva; Lima (1982, p. 36) é a partir de então que esta região principia o fim de seu isolamento, passando a articular-se ao mercado internacional, mediante a introdução das plantações de algodão que transformou essa economia pecuária em algodoeiro-pecuária.

A Paraíba iniciou suas plantações de algodão nessa mesma data contribuindo para a modernização das pequenas fábricas de redes de dormir baseadas nas relações de trabalho familiar, no uso de técnicas rudimentares e no emprego de matérias-primas fabricadas manualmente.

Posteriormente, as fiações passaram a se fixar neste estado, cujo evento foi decisivo para as modificações de espaços interioranos ligados a ela por uma produção têxtil artesanal, incluindo-se aí o município de São Bento²².

A origem da industrialização de São Bento foi resultante, de um lado, de processos endógenos, e não poderia ter sido de outra forma, uma vez que nacionalmente “até 1930, a política econômica foi marcada pela ausência de esforços deliberados para promover o desenvolvimento industrial” (GOMES et. al., [2003?, p. 4) e, de outro, das horizontalidades, consequência da não fluidez do espaço e da hegemonia do tempo lento sobre o tempo rápido.

O tempo lento que se impunha ao Brasil era incapaz de levar aos lugares distantes da nação as verticalidades de então. Só posteriormente, os fatores exógenos ou as verticalidades do período vêm se somar às horizontalidades, decisivamente, na produção e reprodução espacial nacional, particularmente de São Bento.

Comparativamente ao que ocorreu no Centro-Sul, a expansão do mercado mundial da

²² Muitas outras cidades produtoras de redes de dormir da região Nordeste se beneficiaram de eventos semelhantes, cabendo destaque para Jaguaruana, no Ceará, que se desenvolveu próximo às inúmeras fiações que foram implantadas neste estado desde o século XIX. Aragão (1989, p. 21) lista para a primeira metade do século XIX o surgimento de seis fiações, quatro em Fortaleza, uma em Aracati e outra em Sobral. Na primeira metade do século XX, mais precisamente até 1945, surgem mais nove, sendo oito delas antes de 1930.

segunda metade do século XIX até 1930 não teve grande repercussão na região Nordeste, “em consequência, a economia nordestina foi cada vez mais se conformando como o produto da dinâmica dos setores de produção pré-capitalistas, refletindo, portanto, a fraca base de acumulação de capital que caracterizou a [...] indústria regional” (SILVA; LIMA, 1982, p. 19-20).

É nesse contexto de fraca capitalização da economia, da sociedade e do espaço, que a indústria têxtil de São Bento emerge, paralela à ocupação de seu território, e com ela a produção do meio técnico local.

A ocupação do território que compõe, juntamente com a sociedade e o governo local, o atual município de São Bento se deu a partir da segunda metade do século XIX através da penetração nessas terras de membros da família do sesmeiro Manoel da Cruz Oliveira, da ascendência dos Oliveira Ledo²³.

Segundo Oliveira (2004, p. 110) essa “[...] família deu origem a muitos núcleos populacionais espalhados ao longo do sertão nordestino”, tendo sido Manoel Vieira e Leandro Pinto, filhos de Antônio José da Cruz, este por sua vez sobrinho de Manoel da Cruz Oliveira, os colonizadores de São Bento.

É comum em São Bento atribuir-se o seu surgimento à construção de uma pequena igreja, o provável, porém, é que a sua ocupação e povoamento se deram com a implantação de uma fazenda de criação e de cultivo de subsistência, vindo concomitantemente ou posteriormente a implantar-se tal igreja²⁴.

²³ Os Oliveira Ledo tiveram grande importância na ocupação do território paraibano, duas das principais cidades do estado, Pombal e Campina Grande, foram fundadas por Teodósio de Oliveira Ledo que viveu de meados do século XVII a 1732 (OLIVEIRA, 2004, p.111-112).

²⁴ Há certa semelhança entre a origem de São Bento e a de outros municípios produtores de redes de dormir do Nordeste, que surgiram da colonização do século XVIII ou XIX, e até mesmo a presença de um objeto comum a estes processos particulares. Trata-se da Igreja, que antes de tudo demonstra a relevância que o espaço possuía para a razão teológica durante o século XIX.

Assim, podemos citar os seguintes exemplos: 1) “Nos idos de 1874, Margarida Cardoso Cavalcante, proprietária de terras na localidade [da atual Jardim de Piranhas-RN], doou um terreno para a construção da *capela de Nossa Senhora dos Aflitos*, surgindo assim um povoado que recebeu o nome de Jardim de Piranhas devido ao fato de ter surgido na Fazenda Jardim e estar localizado nas margens do rio Piranhas” (IDEMA, 2004, p. 6 grifo nosso); 2) “Suas origens remontam às primeiras décadas da segunda metade do século XVIII, quando em 1771, D. Feliciano Soares da Costa, viúva de Simão de Góes, doou terras para construir a primitiva *capela*. A partir desta doação, além da capela, geraram-se outras construções das quais se formaria o município de Jaguaruana” (RIBEIRO NETO; GONDIM et. al., 2005, p. 9 grifo nosso).

Esta atividade agropecuária originou, na segunda metade do século XIX, com base nas técnicas artesanais e rudimentares que a acompanhavam – enxadas, foices, capinadeiras puxadas à tração animal, carros de bois, carroças de burro etc. – o *período técnico artesanal* de São Bento e a conseqüente implantação de seu meio técnico.

As informações disponíveis – histórias de vida e documentos escritos – não foram suficientes para esclarecer se no momento da povoação desse território o artesanato de redes de dormir foi introduzido por seus primeiros habitantes. Todavia, como a fabricação desse *objeto prático*, como diz Sartre (2002, p. 164), da cultura nordestina apresentava grande difusão na região Nordeste do Brasil, pela sua utilidade para os viajantes das entradas de bois do sertão, é possível admitir que desde muito cedo essa atividade tenha surgido em São Bento.

Meus conteranos velhos como também a mocidade. Já com minha idade avançada 69 anos, vou contar minha história, que fui o primeiro fundador de tiá em São Bento, digo *tiá de um pano só*, em criança com a idade de dez a doze anos, conheci os *tiaçinhos de trez panos*. O *penete* era feito de palitos de folha da palmeira ou de tabocas as canelas era feita das folhas da *carrapateira (mamona)*, fio era fiado em fuso o algodão crioulo, era o próprio para a fiação das redes, como também fazer roupas os cordões das redes eram turcidos em um fuso 3 fusos com 3 pessoas para fazer um cordão, cada uma com fuso, torcendo o fuso na cocha, esta fabricação era sempre feita pelas mulheres, *não havia tinturaria para tingir o fio, depois foi descoberta casca de diversas arvores, como seja ameixa, emburana, arueira, coassu, botava as cascas em grandes tigelas de barro – com água e fogo*, depois de ferver, o fio botava-se na dicuada distilada da cinza, o fio chamava-se fio da mão [...] *assim foi se evoluindo a fabricação com grandes numeros de tiares de trez panos a fabricação feita toda em casa com a família* [...] (DEPOIMENTO In: ROCHA, 1983. p. 127 grifo nosso).

Este trecho, extraído do depoimento de Pedro Alcântara, o primeiro produtor de redes de dormir de São Bento a utilizar um tear horizontal ou *tiá de um pano só*, escrito por ele em 1959, com 69 anos de idade, nos dá uma pista sobre o início da produção artesanal nesse espaço e as formas de relação entre o homem e o meio nesse período, cujas interações permitiam uma ordenação de menor complexidade dos elementos espaciais.

Essa ordem surgiu da implantação do artesanato de redes de dormir a partir de seus moldes mais elementares cuja mão humana aparecia como ferramenta de grande valorização e significado social frente à ferramenta e as ações humanas baseavam-se numa relação respeitosa e dependente da natureza pelo homem, no papel determinante da cultura local como elemento do

desenvolvimento social e como mediadora entre as ações humanas e o meio.

Do meio natural/técnico²⁵ advinha não somente os objetos de trabalho da produção artesanal, tais como as matérias-primas (fio de algodão e corantes), ferramentas de trabalho (teares de três panos (FOTO 01), panelas para tingimento (FIGURA 02)), peças e acessórios (pentes, lançadeiras e espulas etc.), energia (animal e humana) e combustível (fogo) como também as condições naturais capazes de viabilizar essa produção e conseqüentemente a reprodução da sociedade.

A fabricação de redes de dormir, a montante da tecelagem, era composta pela plantação do algodão – notadamente do tipo crioulo – colheita, descaroçamento, fiação – a partir do uso de fusos manuais – e da fabricação dos cordões para os punhos, além do tingimento dos fios, realizado em grandes panelas de barro, mediante a utilização de cascas de árvores que possuem pigmentos úteis para essa faina.

Manuel Correia de Andrade (1987, p. 118) descreve semelhante processo de fabricação de redes de dormir em vários estados do Nordeste, nesse período, e com relação à Bahia afirma: “[...] nas áreas mais ocidentais, casos há em que a atividade artesanal é feita visando à produção de mantas e de tecidos, cabendo ao empresário e a seus empregados realizar a cultura do algodão, a colheita, o descaroçamento, a fiação e a tecelagem”.

Durante este período a capacidade de domínio da sociedade local sobre a natureza circundante era limitada e, conseqüentemente, a implantação de próteses ao solo e a realização de ações mais vastas, horizontalmente. Esta situação foi reforçada pela imposição ao social do seu baixo nível técnico e do meio natural/técnico que se sobressaia na paisagem regional (MAPA 04).

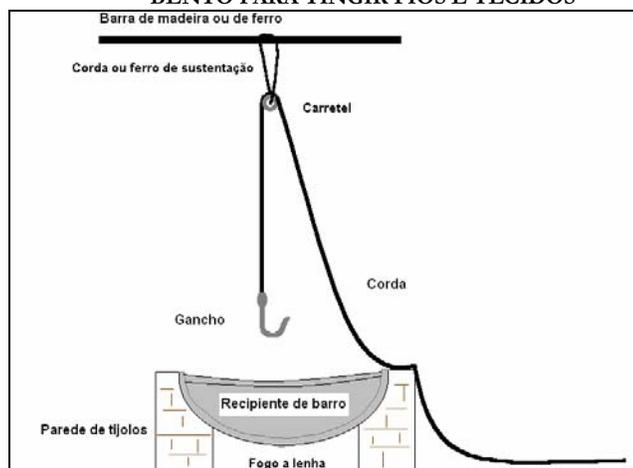
²⁵ Santos (1985, p. 37) afirma que a partir do momento em que a produção passou a ser social o meio técnico teve início. Daí ser difícil falar de meio natural nos dias atuais, mesmo nos lugares mais recônditos do planeta, porque embora o homem muitas vezes não esteja aí presente o mesmo, em função da tecnologia e dos satélites, é alvo de conhecimento ou de intencionalidades humanas, lhe atribuindo um valor histórico, não natural.

FOTO 01 – SÃO BENTO-PB: MULHER TECENDO TAPETES EM TEAR DE TRÊS PANOS



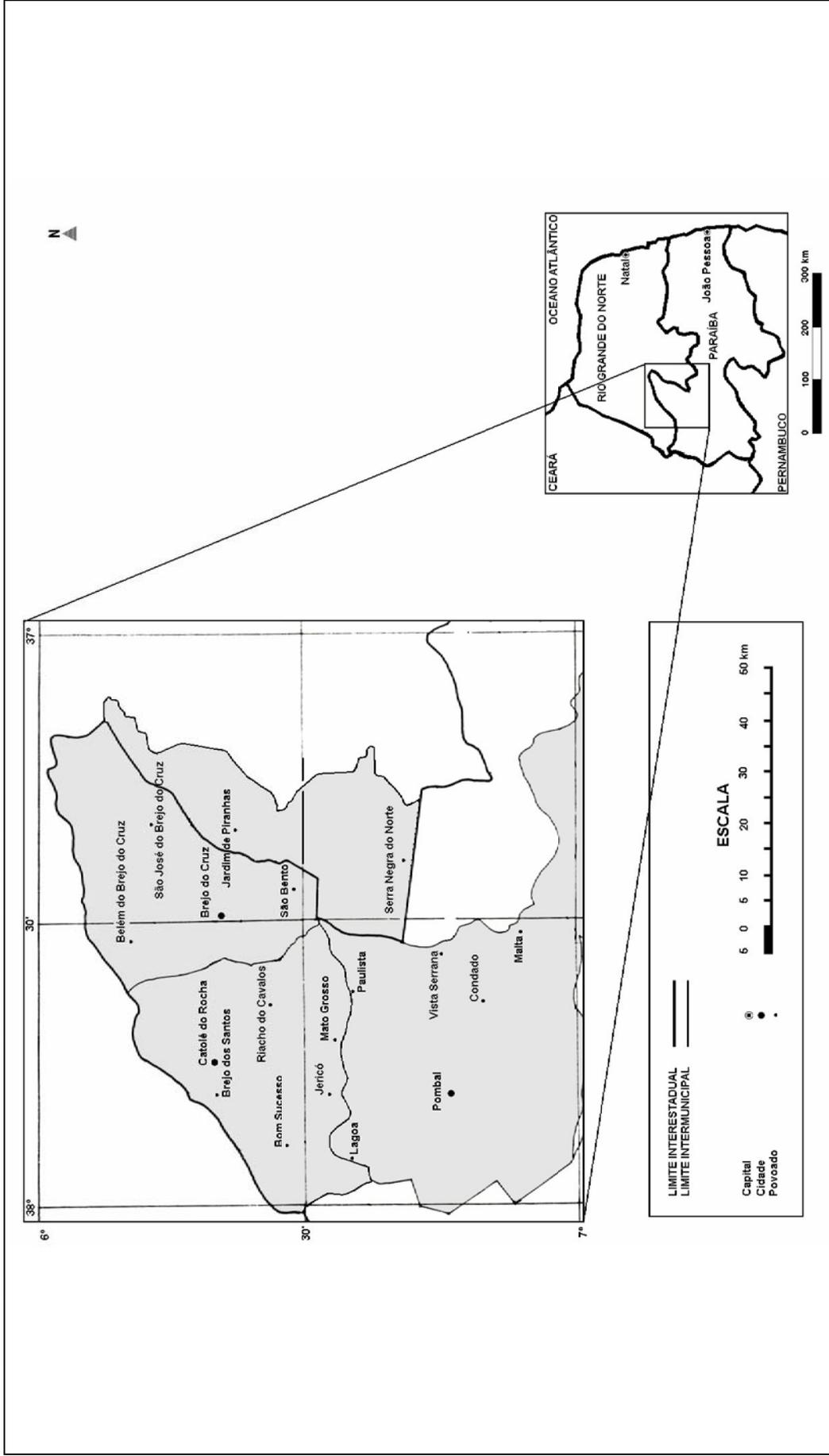
Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

FIGURA 02 – REPRESENTAÇÃO DE PANELA DE BARRO EMPREGADA PELAS MANUFATURAS DE SÃO BENTO PARA TINGIR FIOS E TECIDOS



Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

MAPA 04 – ÁREA DO SEMI-ÁRIDO NORDESTINO NO FINAL DO SÉCULO XIX



Fonte: IBGE (1970); IBGE (1999 apud IDEME, 2000); Simielli (2002, P. 41); SUDENE (1991).
 Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

O período técnico artesanal de São Bento perdurou da segunda metade do século XIX ao final da década de 1960, aproximadamente. Neste intervalo de tempo os meios de comunicação que uniam os povoados e cidades no sertão paraibano entre si eram limitados, tendo-se a ferrovia e o transporte animal como meios dominantes para a circulação de bens e mercadorias, no primeiro caso, e de pessoas, no segundo.

A ferrovia se sobrepondo aos caminhos abertos pelo gado representando a emergência da mecanização do meio técnico paraibano, foi um investimento destinado a interligar o litoral, agreste e brejo, para atender as necessidades da produção litorânea de cana de açúcar das cidades de João Pessoa e, particularmente, de Recife, bem como servir como escoadouro para o algodão cultivado no sertão, que podia seguir em direção à Fortaleza pela Rede de Viação Cearense.

Os fluxos de pessoas de São Bento para outros aglomerados populacionais da região próxima, portanto, estavam limitados aos caminhos naturais e ao uso de animais. A distância que unia dois pontos, porém, não era um entrave aos fluxos socioeconômicos o que é atestado pela relevância dos mercados periódicos existentes nas diversas povoações do sertão paraibano e cuja existência teve um papel decisivo na criação, funcionamento e evolução de várias delas no interior do Nordeste brasileiro.

Quanto ao espaço industrial nacional é importante notar que até os anos 1920 ele era disperso e indiferenciado, formado, em geral, por indústrias de bens de consumo não-duráveis, coexistindo em poucos lugares uma tecnologia moderna presente nas fábricas com as tecnologias tradicionais das indústrias domésticas e de beneficiamento (MOREIRA In: LIMONAD; HAESBAERT; MOREIRA, 2004, p. 124-125).

Brum (1998, p. 214) conceitua esse momento como *a fase de produção de bens de consumo imediato* da indústria brasileira e lembra que as iniciativas empresariais dessa época eram locais, pelas matérias-primas e mão-de-obra que mobilizavam bem como pelo mercado consumidor que atendiam, formado pelo próprio e da vizinhança, conseqüência do pouco intercâmbio com

regiões distantes, resultante das dificuldades de transporte. O processo industrial era artesanal-industrial e em geral de base familiar, sendo disseminado por todo o território nacional.

2.1 O PERÍODO TÉCNICO ARTESANAL DE SÃO BENTO, O CIRCUITO DE FLUXOS INFERIOR INFORMAL E O MEIO TÉCNICO LOCAL

Dados importantes do período técnico artesanal de São Bento foram o surgimento e expansão do circuito de fluxos inferior informal da sua indústria têxtil, que trouxe no seu percurso a estruturação da produção artesanal em um circuito espacial da produção na escala local e outro na regional (MAPA 05).

Abusivamente poderíamos dizer, com Baudrillard (2002, p. 25), que aqui começa o espaço de São Bento, isto porque não há espaço sem relação, pois ele só existe em aberto, isto é, expandido mediante correlações de objetos.

Este espaço foi, ao mesmo tempo, a condição e o resultado do processo de inovação técnica²⁶ produtiva e organizacional do artesanato de redes de dormir de São Bento, do desenvolvimento do circuito de fluxos inferior informal da sua indústria têxtil e do circuito local e regional da produção, do avanço horizontal do seu meio técnico e, como consequência desses eventos, da organização do seu período técnico artesanal.

Em junho de 1932 resolvi fazer ambulancia com redes, a primeira feira foi pombal, aí tinha um colega de Buqueirão de Cabaceiras, também ambulante, vendia rede de um pano [...], fiquei admirado de ver aquilo [...]. Em Paulista conversando com o colega me deu uma explicações sobre a tecelagem [...] isto em 1933 resolvi modificar meu tiazinho para um de um pano so, [...]. Em 1938 José Lucio montou uma fábrica de rede em Pombal, com 6 tiães que davam o nome de *batelão* eu fui olhar a fabrica achei muito interessante, levei logo o pensamento em fazer um, encomendei o pente lançadeira e espola (DEPOIMENTO In: ROCHA, 1983, p. 127-128 grifo do autor).

²⁶ Para Henrique Rattner (1980, p. 27) “a inovação técnica abrange desde a descoberta de novas matérias-primas, a mudança nos métodos de produção, a criação de novos produtos até a substituição dos equipamentos” das empresas. Mendez (apud SILVA; EGLER, 2004, p. 7) divide a inovação, considerando-se suas intensidades, em *inovações incrementadas* e *adaptativas* ou melhorias sucessivas em produtos e processos e *inovações radicais* ou a introdução de novos produtos e novos processos.

MAPA 05 – BRASIL: ESPAÇOS FORMADORES DO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO REGIONAL DO ARTESANATO DE SÃO BENTO, NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX, E SUAS FUNÇÕES



Fonte: IBGE [200-b]; Rocha (1983).
 Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

O texto acima deixa entrever que o início e desenvolvimento da divisão do trabalho social nas unidades de produção familiares de São Bento estiveram relacionados com as inovações técnicas que elas verificaram na década de 1930.

Os teares de três panos, usados para tecer a rede de três panos (FOTO 02) até então, eram muito simples e pequenos e não exigiam força física para a sua utilização, o que explicaria, juntamente com a tradição cultural, a dominância das artesãs na fabricação das redes.

Os teares horizontais, dentre eles o *batelão* (FOTO 03), além de apresentarem maiores dimensões em relação aos anteriores, são mais pesados e exigem para o seu funcionamento grande força física e elevada resistência, o que contribuiu para os homens se dedicarem à *primeira fase da produção* (ROCHA, 1983, p. 41). As mulheres passaram, em função disto, a se dedicar à *segunda fase da produção* também chamada *fase de acabamento*²⁷.

Quanto à primeira fase, ela é formada, atualmente, pelas atividades de preparação do fio para tecelagem como a *urdição*²⁸ *artesanal* (FOTO 04), *urdição mecânica* (FOTOS 05), *alvejamento*²⁹ *artesanal*, *alvejamento mecânico* (FOTO 06), *tingimento*³⁰ *artesanal*, *tingimento mecânico* (FOTO 07), *secamento natural dos fios e tecidos* (FOTOS 08 e 09) e *secamento mecânico de tecidos* (FOTO 10).

²⁷ Composta pelas ações de *trançar* (ANEXO A), *fazer ou enfiar as cabeças* (ANEXO B), *passar o ponto* (ANEXO C), *passar a mamucaba* (ANEXO D), *empunbar* (ANEXO E), *fazer as varandas* (ANEXO F), *fazer ou aplicar os bordados* (ANEXO G), *botar o caré* (ANEXO H), *estampar* (ANEXO I) dentre outras etapas.

²⁸ A urdição pode ocorrer em uma engenhoca chamada *urdideira manual* (ANEXO J). “A urdideira manual corresponde à um retângulo [...] de madeira na qual são dispostos lateralmente 24 pinos, de madeira ou de ferro, onde o trabalhador, num movimento de vai e vem, vai enganchando nos pinos um conjunto de fio formado por 24 pernas chamado cabrestilho (ANEXO K). Esse fio é disposto num equipamento denominado gaiola (ANEXO L), e que compõe a urdideira, nela sendo dispostos os 24 cones de fio.” (CARNEIRO, 2001, p 45). Há ainda a chamada *urdideira elétrica* (ANEXO M), cujo funcionamento é diverso da anterior, já que nela o urdidor apenas a observa e regula. Esta, diferentemente daquela, pode possuir mais de uma gaiola.

²⁹ Consiste em mergulhar o fio de algodão ou o tecido em um tanque de cimento, de dimensões variáveis, cheio de cloro a fim de lhe dar, segundo os produtores de redes de dormir, melhor qualidade.

³⁰ Representa a escolha e aplicação de tintas ao fio ou ao tecido de algodão (ANEXO N) com o objetivo de tecer panos ou produzir redes de dormir com diferentes cores.

FOTO 02 – PEDRO II-PI: REDE DE TRÊS PANOS SEMELHANTE ÀS FABRICADAS EM SÃO BENTO (DESTAQUE PARA AS DUAS COSTURAS PARALELAS E HORIZONTAIS)



Foto: Araújo (1996b, p. 84).

FOTO 03 – TACARATU-PE: TECELÕES TECENDO TAPETES EM TEARES BATELÃO



Foto: Araújo (1996b, p. 90).

FOTO 04 – SÃO BENTO-PB: URDIÇÃO DE FIOS EM URDIDEIRA MANUAL



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

FOTO 05 – SÃO BENTO-PB: URDIÇÃO DE FIOS EM URDIDEIRA MECÂNICA OU ELÉTRICA



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

FOTO 06 – SÃO BENTO-PB: ALVEJAMENTO DE TECIDO EM MÁQUINA AUTOMÁTICA DA SUZUKI



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

FOTO 07 – SÃO BENTO-PB: TINGIMENTO DE FIO EM TINTURADOR MECÂNICO OU ELÉTRICO



Foto: Rosalvo Nobre Carneiro, 2001.

FOTO 08 – SÃO BENTO-PB: FIOS TINGIDOS SECANDO AO SOL



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

FOTO 09 – SÃO BENTO-PB: TECIDOS ALVEJADOS SECANDO AO SOL



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

FOTO 10 – SÃO BENTO-PB: SECAMENTO MECÂNICO DE TECIDOS



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

Há ainda as atividades de suporte à tecelagem e que se encontram no interior da fábrica, tais como o *enchimento artesanal de barcada* (FOTO 11), *enchimento mecânico de barcada, emenda manual de barcadas*³¹ (FOTOS 12), *enchimento mecânico de espulas* (FOTO 13) e *tecelagem mecânica*³².

Ao ser introduzida a divisão simples do trabalho no artesanato têxtil de São Bento, paralelamente se introduziu a divisão técnica e posteriormente a produtiva e territorial. Para Lefebvre (1999, p. 52) “na medida em que há divisão técnica, há unidade e solidariedade, complexidade e complementaridade” enquanto Santos (1999a, p. 108) lembra que “[...] a divisão territorial do trabalho cria uma hierarquia entre lugares e, segundo a sua distribuição espacial, redefine a capacidade de agir de pessoas, firmas e instituições”.

Foi essa divisão do trabalho ampliada – incluindo a social, técnica, produtiva e territorial – que, tornando a realidade espacial de São Bento mais complexa e lhe permitindo a utilização de forma mais abrangente em seu proveito de uma quantidade maior de dados da vida econômica e social, criou as condições para uma maior ação regional de seus agentes.

O aparecimento na localidade, na década de 1930, dos chamados depósitos³³ de fios industrializados/comerciantes de bodegas associado à necessidade de serviços de carpintaria e marcenaria, para a fabricação dos novos instrumentos de trabalho, e da mudança do papel do trabalho artesanal feminino, induziram a passagem gradativa das tecelãs para a condição de feiteiras³⁴, impulsionando a divisão técnica e da produção social no artesanato.

³¹ O enchimento de barcada corresponde ao enrolamento dos fios, já urdidos e tingidos, no primeiro rolo do tear ou de fornecimento da trama vertical da rede de dormir. Emendar barcada, por sua vez, é ação de amarrar estes fios àqueles que se encontram no pente do tear e que partem do rolo de recebimento do pano, à medida que este vai sendo tecido.

³² A tecelagem atualmente em São Bento é realizada por intermédio de quatro tipos básicos de teares, o *Andbigretti* (ANEXO O), *Caboré* (ANEXO P), *Ribeiro* (ANEXO Q) e *Howa* (ANEXO R). Ambos são automáticos, porém, nos três primeiros casos costuma-se “tirar o automático” para aumentar a produtividade. Esses teares, que são sucatas da indústria têxtil localizada no sudeste brasileiro, historicamente são adquiridos na cidade de Americana e no estado de Minas Gerais, sendo adaptados localmente para tecerem a partir de fios grossos (INFORMAÇÃO VERBAL).

³³ A cultura local nomeia como todo e qualquer empreendimento comercial que se destina à venda de matéria-prima para a indústria têxtil de São Bento, de *depósitos*, como, por exemplo, a comercialização de fios industrializados, cordões, cloro e tintas. A mesma definição é atribuída para o comércio de panos de redes de dormir, mantas, tapetes etc.

³⁴ Também chamadas de acabadeiras. São as mulheres que trabalham fazendo o acabamento do pano de rede de dormir.

FOTO 11 – SÃO BENTO-PB: ENCHIMENTO DE BARCADA EM EQUIPAMENTO MANUAL



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

FOTO 12 – SÃO BENTO-PB: MULHERES EMENDANDO BARCADA



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

FOTO 13 – SÃO BENTO-PB: ENCHIMENTO DE ESPULA EM ESPULADEIRA MECÂNICA OU ELÉTRICA



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

Os fios de algodão industrializados foram trazidos inicialmente, segundo a descrição de Alcântara (DEPOIMENTO In: ROCHA, 1983, p. 127) das fiações de Natal, no Rio Grande do Norte, de Campina Grande, na Paraíba, e de Recife, em Pernambuco, e de acordo com Rocha (1983, p. 40) também de João Pessoa, na Paraíba, e Fortaleza, no Ceará (MAPA 06).

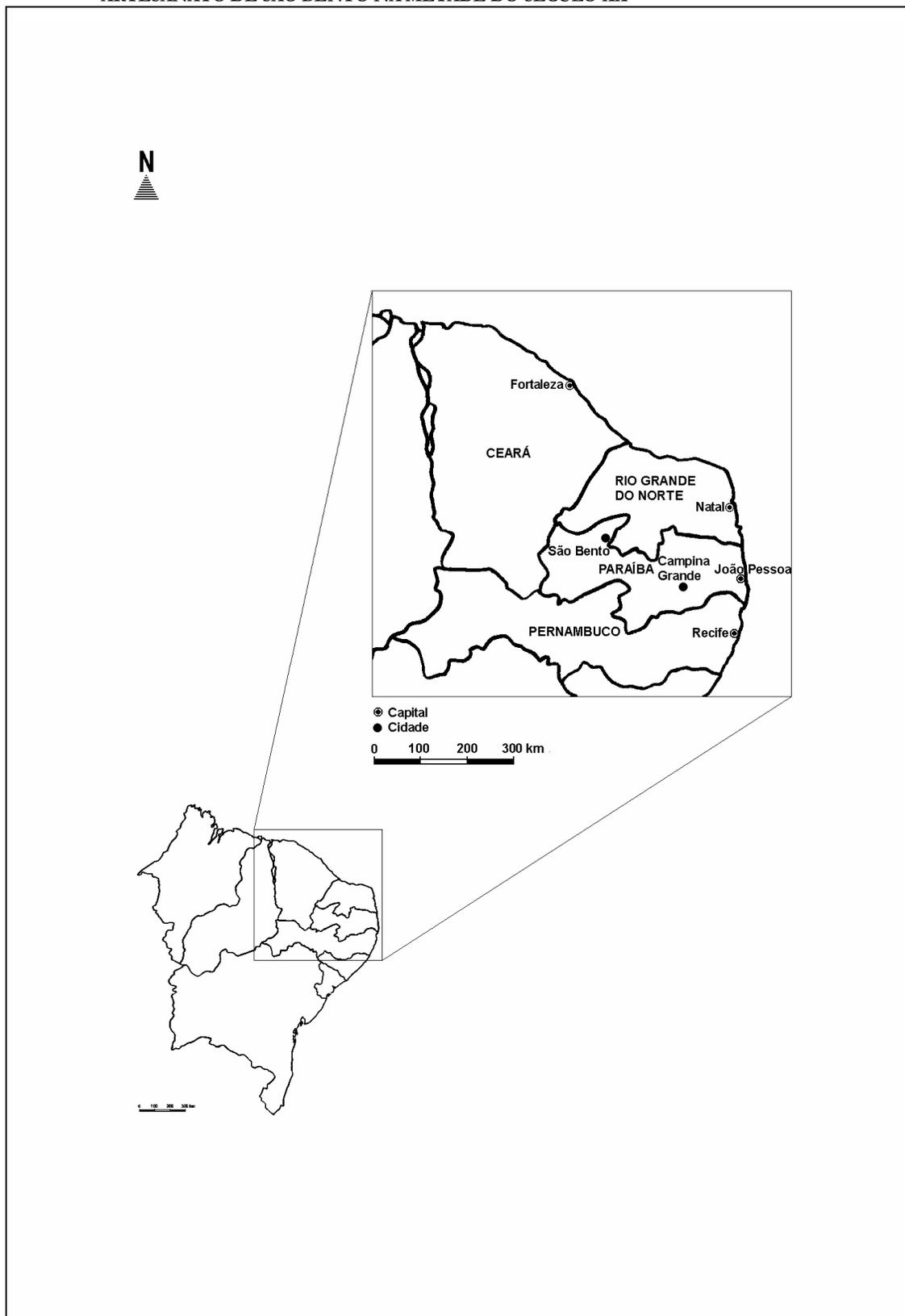
Observa-se, no MAPA 06, que poucos eram os espaços que forneciam fios de algodão para o artesanato de São Bento, pois se limitavam a alguns estados da região Nordeste. Ressalta-se que as fiações com quem os prestadores de serviços à produção locais mantinham relações comerciais se localizavam no litoral e em capitais nordestinas, a exceção de Campina Grande, reflexo da pouca importância que a produção artesanal tinha nessa época e da história seletiva e concentradora especialmente da industrialização do Brasil na escala regional e nacional.

A perda do mercado mundial, no entanto, por parte da indústria têxtil do Nordeste brasileiro, como consequência do fim da Guerra de Secessão nos Estados Unidos e a recuperação das plantações de algodão no vale do Nilo e na Índia, responsáveis pelo suprimento do mercado Europeu forçou os produtores nordestinos a se voltarem para o mercado interno (SILVA; LIMA, 1982, p. 46).

Ao voltar-se para este mercado, a indústria têxtil nordestina, no segmento de fiação, passou a atender, também, o artesanato regional de redes de dormir, com a fabricação de fios grosseiros, do tipo 8/1 – fios reciclados a partir de restos de tecelagem – que tem uso dominante nesta atividade. Essa situação foi decisiva na ampliação da produção têxtil de São Bento, ao permitir a aquisição desses produtos com maior facilidade.

A difusão desses objetos – os fios de algodão industrializados – no espaço de São Bento além de representar ganho de tempo no processo de fabricação, acarretou o fim da fiação manual através do uso de fusos e também contribuiu para inovar a forma de relação de trabalho até então dominante nessa atividade, qual seja, o trabalho familiar.

MAPA 06 – NORDESTE: ESPAÇO FORNECEDOR DE FIOS DE ALGODÃO INDUSTRIALIZADOS PARA O ARTESANATO DE SÃO BENTO NA METADE DO SÉCULO XX



Fonte: Simielli (2002, p. 41); Rocha (1983).
Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

Segundo Rocha (1983, p. 42) o controle da comercialização de fios industrializados em São Bento permaneceu, durante todo o seu período técnico artesanal, nas mãos dos proprietários dos depósitos, que passaram a subordinar a produção familiar aos seus interesses, mediante a difusão aí de uma nova forma organizacional e produtiva chamada *trabalho por negócio*.

O trabalho por negócio deu origem às unidades de produção doméstica³⁵, na qual comerciantes de fios encomendavam teares e os entregavam às famílias, juntamente com uma quantidade determinada de fios, enquanto estas se comprometiam a entregar, em troca do fornecimento da matéria-prima, certo número de redes de dormir. A diferença entre a produção e a entrega correspondia ao lucro familiar.

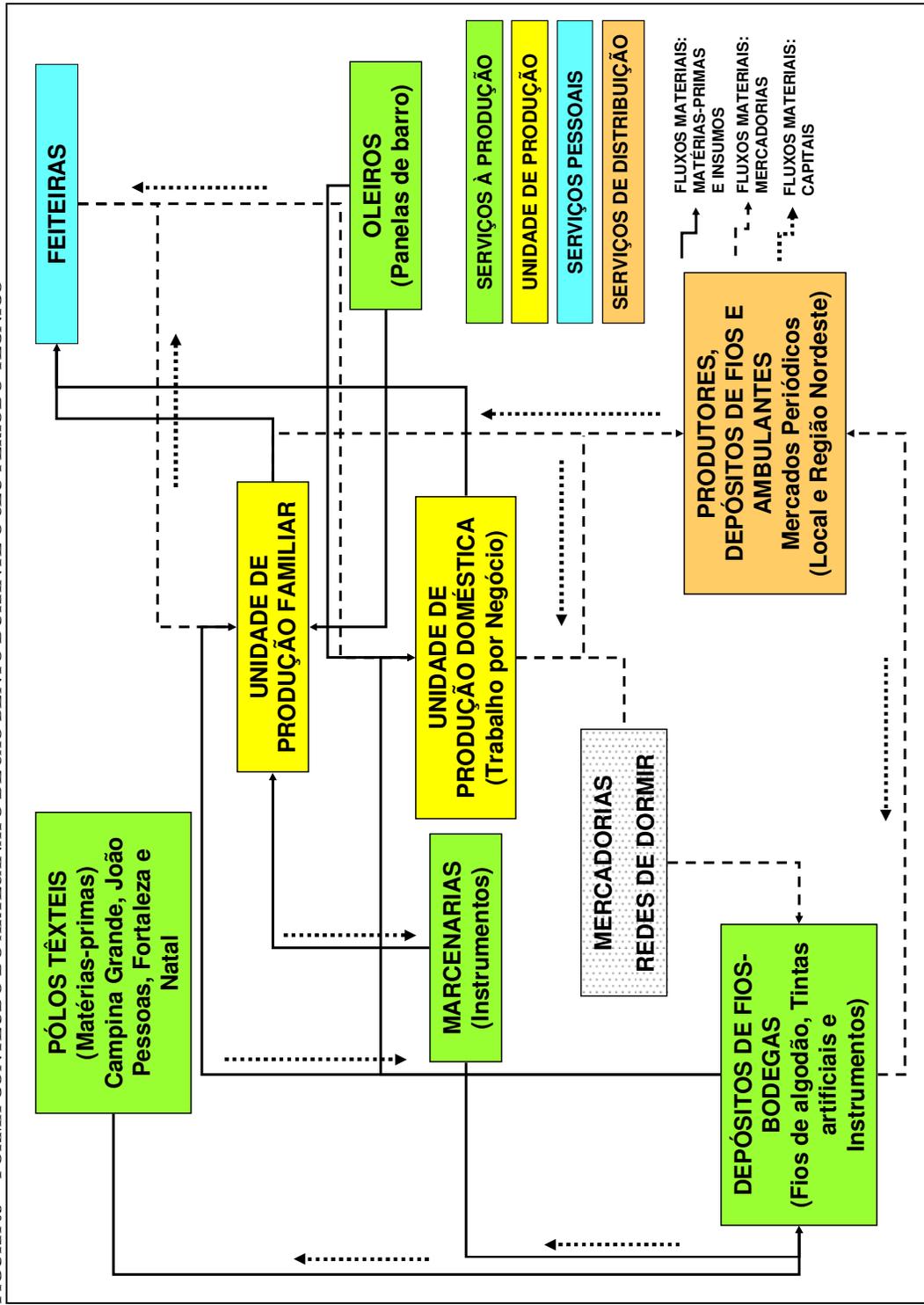
Se essa inovação contribuiu para a implantação de novas unidades domésticas de produção baseadas numa nova relação de produção, contribuindo, desse modo, para a expansão do artesanato e, conseqüentemente, do meio técnico de São Bento, também trouxe consigo uma lógica contraditória, cuja transformação do artesanato para a manufatura, já na primeira metade do século XX, foi impossibilitada (Cf. ROCHA, 1983).

Outros produtores produziam não fundamentados no sistema de *trabalho por negócio*, como as unidades familiares, adquirindo o fio industrializado nos depósitos locais e seguindo por uma via autônoma de produção, distribuição e comercialização dos produtos, consoante suas próprias necessidades e finalidades (FIGURA 03).

³⁵ As unidades de produção domésticas são definidas aqui como aquelas atividades produtivas cuja relação de trabalho familiar é a base de sua sustentação, porém sendo freqüente o uso de outras formas de relação, como a assalariada. Neste caso a família contrata um ou mais trabalhadores, que passam a realizar algumas funções produtivas enquanto ela se dedica às demais.

Na medida em que a existência de outras formas de relação de trabalho não são constantes no tempo, para boa parte dessas formas produtivas, elas podem regredir para a condição de unidades de produção familiar, isto é, atividades em que o uso de trabalho familiar é exclusivo. Estas, da mesma forma, podem tornar-se unidades domésticas de produção ao optarem por contratar mão de obra externa para trabalhar no processo produtivo direto.

FIGURA 03 – FORMA-CONTÉUDO DO ARTESANATO DE SÃO BENTO DURANTE O SEU PERÍODO TÉCNICO



Fonte: Pesquisa de campo; Rocha (1983).

Elaboração: Rosalvo Nobre Carneiro.

Esta forma de fabricação autônoma foi verificada por Manuel Correia de Andrade (1987, p. 118) para vários estados do Nordeste ao citar o exemplo do Ceará e do Rio Grande do Norte, onde se desenvolveram, segundo ele, pequenas unidades de fabricação de redes de dormir que, mediante a utilização de alguns teares, compravam os fios industrializados pelas fiações e os transformam em redes de dormir³⁶.

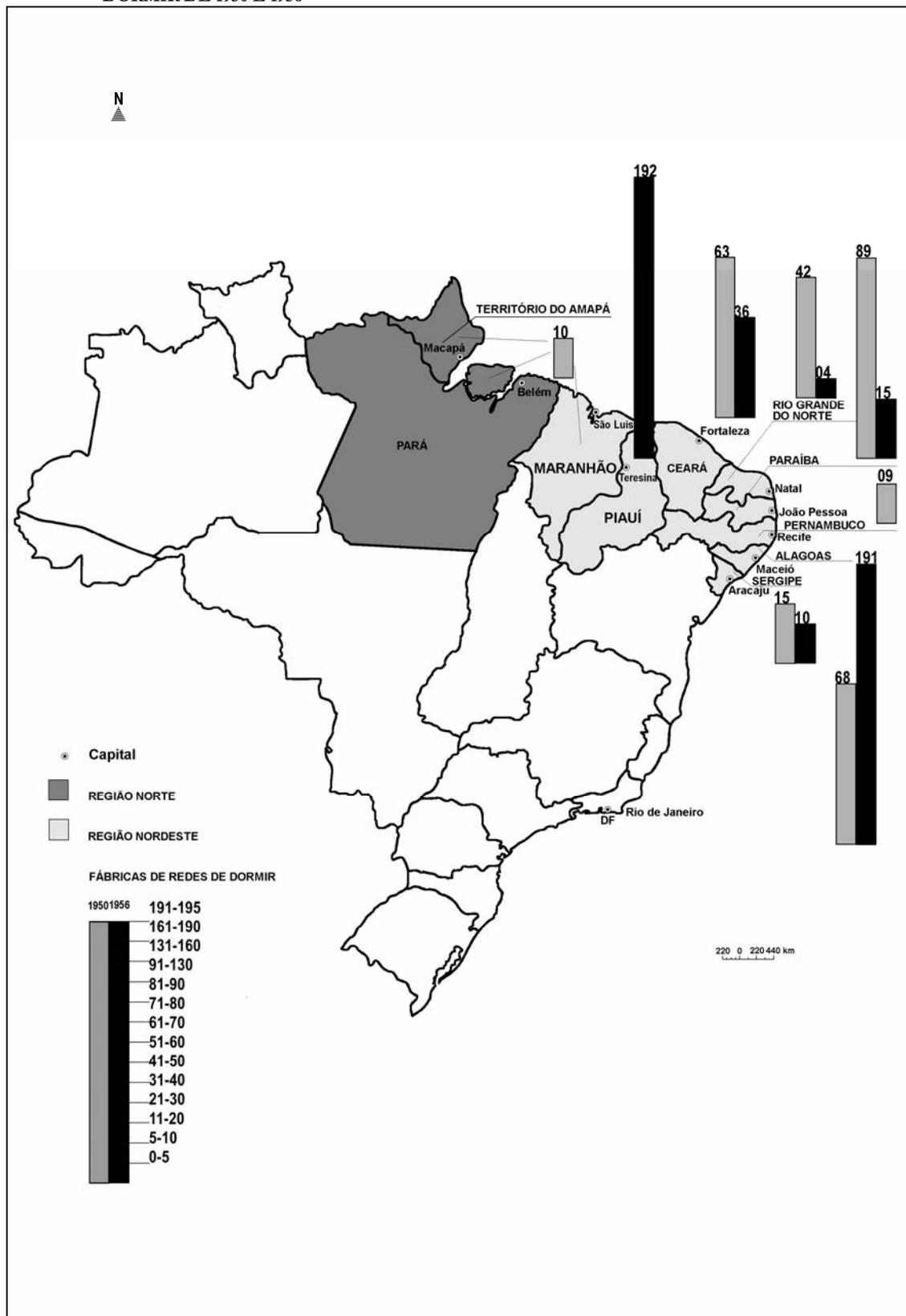
O período técnico artesanal de São Bento estava caracterizado, na esfera da circulação, da distribuição e do consumo, pela conquista do mercado local e de uma área maior das regiões Norte e Nordeste do Brasil. Além da distribuição de forma ambulante nas feiras regionais, no início da década de 1950 principiaram as viagens para outros estados, chegando aos mercados do Ceará, Maranhão, Pará, Piauí, Rio Grande do Norte e uma área maior da Paraíba (ROCHA, 1983, p. 43 e 48) (ver MAPA 05).

É sintomático que o espaço de circulação e consumo das redes de dormir de São Bento se limitasse, nesse período, a estados da região Norte e Nordeste, uma vez que neles se localizavam o maior número de fábricas dessas mercadorias em todo o país, em um total de 296 unidades, divididas entre o Pará, Amapá e Maranhão (10), Ceará (63), Rio Grande do Norte (42), Paraíba (89), Pernambuco (9), Alagoas (68) e Sergipe (15) (MAPA 07. Confronte com MAPAS 05 e 06) (CASCUDO, 2003, p. 126).

Inovações importantes se deram também no processo de tinturaria com a introdução das tintas artificiais. De outro lado, algumas peças e acessórios para tear, como lançadeiras, por exemplo, eram adquiridas em Mossoró, importante centro têxtil da primeira metade do século passado, garantindo com esse conjunto de eventos a dissociação geográfica da produção e a condição para a ampliação do acontecer complementar entre São Bento e espaços distantes.

³⁶ As comparações feitas com as descrições de Manoel Correia de Andrade (1987) sobre o artesanato de rede de dormir parecem dar conta da proximidade da evolução desse tipo de indústria têxtil na região Nordeste do Brasil. A evolução dessa atividade produtiva em São Bento, como se busca mostrar, se faz a partir de um lento e gradativo processo de inovação técnica, produtiva, organizacional, comercial e de conquista de mercados que serão os pilares da sua configuração espacial.

MAPA 07 – BRASIL: COMPARAÇÃO ENTRE AS DISTRIBUIÇÕES ESPACIAIS DAS FÁBRICAS DE REDES DE DORMIR DE 1950 E 1956



Fonte: Cascudo (2003, p. 126-132); IBGE [200-b].
 Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

Tinha-se, assim, um sistema de objetos formado pelas inúmeras unidades de produção familiares e unidades de produção domésticas, constituídas pelas atividades de tecelagem de redes de dormir, pelos serviços à produção das carpintarias e olarias, dos comerciantes de fios de algodão e tintas e pelos serviços de distribuição representados pelos artesões, comerciantes ambulantes de redes e proprietários de depósitos de fios.

Ao lado desse sistema de objetos existia um correspondente sistema de ações responsável por suas interações funcionais, representado pela fabricação artesanal de redes, a compra e venda de matérias-primas, a construção de teares e outros instrumentos e ferramentas de madeira, o acabamento dos produtos pelas feiteiras e a sua comercialização nas feiras-livres da região e em outros espaços do Nordeste brasileiro.

2.2 O CIRCUITO DE FLUXOS INFERIOR INFORMAL, O CIRCUITO ESPACIAL LOCAL E REGIONAL DA PRODUÇÃO E O MEIO TÉCNICO DE SÃO BENTO

Até 1958 São Bento não se constituía como uma unidade jurídico-administrativa autônoma, estando ligado, até essa data, ao município de Brejo do Cruz como um distrito ou, na linguagem local, como um sítio³⁷. Nestes termos as atividades que emergiram e se desenvolveram nesta localidade, até essa data, podem ser tidas, do ponto de vista que nos interessa, como informais³⁸.

A produção do espaço e da formação do meio técnico de São Bento passou a ser o resultado do desenvolvimento e expansão do seu circuito de fluxos inferior informal associado ao circuito espacial da produção local.

³⁷ Denominação comum na região Nordeste para as áreas rurais de um município.

³⁸ Seria mais correto afirmar a informalidade de uma atividade a partir da normalização da formalidade em um determinado território, no caso o de São Bento, algo que só aconteceu em 1959. Todavia, sendo integrante do território de Brejo do Cruz, que já era uma unidade político-administrativa, as atividades formais estavam aí presentes, logo é possível ver a produção de São Bento, já nesse momento, a partir da informalidade.

Este circuito, durante todo o período técnico artesanal de São Bento, se manteve circunscrito ao seu território. Assim, o fornecimento de fios e tintas, a fabricação de ferramentas e instrumentos, a produção de redes de dormir e o seu acabamento com a colocação de varandas, cordões ou punhos, carés e a elaboração de bordados, bem como o consumo estavam nele situados.

No entanto, o circuito inferior informal da indústria têxtil de São Bento engendrou ainda na primeira metade do século XX um circuito espacial da produção regional. Este abrangia uma área formada por espaços fornecedores de serviços à produção local a exemplo de Fortaleza-CE, Mossoró e Natal-RN, Recife-PE, João Pessoa e Campina Grande-PB e pelos serviços internos de distribuição, representado pelos vendedores ambulantes de redes, que “faziam as feiras” da região, e se aventuravam por outros estados do Norte e Nordeste.

As produções de mercadorias, de informações e de normas se davam localmente ao espaço de São Bento e suas relações produtivas diretas se faziam pouco presente com as áreas próximas de distribuição e consumo. Daí ser importante perceber como nesse período se formou e se desenvolveu as horizontalidades e as verticalidades próprias ao seu artesanato cujas inovações tiveram um papel central.

Há uma relação estreita entre a formação das redes e as inovações, provocadas pelas constantes necessidades postas pela sociedade contemporânea. Como afirma Dias (In: CASTRO; GOMES; CORRÊA, 2000, p. 141 grifo nosso) “toda a história das redes técnicas é a *história de inovações* que, umas após as outras, surgiram em resposta a uma demanda social antes localizada do que uniformemente distribuída”.

2.3 AS HORIZONTALIDADES, AS COMPLEMENTARIDADES E AS VERTICALIDADES E O MEIO TÉCNICO DE SÃO BENTO

A distribuição espacialmente desigual das inovações que os seguidos governos brasileiros impuseram, juntamente com o capital, às regiões do país foi a razão primordial para que, até as primeiras décadas do século passado, as relações da formação socioespacial de São Bento com o resto do país fosse baseada, quase que exclusivamente, na contigüidade territorial, ou seja, esta relação se apoiava eminentemente nas horizontalidades e nas complementaridade em detrimento das verticalidades, embora estas não estivessem totalmente ausentes.

A produção do espaço local, enquanto meio técnico, não refletia, nesse momento, de forma marcante as contradições do próprio processo desigual de construção do espaço comandado pelos interesses individuais presentes na divisão do trabalho posto que a mesma era incipiente. Não havia ainda ações hegemônicas locais que pudessem influenciar na produção de um meio cuja forma representasse em sua existência empírica essa desigualdade social.

Isso não implica em dizer que não houvesse diferenças socioeconômicas e de poder nessa sociedade, por essa época, posto que a figura do comerciante de fio é um símbolo local que revela a emergência de um agente destacado na produção do meio técnico de então e dos posteriores, tendo em vista o baixo grau econômico e pequeno tamanho das unidades produtivas artesanais locais, que não possuíam condições de obter esses insumos e tintas diretamente nas fiações.

O fortalecimento local das horizontalidades da produção têxtil, acompanhando as inovações técnicas que permitiram ganho de produtividade e aumento da escala de produção ampliou o espaço solidário complementar, demonstrando a importância crescente, daí em diante, dos fluxos de matérias-primas em direção ao espaço local e das mercadorias no sentido do mercado consumidor regional.

Apesar das verticalidades que se formaram e as quais o espaço de São Bento se

submeteu nesse período, a norma da sociedade e do território nesse momento era a horizontalidade, que através da co-presença das pessoas, da tradição, das ações simbólicas fortes mediadas lingüisticamente e do relativo isolamento espacial a sociedade local conseguia produzir e se reproduzir autonomamente, criar suas técnicas, comandar seu tempo social e o limite de sua utilização.

Admite-se que estes eventos, longe de representarem a integração desse território ao resto do país, significaram um passo necessário para a constituição do circuito de fluxos superior dessa área, mesmo porque tal integração era incompleta, pois nessa época ainda não se havia formado na região e no país uma rede adequada de estradas que pudessem tornar o território fluído (SANTOS, 1998b) e dar mobilidade aos fatores de produção e às mercadorias locais.

As descrições feitas até aqui são condições relevantes para se entender a atual formação socioespacial de São Bento uma vez que “[...] é a partir de uma sociedade organizada e estratificada – e ao mesmo tempo, dilacerada – que a aparição de uma nova máquina vai provocar transformações profundas que repercutir-se-ão desde as estruturas de base às superestruturas” (SARTRE, 2002, p. 153) a cada nova totalização que vem se impor aos lugares, de forma mais intensa na escala local, pela multiplicidade de níveis e ações que a ela se sobrepõe.

Capítulo 3

O PERÍODO TÉCNICO-CIENTÍFICO MANUFATUREIRO DE SÃO BENTO

O período técnico-científico de São Bento, sua emergência e desenvolvimento, a partir da década de 1960, foi, internamente, causa e condição da estruturação do circuito de fluxos superior secundário e do circuito espacial da produção nacional da indústria têxtil local, levando à expansão geográfica da sua produção de redes de dormir e, externamente, do avanço capitalista no Brasil e sua integração territorial.

A implantação da manufatura³⁹ foi responsável não apenas pela emergência do circuito superior secundário da indústria têxtil de São Bento e seu correspondente circuito espacial da produção, formado pela escala da nação, como também possibilitou a emergência do circuito inferior formal e da alteração na forma e no conteúdo do circuito espacial da produção regional que lhe corresponde (MAPA 08).

Com relação a este último aspecto, é preciso diferenciar o circuito espacial da produção regional engendrado pelas manufaturas que tiveram origem após 1961⁴⁰ e agrupadas no circuito de fluxos inferior formal e aquele criado pelo circuito inferior informal (Comparar MAPAS 08 e 05).

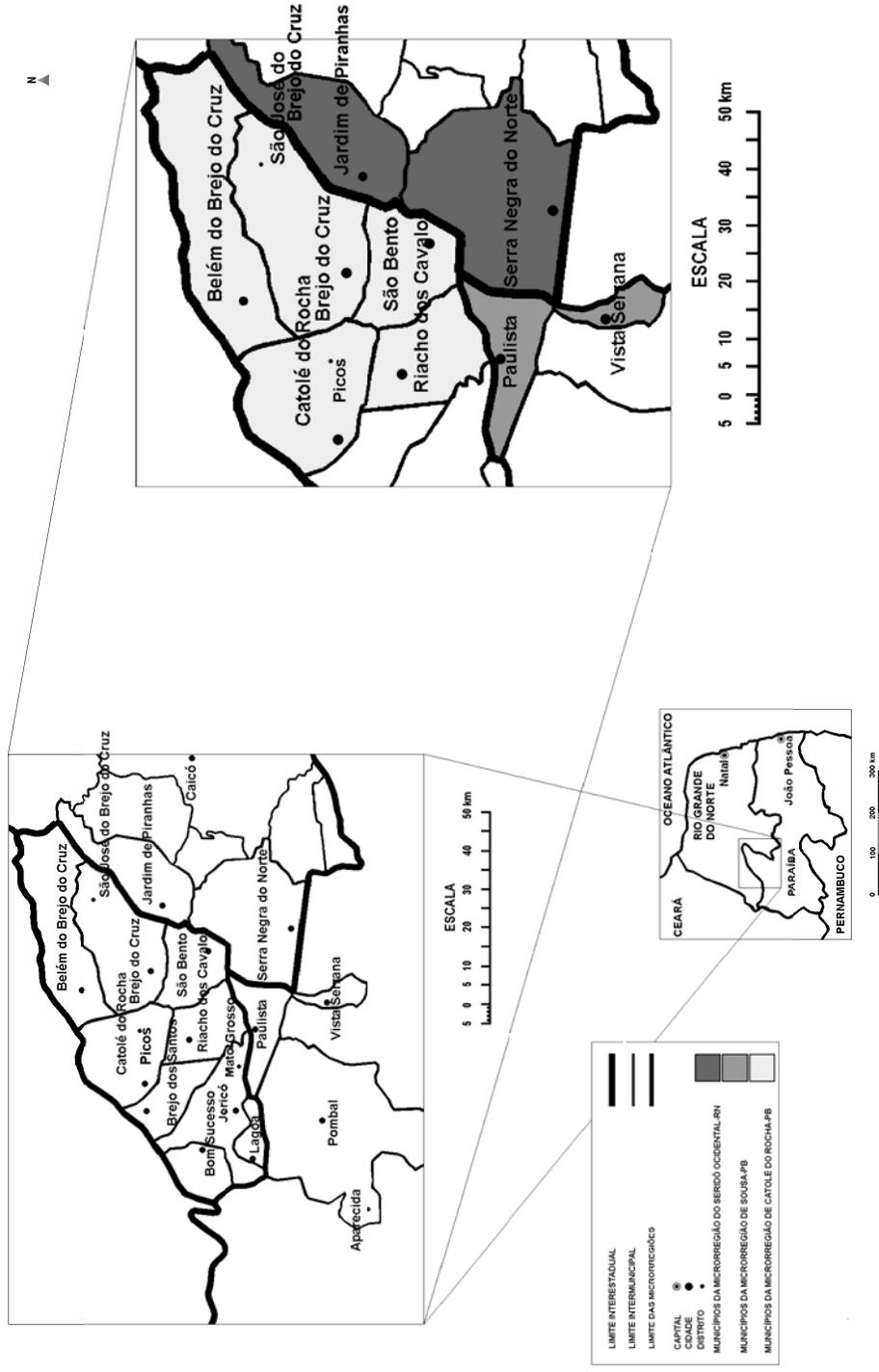
³⁹ O sentido que aqui se usa ao termo manufatura é aquele que vigorou entre a dissolução do feudalismo europeu e a emergência da Revolução Industrial no século XVIII, pela similaridade das etapas históricas da indústria têxtil de São Bento com as que se sucederam na escala desse processo mundial, isto é, o desenvolvimento inicial do artesanato, sua passagem para a manufatura e o despertar da indústria mecanizada, também chamada maquinofatura.

A manufatura de São Bento pode ser vista como um sistema de fabricação de mercadorias composto pelo sistema dos objetos manuais ou artesanais da produção, movidos por energia humana, e pelo sistema das ações orientadas para um fim que os punham em funcionamento com a finalidade de transformar uma matéria-prima determinada, o fio algodão, por exemplo, em um tipo particular de objeto de consumo, as redes de dormir, mantas ou cobertores (ANEXO S) e panos de prato (ANEXO T).

Portanto, não o empregamos no sentido ora corrente, pois como já reconhecia Marshall (1982, p. 239n) a “manufatura” é um termo que há muito tempo perdeu qualquer vínculo com o seu significado original: e hoje é aplicado aos ramos da produção nos quais o trabalho mecânico e não o manual é preponderante”.

⁴⁰ A primeira manufatura local recebeu o nome de *Tecelagem São José*. Ela era uma filial, gerenciada pelo Senhor Manoel Lúcio, cuja matriz se localizava em Mossoró, no Rio Grande do Norte e que ficava sob a gerência do Senhor Lauro Lúcio (INFORMAÇÃO VERBAL). Conforme os relatos de Cascudo (2003, p. 129) na segunda metade da década de 1950 havia em Mossoró apenas 4 fábricas que produziam redes de dormir.

MAPA 08 – ESPAÇOS FORMADORES DO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO REGIONAL DA MANUFATURA DE SÃO BENTO

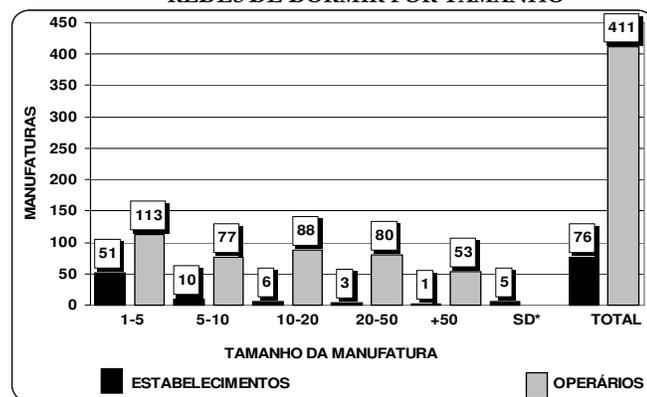


Fonte: IBGE (1970); Rocha (1983); Simielli (2002, p. 41); SUDENE (1991).
 Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

As manufaturas de São Bento configuraram dois espaços contíguos de fluxos materiais e imateriais, composto por alguns municípios adjacentes ao seu território, que pode ser expresso no circuito espacial da produção regional e no circuito espacial da produção local (MAPA 09). Este, assim como aquele, ganhou uma nova forma-contéudo.

A formação do circuito superior secundário, por sua vez, contribuiu para a construção desses circuitos de trocas e acumulação regional. Devido à concorrência das unidades de produção familiares, unidades de produção domésticas e pequenas e médias manufaturas (GRÁFICO 02) que se seguiram à implantação da Tecelagem São José, em São Bento, esta empresa passou a enviar suas redes, para acabamento, para cidades próximas, contribuindo para a instituição do circuito espacial da produção regional.

GRÁFICO 02 – SÃO BENTO-PB (1979): MANUFATURAS DE REDES DE DORMIR POR TAMANHO



Fonte: FIEP apud Egler (1984, p. 65).

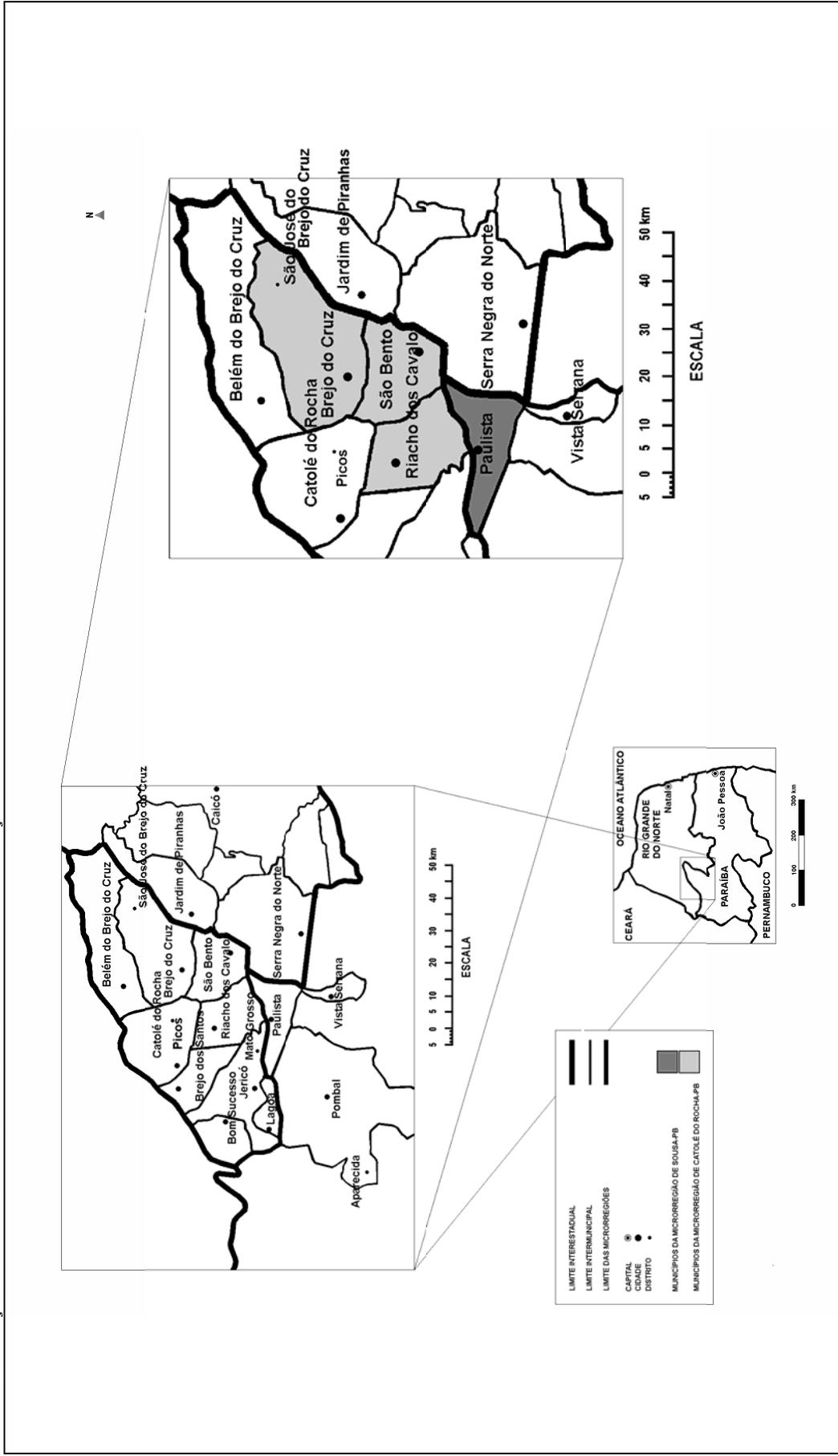
* Sem declaração.

Elaboração: Rosalvo Nobre Carneiro.

A introdução da manufatura no espaço local, em 1961⁴¹, motivou um processo de crescimento endógeno, guiado pela competitividade como norma das ações, que incentivou as demais empresas, inclusive as do circuito inferior informal, a se modernizarem, dentro dos padrões locais, forçando-as a expandirem-se regionalmente.

⁴¹ De acordo com as descrições de Rocha (1983) e Egler (1984), a primeira manufatura teria se instalado em São Bento no ano de 1958, tendo sido um empreendimento do Senhor *Manoel Lúcio*, um ano antes da emancipação política deste município, todavia, conseguimos apurar junto a sua família que o ano teria sido 1961 ou 1962, portanto, após a emancipação política da cidade e em parceria com o seu irmão, o Senhor *Lauro Lúcio* (INFORMAÇÃO VERBAL)⁴¹.

MAPA 09 – ESPAÇOS FORMADORES DO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO LOCAL DA MANUFATURA DE SÃO BENTO



Fonte: IBGE (1970); Simielli (2002, p. 41); SUDENE (1991).
 Desenhador: Rosalvo Nobre Carneiro.

É importante lembrar que a dominação capitalista no Nordeste somente se fez sentir de modo decisivo após a integração econômica dessa região à economia nacional, com comando em São Paulo e Rio de Janeiro, e se acelerou após a década de 1950 como resultado da luta por ampliação do mercado da economia industrial da região Centro-Sul (SILVA; LIMA, 1997, p. 20).

Cabe fazer uma caracterização dessa empresa, uma vez que para os padrões da época podia ser considerada de grande porte. Rocha (1983, p. 46) descreve que ela era composta por cerca de 20 teares e introduziu, em momentos diferentes, novos tipos de redes, o alvejamento e o tingimento sistemático com o uso de cloro e tintas, respectivamente, a fabricação de redes a partir de tecidos industrializados (FOTO 14) e de sua estampagem em silkscreen, a mecanização produtiva e as vendas regulares⁴² para todo o país, através do uso de caminhões (FOTO 15).

A implantação da primeira manufatura de São Bento, e com ela a configuração do seu circuito de fluxos superior secundário e de seu circuito espacial da produção na escala do país, coincide com o desenvolvimento do processo de integração regional, de modo que a sua explicação se liga a formação do meio técnico-científico do Brasil e suas repercussões regionais e locais.

3.1 A PRODUÇÃO DO MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO MANUFATUREIRO DE SÃO BENTO E A MANUFATURA DE REDES DE DORMIR

O meio técnico-científico é o espaço geográfico resultante do período de mesmo nome e que se caracteriza pela aplicação da tecnologia ou ciência das técnicas ao processo de produção, pela possibilidade de toda a natureza ser utilizada econômica ou politicamente, pela predominância do trabalho intelectual e da circulação de coisas, valores e idéias proporcionada pelo movimento do capital à escala mundial (SANTOS, 1985, p. 37-38).

⁴² Em 1979 esta empresa possuía cerca de 50 trabalhadores diretos e uma produção semanal de 2000 redes, cuja distribuição era feita por caminhões que partiam da fábrica semanalmente (EGLER, 1984, p. 66).

FOTO 14 – SÃO BENTO-PB: TECIDOS INDUSTRIALIZADOS



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

FOTO 15 – SÃO BENTO-PB: CAMINHÃO UTILIZADO PARA O TRANSPORTE DE REDES



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

Eventos importantes ocorridos em São Bento, a partir da década de 1950, contribuíram para originar o seu meio técnico-científico. A emancipação política em relação a Brejo do Cruz, em 29 de abril 1959, e a construção da prefeitura municipal, símbolo do poder político, garantiram a autonomia política da sociedade local, ainda que não independente da totalidade concreta, pois só em abstração as partes estão separadas do todo.

O poder político oficialmente constituído veio imprimir a esta formação socioespacial a sua adequação à ciência, a regulação do cotidiano, do trabalho, da produção à normas, leis, regras e princípios jurídico-constitucionais. Em outras palavras, trata-se da mais evidente amostra da presença das verticalidades colonizando este espaço, pois todas as ações humanas localmente produzidas e acionadas passam a delas depender ou, no mínimo, nelas se basear.

Novas formas de informação/normas vêm, a partir desse evento, se juntar ao sistema de informação/normas informal, advindo do período técnico precedente, adicionando um conteúdo informacional-normativo institucionalizado ao espaço, que passa a ser, daí em diante, o regulador das ações dos agentes socioespaciais sobre o meio e entre si. Intensifica-se, assim, a colonização do mundo da vida local pelo sistema mundial e nacional político-administrativo.

Inicialmente, durante o período técnico-científico manufatureiro de São Bento, as informações políticas deram os contornos sociais, econômicos e produtivos do espaço mediante, por exemplo, o poder que dispõem de permissão para criação e implantação das atividades em seu território, da sua regulação e funcionamento e das condições que devem ser observadas para a obtenção de licença de atuação.

A difusão local das normas de âmbito nacional, como as da Coletoria Estadual, destinada a fiscalizar e taxar as empresas, particularmente as têxteis, não foi, em certo sentido, um fator limitante dessa atividade, posto que a adaptação socioeconômica das pequenas empresas, enraizadas nas normas do mundo da vida, informais, a novos parâmetros informacionais, formais, não se realizou.

A emancipação política trouxe consigo a condição local primordial para a difusão da

ciência no espaço de São Bento, qual seja, a da existência político-administrativa territorial. Daí em diante o crescimento do número de cientistas em seu espaço foi de grande relevância na estruturação socioterritorial.

A segunda metade da década de 1970 foi crucial para a formação do meio técnico-científico de São Bento em função da abertura de agências bancárias de ordem pública e privada e, conseqüentemente, pela presença de verticalidades sistêmicas do mercado e de lógicas externas e contraditórias, incluindo aí a “alienação do espaço do homem” (SANTOS In: SANTOS, 1982b, p. 18) e o crescimento econômico local.

Estes eventos, juntamente com a expansão das escolas na década de 1980 e a expansão das manufaturas e dos serviços a ela associados acarretaram a cientificização da sociedade local através da presença de cientistas como norma de seu funcionamento e a cientificização do território, através da importância daqueles na sua produção e reprodução.

A instalação e difusão do modo de produção manufatureiro no espaço de São Bento podem ser vistas como um momento essencial na acumulação de capital necessário ao processo de sua mecanização⁴³, através de sua reconversão em objetos técnicos-científicos produtivos e, portanto, maquinicos, barateando os custos de produção, aumentando a escala e a acumulação.

A introdução na área de trabalho da manufatura foi o evento que possibilitou a consolidação, de forma definitiva, das divisões social, técnica, produtiva e territorial do trabalho iniciada no período técnico artesanal de São Bento, porém alterando-a significativamente, ao mudar a forma e o conteúdo da produção e organização têxtil (FIGURA 04).

Esses fatos juntos podem ser vistos como responsáveis pela produção, transformação e reorganização do espaço de São Bento, ou seja, é nos marcos do processo de mecanização da indústria têxtil de São Bento que o processo de (re) produção desse espaço se desenvolve e se acentua.

⁴³ Carneiro (2001) identificou como causas desse processo, dentre outras, a expansão do mercado para o Centro-Sul, a exploração da força de trabalho, a concorrência interna, a localização de São Bento próxima aos pólos têxteis do Nordeste brasileiro, o reaparelhamento da indústria do Centro-Sul.

3.2 OS CIRCUITOS DE FLUXOS DE SÃO BENTO DURANTE O PERÍODO DO MILAGRE E O PÓS-MILAGRE ECONÔMICO BRASILEIRO

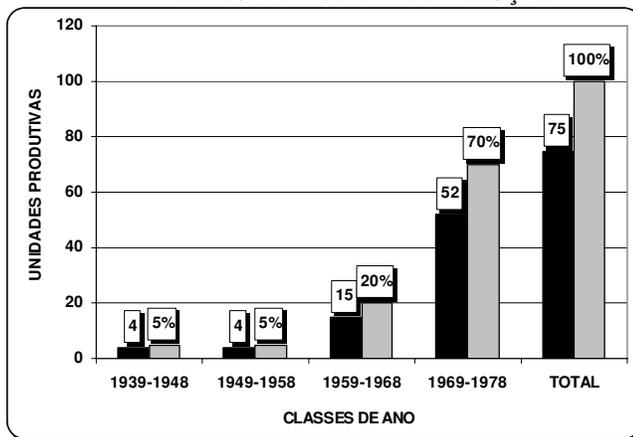
A mecanização das manufaturas de São Bento trouxe consigo uma nova cotidianidade para este espaço, isto é, uma outra organização diária da vida individual dos homens como diz Kosik (1995, p. 80), cuja dimensão temporal aparece como um elemento renovado dessa organização específica, na qual o tempo lento da natureza é definitivamente substituído pelo tempo rápido do mercado e da acumulação capitalista na produção fabril de redes de dormir.

O tempo acelerado ao possibilitar as condições da mecanização têxtil de São Bento multiplicou os seus circuitos de fluxos socioespaciais. Assim, ao lado das unidades de produção familiares, domésticas, micro, pequenas, médias e grandes manufaturas existiam, também sob essas bases, as unidades produtivas mecanizadas, na cidade e no campo.

A análise que segue tenta contextualizar esses eventos aos acontecimentos mais significativos na escala do país, como, por exemplo, o milagre econômico brasileiro de fins da década de 1960 e início da seguinte, o que nos leva a perceber como os fatores externos a São Bento e as verticalidades que carregam tiveram impacto internamente a seu espaço, na maquinização e modernização de sua indústria e na constituição de seu meio técnico-científico.

Examinando a evolução da atividade manufatureira em São Bento se constata que na virada da década de 60 para a seguinte ocorre uma expansão de novas unidades produtivas manufatureiras na cidade confirmando a existência de uma “coincidência” entre esta expansão e a recuperação da economia brasileira após a crise de 67/68 (ROCHA, 1983, p. 48) período de início do “milagre econômico brasileiro”, seja em relação às unidades produtivas cadastradas ou às não cadastradas (comparar GRÁFICOS 03 e 04).

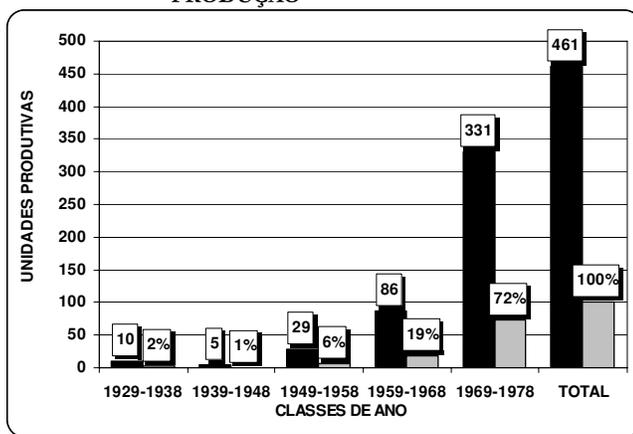
GRÁFICO 03 – SÃO BENTO-PB (1930-1978): UNIDADES PRODUTIVAS CADASTRADAS POR CLASSES DE ANOS E INÍCIO DE PRODUÇÃO



Fonte: Rocha (1983, p. 86).

Elaboração: Rosalvo Nobre Carneiro.

GRÁFICO 04 – SÃO BENTO-PB (1929-1978): UNIDADES PRODUTIVAS NÃO CADASTRADAS POR CLASSES DE ANOS E INÍCIO DE PRODUÇÃO



Fonte: Rocha (1983, p. 106).

Elaboração: Rosalvo Nobre Carneiro.

As causas desse fato parecem ligar-se à maior facilidade de crédito bancário, ao papel fiscal benevolente do Governo do Estado da Paraíba para a atividade local, a construção de estradas regionais (ROCHA, 1983), bem como a ampliação dos serviços à produção local, necessários à atividade produtiva direta.

Antecedendo o período do milagre econômico brasileiro a tecelagem São José rapidamente mecanizou a sua produção, com a compra de teares novos em São Paulo cujos proprietários foram pessoalmente adquiri-los, uma vez que não havia, até a metade da década de 1970, comerciantes locais de máquinas.

Mecanizada em 1964 essa tecelagem não foi apenas a primeira manufatura local, como também a primeira maquinofatura, responsável pela maquinização da produção e da circulação a ela relacionada. Essa maquinização se manifestou no território através da construção de um sistema de engenharia, cuja expressão maior foi o levante de uma ponte sob o rio piranhas no começo da década de 1970, reflexo da importância econômica e política que São Bento passou a ter no cenário regional do semi-árido paraibano.

Esta ponte permitiu acesso fácil para o mercado do rio grande do norte, interior paraibano e região norte, uma vez que até então a travessia do rio era problemática, notadamente nos períodos de chuva, concentrada entre novembro e março, época que os produtores locais sempre relacionam como a melhor para as vendas das redes de dormir.

A introdução da maquinofatura, e com ela a lógica do maquinismo, imprimiu a esse espaço racionalidades diferentes, solidárias e contraditórias. Esta razão veio resolver a incapacidade técnica de expansão produtiva das manufaturas, já que a ampliação nacional do mercado de redes e demais artigos têxteis de São Bento tornou necessária a sua difusão local.

Frente a esta realidade nova, as atividades dos circuitos de fluxos inferior formal e informal de São Bento, remanescentes do período técnico artesanal e que ainda se apoiavam nas técnicas do artesão, se encontravam diante de uma dupla questão: a de investir em mudanças técnicas transformando-se em manufaturas ou dar um salto de qualidade rumo a maquinização.

Este último ponto também era o dilema das inúmeras manufaturas domésticas e familiares surgidas no período técnico-científico manufatureiro local.

O período do milagre econômico brasileiro refletiu-se especialmente em São Bento como o momento que possibilitou difusão das manufaturas locais, mediante a transformação de atividades dos circuitos de fluxos inferiores – como as unidades de produção familiares e domésticas – em atividades do circuito superior secundário ou do circuito inferior formal, bem como a partir de novos empreendimentos endógenos.

Foi preciso, portanto, que viesse o pós-milagre econômico para que as maquinofaturas se tornassem uma norma de produção, organização e funcionamento das atividades produtivas e do espaço de São Bento e com ela a expansão do meio técnico-científico, primeiramente, e da criação do meio técnico-científico-informacional, secundariamente.

Assim como a instalação e difusão das manufaturas em São Bento foi acompanhada pela difusão regional dos objetos e ações do artesanato local o processo de maquinização da sua produção têxtil difundiu a produção manufatureira nos espaços do seu circuito espacial da produção regional, notadamente em Aparecida, Brejo do Cruz e Paulista, na Paraíba, e Jardim de Piranhas-RN.

De 1974 a 1980 o Brasil apresentou uma taxa de crescimento anual média de 6,0%, cuja percentagem embora inferior às verificadas no período do milagre econômico brasileiro (BRUM, 1998, p. 328) representava valores significativos para o país. Esse período foi decisivo para a indústria têxtil do Nordeste, posto que foi nele que se deu a sua modernização definitiva, processo que coincidiu com a intensificação dos empréstimos estrangeiros no Brasil (FILHO; CARVALHO, 1986, p. 15).

Especialmente entre os anos de 1973 e 1975 houve grandes investimentos na modernização e mecanização do parque fabril têxtil do Nordeste quando foram investidos recursos da ordem de mais de US\$ 80 milhões para o setor (FILHO; CARVALHO, 1986, p. 15).

Da mesma forma foi na década de 1970 que o parque fabril, especialmente o têxtil de

São Paulo, passou a se modernizar, mediante a substituição de antigas máquinas as quais foram adquiridas, em boa medida, por empresários de São Bento (FOTO 16) que passaram então a revendê-las localmente, adaptando-as, antes disso, para a tecelagem de redes de dormir.

FOTO 16 – SÃO BENTO-PB: EMPRESA ESPECIALIZADA NA VENDA DE MÁQUINAS, PEÇAS E ACESSÓRIOS USADOS PARA TECELAGEM

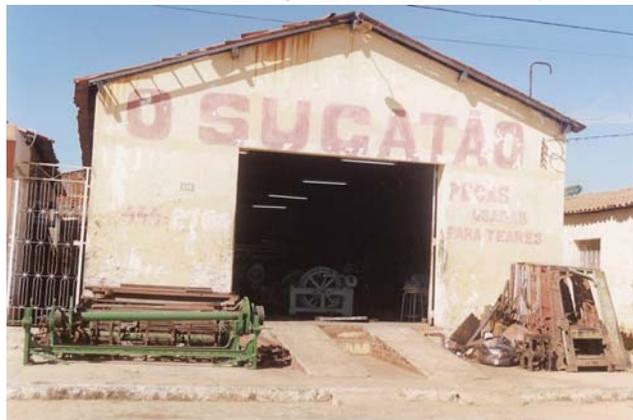


Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

Essa conjuntura repercutiu, portanto, positivamente sobre a indústria têxtil local que, seguindo a tendência de aprofundamento das transformações estruturais da economia nacional, passou a mecanizar sua produção de forma célere.

Esta indústria acompanhou as “importantes diferenciações sociais do trabalho” desse período, como a “substituição acelerada da atividade artesanal pela atividade industrial” (BRUM, 1998, p. 346), fato também destacado por Santos (1998b, p. 43) ao dizer que boa parte dos bens que eram produzidos para o consumo local transformou-se, nessa época, em valores de troca dentre os quais incluímos as redes de dormir.

Em outubro de 1979 Egler (1984, p. 61) descrevia São Bento com as seguintes palavras: “a primeira observação que se faz ao entrar [na cidade] é que apesar de seu relativo isolamento, ligada apenas por 3 estradas de terra, São Bento apresenta um movimento de pessoas e veículos peculiar, diferente das demais cidades do mesmo tamanho na Paraíba”.

Essa descrição é feita para ressaltar o dinamismo socioespacial dessa localidade frente

a diversos municípios próximos que formam o circuito espacial da produção regional de sua indústria e que lhe garantiu um papel econômico central regionalmente⁴⁴.

O período do pós-milagre econômico brasileiro, que estamos delimitando entre 1974 e 1990 se manifestou em São Bento pela constituição do seu meio técnico-científico, um meio maquinizado pela mecanização das manufaturas e do território, como são exemplos a construção das estradas no semi-árido nordestino e da ponte sobre o rio piranhas e o uso sistemático de veículos motorizados para o escoamento da produção.

Neste meio não só as máquinas se fizeram cada vez mais presentes como a ciência, cuja presença de determinados profissionais se tornou obrigatória, a exemplo dos contadores, necessários ao funcionamento das atividades do circuito superior secundário e do circuito inferior formal.

Importantes órgãos e empresas do governo estadual se implantaram no território de São Bento, fazendo avançar a importância da ciência para o seu funcionamento, produção e reprodução, como são exemplos os serviços à produção de telefonia com a antiga TELPA, hoje TELEMAR, de energia elétrica com a SAELPA, de abastecimento de água com a CAGEPA, de recolhimento de impostos por meio da COLETORIA ESTADUAL.

Todas essas agências e órgãos governamentais vieram contribuir para a cientificização do território de São Bento, tornando-o mais denso em saber, em conhecimento e que foram importantes para o desenvolvimento local, na medida em que trouxeram consigo novas possibilidades de trabalho, novas técnicas de fazer e de ser.

Esse meio técnico-científico possibilitou que as atividades do circuito superior secundário consolidassem sua expansão para todo o país, por meio dos fixos e dos fluxos que os animam, expansão esta que partindo, inicialmente, dos territórios próximos, avançou até a escala da nação, dando configuração territorial a diferentes circuitos espaciais da produção, comandados pelas ações manufatureiras e concomitantemente pelo agir maquinizado das maquinofaturas.

⁴⁴ Esta centralidade econômica não foi acompanhada de uma centralidade política, que por outras questões coube a Catolé do Rocha e Pombal.

3.3 OS CIRCUITOS DE FLUXOS SOCIOESPACIAIS DA PRODUÇÃO MANUFATUREIRA DE SÃO BENTO

Os circuitos de fluxos socioespaciais da indústria têxtil de São Bento formam uma totalidade e como tal supõem um sistema e não mais uma coleção de objetos, como a que existiu no seu período técnico artesanal⁴⁵.

Se este sistema já se esboçava por essa época, através da presença gradativa de elementos importantes do espaço têxtil de São Bento com o período técnico-científico manufatureiro vamos ter a emergência de um verdadeiro sistema local, formado pelo meio técnico-científico, os circuitos de fluxos e os circuitos espaciais da produção, cuja extensão se dá na escala do país.

3.3.1 OS CIRCUITOS DE FLUXOS DA INDÚSTRIA TÊXTIL E OS CIRCUITOS ESPACIAIS DA PRODUÇÃO MANUFATUREIRA DE SÃO BENTO⁴⁶

“Em São Bento diferentes combinações deste processo de trabalho [a fabricação de redes de dormir] podem ser observadas, desde o artesanato até a fábrica mecanizada, embora formem um entrelaçado difícil de se distinguir exatamente onde começa um e acaba o outro [...]” (EGLER, 1984, p. 64). Cada combinação apresentava um sistema de objetos e de ações diferenciado e em função deles um papel variado na produção do espaço de São Bento.

Assim, o período técnico-científico manufatureiro de São Bento se configurava através

⁴⁵ A totalidade é sistêmica quando as suas partes são articuladas e interdependentes (CORBISIER, 1987, p. 269) e neste sentido a compreensão do espaço não pode se dar a partir da sua consideração como uma coleção de objetos (SARTRE, 2002), já que, neste caso, se trata de uma justaposição, no mesmo espaço, de partes que somadas formam uma totalidade estática.

⁴⁶ Não há, nas seções seguintes, uma descrição e análise aprofundada, uma vez que as fontes da produção têxtil de São Bento, neste período estudado e na perspectiva adotada, são escassas. O importante, todavia, é mostrar que a essência da sua configuração espacial e produtiva, isto é, a forma-conteúdo da formação socioespacial atual, formada pelos circuitos espaciais da produção e pelos circuitos de fluxos tiveram aí seus fundamentos.

de três tipos de circuitos espaciais da produção, quais sejam: o circuito espacial da produção nacional sob cujas ações do circuito de fluxos superior secundário se formou, o circuito espacial da produção regional, agido principalmente pelas ações do circuito inferior formal e o circuito espacial da produção local, animado pelas ações do circuito inferior informal.

Segundo Rocha (1983, p. 96) no final da década de 1970 “solidificou-se uma divisão do mercado [consumidor] que estava se configurando: os produtores maiores passaram a vender quase que exclusivamente para mercados mais distantes, deixando o mercado próximo para os de menor escala” (MAPA 10). Isto contribuiu para solidificar o circuito espacial produtivo nacional, na década seguinte, próprio ao circuito de fluxos superior da indústria têxtil de São Bento.

Esta questão já remete as interações de dependência e interdependência entre as atividades dos diferentes circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento, seja em relação ao processo de produção direta, através das relações de trabalho terceirizadas, seja em relação ao processo de distribuição onde assoma a importância dos redeiros e corretores como elementos que se ligam a ambos os circuitos.

3.3.2 AS AÇÕES DE INTERDEPENDÊNCIA E DEPENDÊNCIA ENTRE OS CIRCUITOS DE FLUXOS DA PRODUÇÃO MANUFATUREIRA

As ações empreendidas pelas manufaturas do circuito superior sobre as do circuito inferior de São Bento, para manter sua hegemonia e garantir acumulação eram variadas, resultante da coexistência da complexa tipologia de formas produtivas local, já descritas anteriormente.

MAPA 10 – BRASIL: ESPAÇOS FORMADORES DO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO NACIONAL DA MANUFATURA DE SÃO BENTO E SENTIDO DOS FLUXOS DE SUAS MERCADORIAS A PARTIR 1970 E 1980 PRINCIPALMENTE



Fonte: IBGE [200-b]; Pesquisa de campo; Rocha (1983).
 Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

As manufaturas foram substituindo os comerciantes de fios gradativamente, no domínio que eles exerciam, sobre a produção doméstica e de pequena monta⁴⁷ através de um sistema de sub-contratação na qual forneciam as matérias-primas, fio de algodão principalmente, e recebiam determinada quantia de redes de dormir ou outro produto.

Essa relação de dependência das atividades do circuito inferior em relação às manufaturas do circuito superior secundário local formava um complexo de relações que garantia o crescimento da empresa contratante frente à contratada.

3.4 AS SOLIDARIEDADES ORGÂNICAS E ORGANIZACIONAIS DESENVOLVIDAS PELA MANUFATURA DE SÃO BENTO

No período técnico anterior de São Bento as solidariedades orgânicas – as interações humanas mediadas linguisticamente – e organizacionais – as interações humanas mediadas pelo sucesso – foram impostas pelo tempo lento do espaço, isto é, um tempo em que seus objetos imóveis, mas não inertes, hegemônicos no território nacional até a década de 1970 se sobrepunham aos objetos móveis.

No período técnico-científico manufatureiro estas solidariedades passaram a ser impostas pelo tempo rápido e, conseqüentemente, houve a sobreposição dos objetos moventes, agora tornados ativos pelas complementaridades resultantes da fluidez territorial, sobre os objetos móveis cuja importância socioeconômica, no entanto, não declinou.

⁴⁷ Rocha (1983, p. 46) lembra que após o surgimento da manufatura em São Bento os comerciantes de fio, que anteriormente detinham o controle da atividade, não demonstraram interesse em investir na relação de trabalho por negócio e foram se retirando paulatinamente da atividade quando já haviam perdido a hegemonia para as manufaturas que se mecanizavam.

3.4.1 O ACONTECER HOMÓLOGO E O ACONTECER COMPLEMENTAR DA PRODUÇÃO MANUFATUREIRA

Santos (1999a, p. 228) lembra que a partir das interdependências estabelecidas horizontalmente cria-se entre subespaços funcionalmente diferenciados um cotidiano homólogo e complementar cuja informação, emitida a partir de uma atividade comum, necessária à ação, contribui para o aumento de sua produtividade, pois se difunde com maior facilidade e velocidade.

As horizontalidades e complementaridades entre o espaço de produção de redes de dormir de São Bento e a totalidade nacional desenvolveram-se, durante o período técnico-científico manufatureiro local, tomando por base a ação dos objetos sobre os processos espaciais, em função da aquisição de matérias-primas – fios de algodão cru (FOTO 17), tecidos industrializados, cloro, tintas e sabão – de insumos industriais – máquinas, peças e acessórios – e da circulação e comercialização.

FOTO 17 – SÃO BENTO-PB: FIO DE ALGODÃO CRU, TIPO 8/1



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

A solidariedade espacial configurada pela compra e venda de fios de algodão das fiações do circuito superior não-hegemônico se manteve constante, quanto aos locais de procedência desses objetos, para as manufaturas de São Bento, durante todo o seu período técnico-científico.

Segundo Rocha (1983, p. 78), em 1978 haviam cinco estados fornecedores dessa matéria-prima: Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e, em menor quantidade, Sergipe, que juntas davam vazão a um consumo de mais de 200.000 kg por mês.

Egler (1984, p. 68) identifica a manutenção, em 1979, do fornecimento de fios pelos quatro primeiros estados, não relatando a existência de fluxos comerciais com o estado de Sergipe. Na cidade de Fortaleza, no Ceará, o fio era adquirido na fiação *Jangada e Ceará Têxtil*, em Recife, Pernambuco, da *Tecanor e ISAP* e em João Pessoa, na Paraíba, na *Fiação Mandacaru*⁴⁸.

O QUADRO 02 faz um comparativo entre os espaços fornecedores de serviços à produção de matérias-primas – fio de algodão e tecidos tipo brim – para São Bento segundo os períodos técnicos local.

QUADRO 02 – ESPAÇOS FORNECEDORES DE FIO DE ALGODÃO PARA A INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO SEGUNDO OS PERÍODOS TÉCNICOS LOCAL

PERÍODO	ANO	ESPAÇO FORNECEDOR	LOCALIDADE	FIAÇÃO
TÉCNICO ARTESANAL	1958 ¹	Rio Grande do Norte Paraíba Pernambuco	Natal Campina Grande Recife	-
TÉCNICO-CIENTÍFICO MANUFATUREIRO	1978 ¹	Ceará Paraíba Pernambuco Rio Grande do Norte Sergipe	- Mossoró ³	- -
	1984 ²	Ceará Paraíba Pernambuco Rio Grande do Norte São Paulo ³ Santa Catarina ³	Fortaleza João Pessoa Recife - - -	Jangada e Ceará Têxtil Mandacaru Tecanor e ISAP - - -

Fonte: ²Egler (1984); ³ Pesquisa de campo; ¹ Rocha (1983).

⁴⁸ Como se verá no próximo capítulo, no período técnico-científico-informacional maquinofatureiro de São Bento essas fiações são substituídas por outras, não apenas do circuito superior não-hegemônico como também do circuito superior hegemônico, a exemplo da Coteminas, de Minas Gerais.

Como visto anteriormente o milagre econômico brasileiro provocou um vertiginoso crescimento de novas manufaturas neste espaço e um aumento constante do uso de equipamentos mecânicos – comprados inicialmente novos em São Paulo e posteriormente de segunda mão nas sucatas da cidade de Americana-SP – na produção de redes, contribuindo para o alargamento dos mercados.

Essa situação consolidou a economia de São Bento como voltada para fora, cujo processo ganhou dimensões com a mecanização produtiva de outros espaços de fabricação de redes regional a partir da década de 1980, como Brejo do Cruz, Riacho dos Cavalos, Paulista e Pombal, na Paraíba, Caicó e Jardim de Piranhas, no Rio Grande do Norte⁴⁹.

As complementaridades entre São Bento e o mercado nacional até a década de 1980, todavia, era realizada praticamente pelas redes técnicas territoriais, exigindo a circulação dos empresários locais por suas linhas e pontos, seja para a compra de matérias-primas junto às fiações e tecelagens do circuito superior não-hegemônico nacional ou para a comercialização da produção.

Até essa data as redes, em seu aspecto virtual (SANTOS, 1999a, p. 220) ou informacional, eram deficientes, no território de São Bento e no estado da Paraíba. Veja-se que em 1973, este possuía apenas 800 telefones públicos e ainda nesta década contava, aproximadamente, com apenas 40 mil terminais telefônicos, necessitando de dois dias para ser realizada uma ligação para São Paulo ou Rio de Janeiro, e por intermédio de telefonista (TELECOMUNICAÇÃO, 2005).

⁴⁹ Esses espaços se tornaram produtores de redes de dormir a partir da difusão e expansão da indústria têxtil de São Bento, adquirindo, inicialmente, os equipamentos manuais nesta localidade e, em seguida, quando se consolidou a mecanização da indústria têxtil local, os equipamentos mecânicos. Há dúvidas quanto ao caso de Caicó, se este teria mecanizado sua produção ou se esta teria surgido só recentemente, uma vez que não foi possível pesquisá-la.

3.4.2 O ACONTECER HOMÓLOGO, COMPLEMENTAR E HIERÁRQUICO DA PRODUÇÃO MANUFATUREIRA

O final da década de 1970 pode ser visto como um marco das relações socioespaciais de São Bento com os espaços da formação socioespacial nacional, posto que ao lado do acontecer homólogo e complementar que os uniam vem se assomar o acontecer vertical a este cotidiano horizontalizado da produção manufatureira de redes de dormir.

O acontecer hierárquico que se intensifica com a mecanização das manufaturas têxteis de São Bento e, conseqüentemente, do seu circuito espacial da produção regional, não é apenas aquele dos eventos que vêm de fora e se implantam no lugar, mas diz respeito também a normatização que o próprio espaço local impôs, a partir daí, aos demais espaços deste circuito de produção homóloga.

A mecanização da produção industrial de São Bento difundiu, em função das inovações técnicas na produção, os antigos instrumentos de trabalho, fabricados a partir da madeira e acionados manualmente, para os espaços circunvizinhos, notadamente Brejo do Cruz-PB e Jardim de Piranhas-RN, mas também Paulista-PB.

O crescimento da atividade levou esses lugares a uma subordinação às normas criadas localmente pelos circuitos de fluxos de São Bento, como o acesso aos serviços à produção, incluindo a aquisição de matérias-primas, equipamentos, peças e acessórios, além das formas de relações de trabalho e de circulação, distribuição e comercialização das mercadorias.

Desse modo, as verticalidades não atingem os espaços apenas em função das redes informacionais e informatizadas, nem se impõem, simplesmente, às horizontalidades, como as usam para realizar-se e, neste sentido, estas aparecem como norma das verticalidades, na medida em que como ordem, informação, modos de fazer e de ser distantes tendem a espacializar-se ao interiorizar-se no mundo subjetivo e na exterioridade do mundo objetivo e social que o acolheu.

Do mesmo modo as verticalidades podem aparecer como norma das horizontalidades,

na medida em que as informações, normas, técnicas e ações que as configuram necessitam daquelas para se reproduzir.

Para Santos (1999a, 227) “as horizontalidades são tanto o lugar da finalidade imposta de fora, de longe e de cima, quanto o da contrafinalidade, localmente gerada”, mas, ao mesmo tempo, elas são espaços criadores e difusores de verticalidades em uma escala menor.

Este último aspecto é visível no caso da expansão do modo de produção têxtil de São Bento para os espaços formadores do seu circuito espacial da produção regional, especialmente a partir da década de 1970, cujas informações/normas, modos de fazer e de ser localmente criados se irradiaram para eles, interiorizando o que lhes era exterior.

Assim, tem-se que os aconteceres homólogo, complementar e hierárquico são solidários, isto é, a interação que criam é de troca recíproca, a complementaridade se dando pelas, para e com as hierarquias enquanto norma de funcionamento e o acontecer hierárquico acontecendo através, para e com as horizontalidades e complementaridades.

O período técnico-científico manufatureiro de São Bento enquanto evento vai *naturalmente durar* até o início da década de 1970⁵⁰, podendo-se, a partir daí considerá-la em sua *duração organizacional* uma vez que sua *estrutura íntima*⁵¹ sofreu uma entropia pela chegada de novos eventos, como a difusão de objetos maquinais, técnicos-científicos, na produção, expandindo a maquinofatura de redes de dormir, que é causa e consequência dessa mudança duracional.

As verticalidades do Estado, por outro lado, através da concessão de empréstimos aos produtores locais, que se dera internamente a partir do final da década de 1970, quando é instalada uma agência do Banco do Brasil, contribuem, igualmente, para alterar sua duração, entendendo-se esta como um [...] lapso de tempo em que um dado evento, guardando suas

⁵⁰ Carneiro (2001, p. 17) identifica a primeira metade da década de 1990 como o limite final entre a fase anterior, manufatureira, e a atual, maquinofatura, pois desse período em diante não se verificam mais casos de mecanização produtiva, ao menos quanto ao uso de teares e espuladeiras, nem tampouco manufaturas. Os próprios teares de madeira não são encontrados, nem mesmo na zona rural distante.

⁵¹ Segundo seu tempo de existência um evento teria dois tipos básicos de duração, quais sejam: a *natural* e a *organizacional*. A duração natural resulta da *estrutura original do evento* ao passo que a duração organizacional deriva de *recursos organizacionais*, como uma lei, por exemplo, que pode reduzir ou ampliar o período de ação natural de um evento (SANTOS, 1999a, p. 118-119).

características constitucionais, tem presença eficaz (SANTOS, 1999a, p. 118).

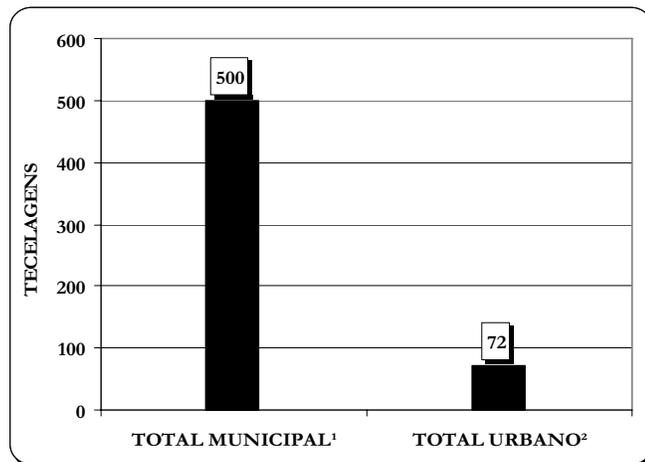
O período técnico-científico manufatureiro de São Bento pode ser visto como o momento em que diversos eventos externos e internos se conjugaram para dar uma nova forma-conteúdo a este espaço e aos seus circuitos espaciais da produção local e regional, lançando os fundamentos da emergência de seu período técnico-científico-informacional maquinofatureiro e com ele o seu meio técnico-científico-informacional.

Capítulo 4

O PERÍODO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL MAQUINOFATUREIRO E A INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO

O período técnico-científico-informacional maquinofatureiro representa a etapa histórica e territorial da indústria têxtil e do espaço de São Bento em que as maquinofaturas (GRÁFICO 05) ou a produção maquinizada tornaram-se os agentes centrais da produção espacial local, como também referencia o momento histórico vivido globalmente chamado de período técnico-científico-informacional e que juntos conformam uma nova forma-conteúdo para a formação socioespacial em questão (FIGURA 05).

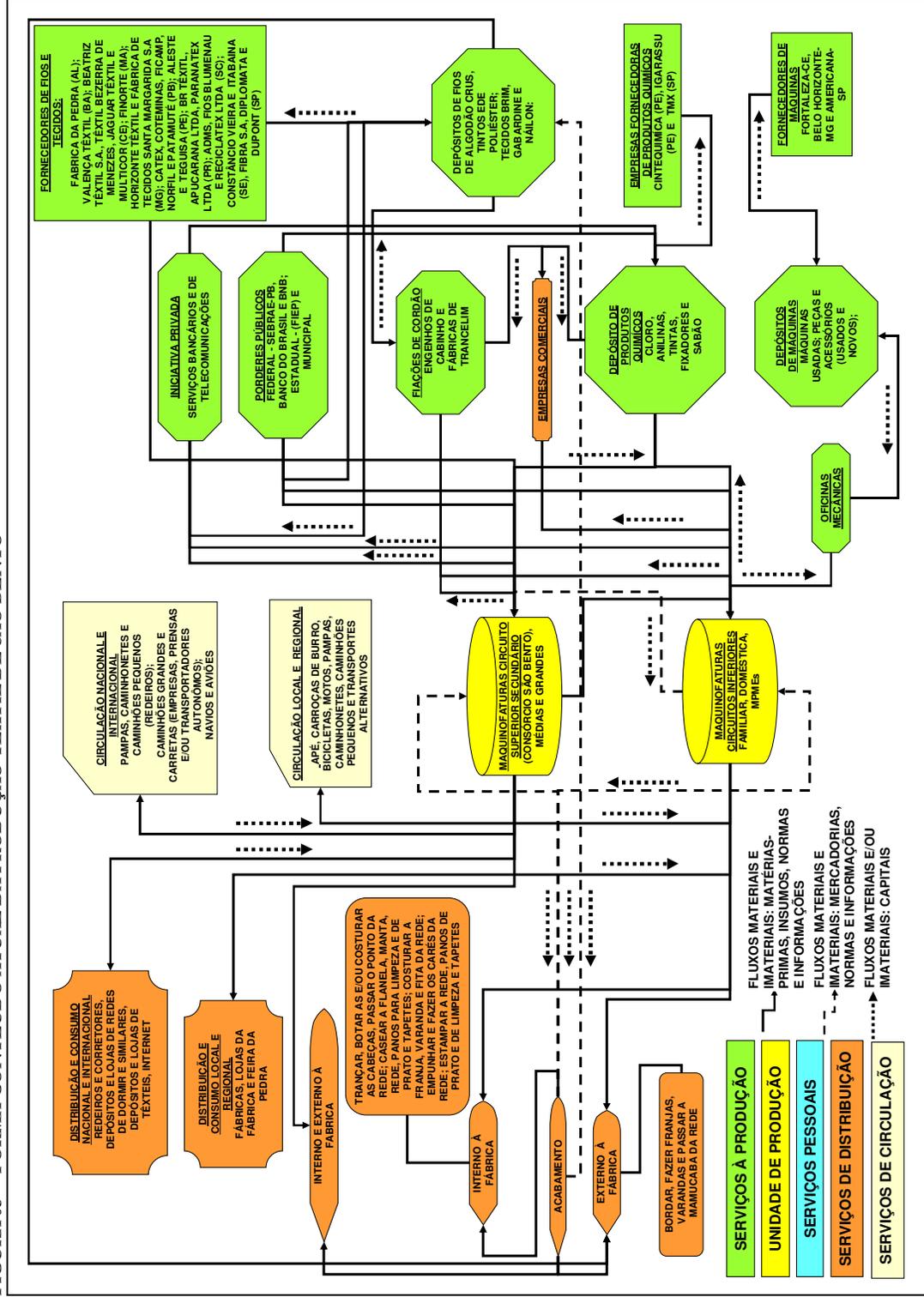
GRÁFICO 05 – SÃO BENTO-PB: MICRO, PEQUENAS, MEDAS E GRANDES TECELAGENS



Fonte: ¹ Pesquisa de campo; ² Prefeitura Municipal de São Bento (2005).
Elaboração: Rosalvo Nobre Carneiro.

É possível identificar atualmente em São Bento um sistema de objetos e de ações orientadas para fins e/ou para o entendimento que possibilita falar da existência, neste espaço, do meio técnico-científico-informacional, ainda que de modo incompleto, os quais interagem interna e externamente por intermédio das redes e das solidariedades organizacionais criadas em função das redes com os sistemas distantes, hegemônicos ou não, e que são responsáveis pela configuração particularizada dessa formação socioespacial em meio à totalidade-mundo.

FIGURA 05 – FORMA-CONTEÚDO ATUAL DA PRODUÇÃO TÊXTIL DE SÃO BENTO



Fonte: Pesquisa de Campo.

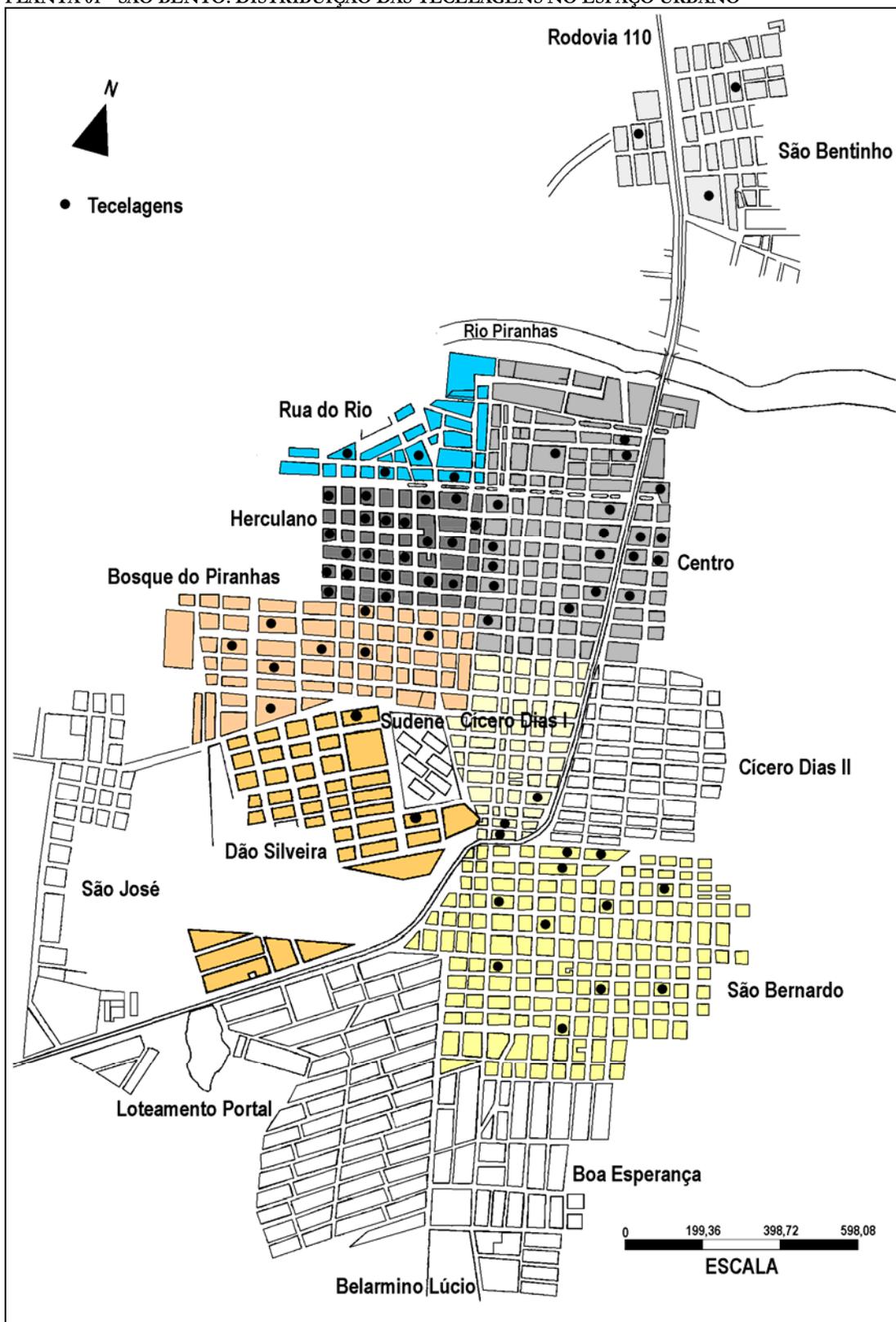
A ampliação das divisões do trabalho social, técnica, produtiva e territorial interna (Comparar PLANTAS 01 e 02) e externamente a São Bento, função das horizontalidades, complementaridades e verticalidades desenvolvidas no período técnico anterior contribuíram para a emergência do circuito espacial da produção internacional da sua indústria têxtil (MAPA 11) no início da década de 1990, ainda que a quantidade e qualidade das empresas que lhe originaram e que fazem parte do circuito superior secundário local sejam reduzidas.

As condições até aqui descritas e analisadas permitiram ver um grande dinamismo na produção e reprodução da sociedade e do espaço de São Bento, comprovado com a difusão da indústria têxtil local para espaços próximos, formando uma mancha produtiva contínua e contígua que é, em certa medida, causa, consequência e condição da consolidação do circuito superior secundário local e do desenvolvimento do seu circuito espacial da produção internacional.

O período tecnológico que, socioespacialmente difundindo-se, territorializou-se em São Bento através de alguns eventos tem possibilitado falar na constituição do seu meio técnico-científico-informacional, ainda que as suas marcas essenciais sejam a incompletude e a escassez.

Esse meio, cujo período técnico-científico manufatureiro já vinha preparando desde a década de 1970, apresenta elementos cuja relação é direta com a mecanização de fato e a internacionalização, incipiente, da indústria têxtil local.

PLANTA 01 – SÃO BENTO: DISTRIBUIÇÃO DAS TECELAGENS NO ESPAÇO URBANO

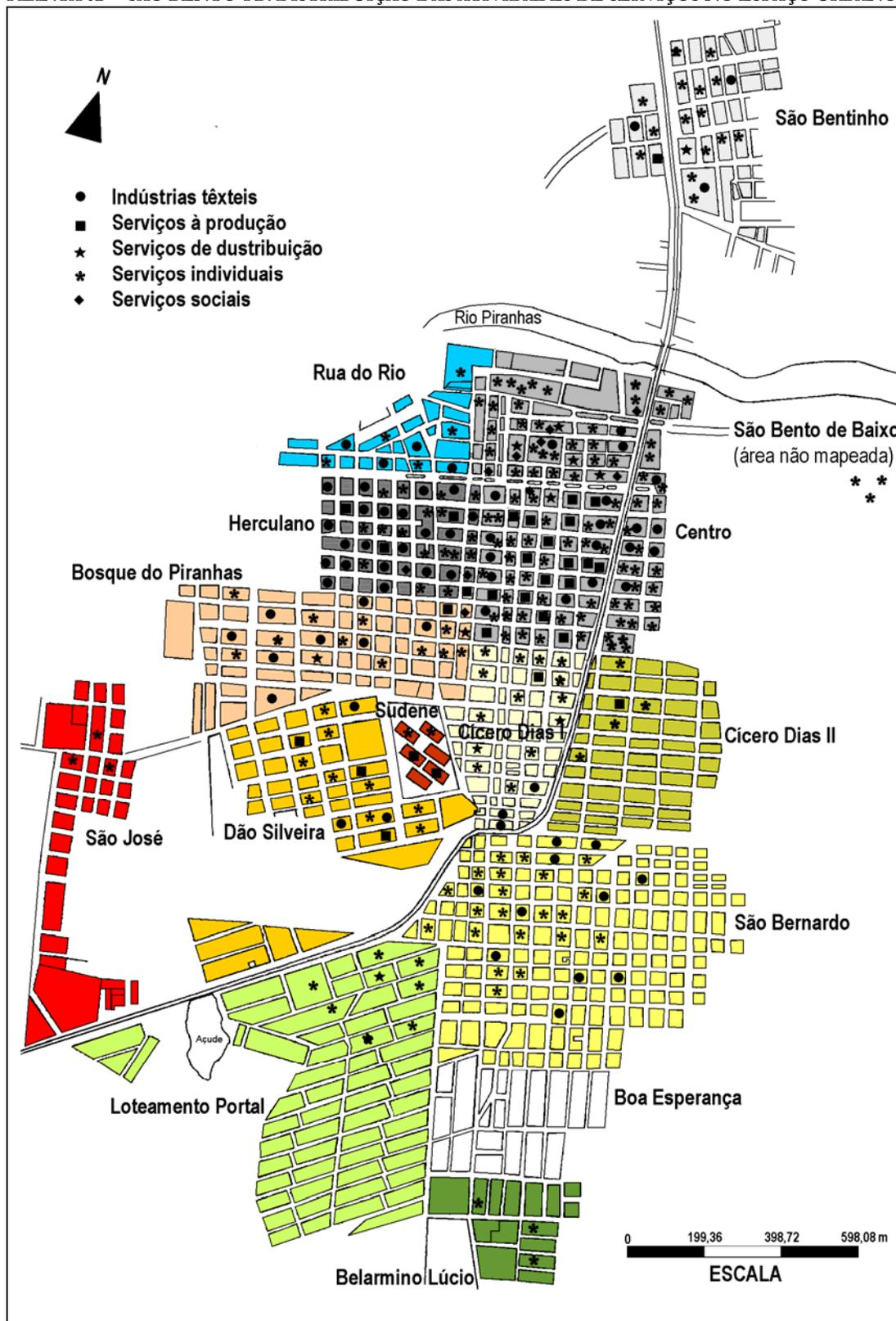


Fonte: IBGE (1994); Prefeitura Municipal de São Bento (2005).

Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

* A Localização nas Quadras da planta não refere ao ponto exato das empresas.

PLANTA 02 – SÃO BENTO-PB: DISTRIBUIÇÃO DAS ATIVIDADES DE SERVIÇOS NO ESPAÇO URBANO

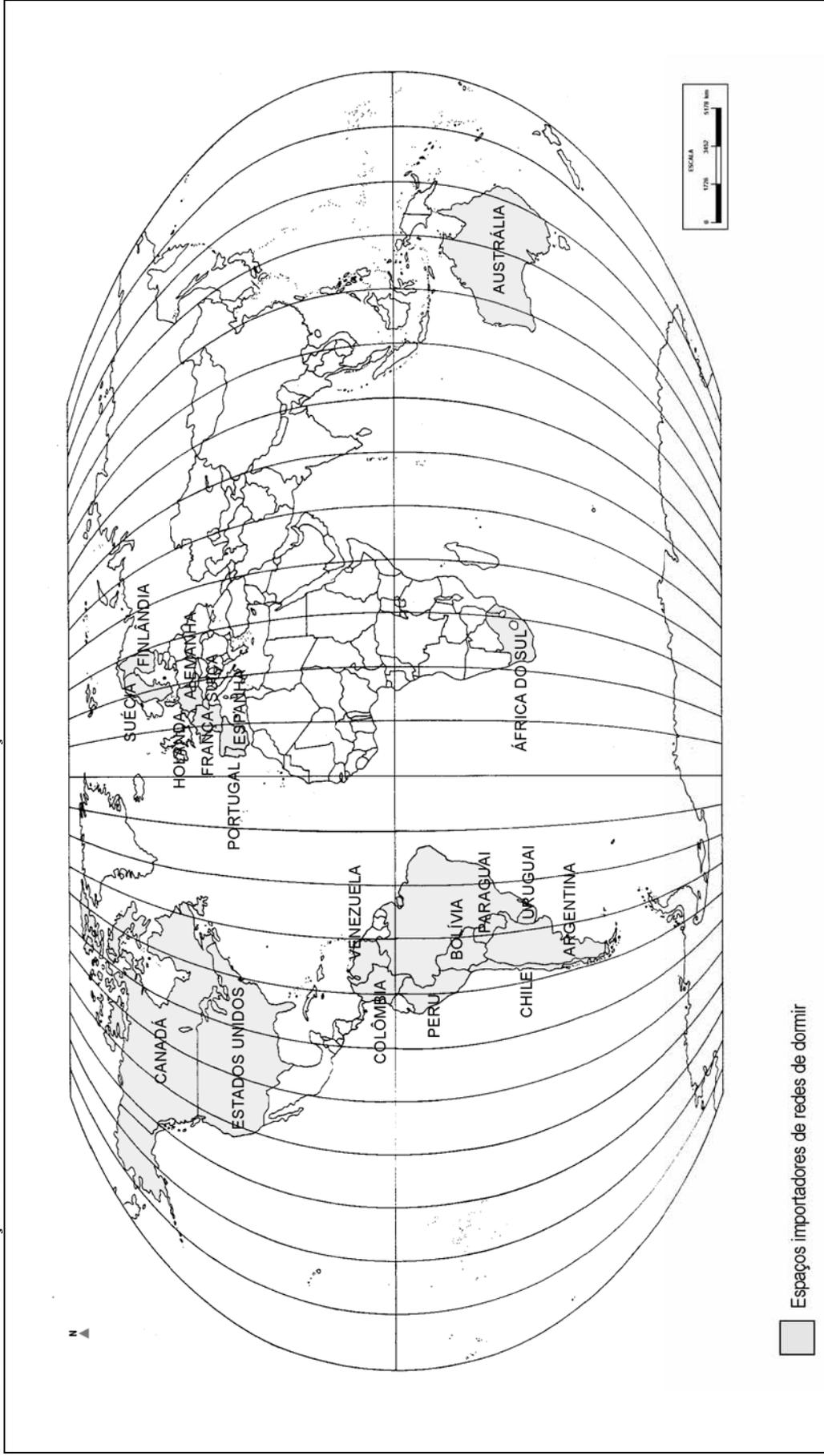


Fonte: IBGE (1994); Prefeitura Municipal de São Bento (2005).

Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

* a localização nas quadras da planta não refere ao ponto exato das atividades.

MAPA 11 – MUNDO: ESPAÇOS FORMADORES DO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO INTERNACIONAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO



Fonte: Brollo; Lucci (1994, vol. 3, p. 73); Carneiro (2001); Indústria (2000); Pesquisa de campo; [Pontes] (2000); Redes Santa Luzia (2002b); Souza (2005, p. E-6).
Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

4.1 A MECANIZAÇÃO DA INDÚSTRIA TÊXTIL E A PRODUÇÃO DO MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL DE SÃO BENTO

O processo de mecanização da indústria têxtil de São Bento e as conseqüentes transformações espaciais relacionadas a ela podem ser vistas como o resultado do avanço nacional da produção capitalista, determinado pelas tendências contraditórias de diferenciação e igualização espacial que emergem em seu seio e se tornam visíveis na paisagem como modelo do desenvolvimento desigual (SMITH, 1988, p. 149).

A mecanização da industrial local enquanto processo de substituição dos objetos técnicos naturais por objetos técnicos “híbridos”, técnico-científicos e técnicos-científicos-informacionais (QUADRO 03) é um processo que se relaciona à modernização do Brasil, em especial a partir da segunda metade do século passado, na qual se nota um vertiginoso avanço dos *objetos concretos* (SIMONDON apud SANTOS, 1999a, p. 33) no espaço, nas empresas e no cotidiano das pessoas.

Esse processo de inovação tem como dado explicativo o sistemismo da técnica, pois como afirma Santos (1999a, p. 140-141) os “conjuntos de técnicas aparecem em um dado momento, mantêm-se como hegemônicas durante um certo período [...] até que outro sistema de técnicas tome o lugar. Essa é a lógica de sua existência e de sua evolução”.

A interpretação e a compreensão de todo artefato, diz Weber (2004, p. 5), está em função do sentido proporcionado à sua produção e utilização pela ação humana. Dessa perspectiva pode-se dizer que a mecanização da indústria têxtil de São Bento é o resultado da irreversibilidade das técnicas, na medida em que estas “[...] em um primeiro momento, são um produto da história e, em um segundo momento, elas são produtoras da história, já que diretamente participam desse processo” (SANTOS, 1999a, p.145).

QUADRO 03 – “OBJETOS IMPERFEITOS” E “OBJETOS PERFEITOS” DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO SEGUNDO O PERÍODO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO LOCAL

PERÍODO	“OBJETOS IMPERFEITOS”	“OBJETOS PERFEITOS”
Técnico-científico manufatureiro	<ul style="list-style-type: none"> ▲ Engenho artesanal (madeira e aros de bicicleta) ▼ Espuladeira artesanal (FOTO 18) ▼ Estampagem artesanal (folhas de raios-X e cartolina) ▲ Fio de algodão cru (fiação manual) ▼ Meadeira artesanal ▲ Pano de fio de algodão grosso ▲ Tecidos grosseiros ▼ Teares de três panos (madeira) ▼ Teares horizontais (madeira) ▼ Teares Batelão (madeira) ▼ Tinturador artesanal ▼ Tintas naturais (produtos naturais) ▼ Urdideira artesanal (madeira) 	<ul style="list-style-type: none"> ▲ Engenho mecânico (madeira, aros de bicicleta e motores) ▲ Conicaleira mecânica (FOTO 19) (cordão de algodão) ▲ Espuladeira mecânica ▲ Estampagem Silkscreen ▲ Fio de algodão cru industrializado ▲ Meadeira mecânica ▲ Pano de fio de algodão fino (brim e fustão) ▲ Tecidos brim e fustão ▲ Teares mecânicos (Ribeiro) ▲ Teares mecânicos (Ingleses ou Caboré) ▲ Teares mecânicos (Andrighetti) ▲ Tinturador mecânico ▲ Tintas químicas (produtos artificiais) ▲ Urdideira mecânica
Técnico-científico-informacional maquinofatureiro	<ul style="list-style-type: none"> ▲ Alvejamento artesanal (tanque de cimento) ▶ Conicaleira mecânica (cordão de algodão) ▼ Engenhos ▶ Fio de algodão cru (industrializado) ▶ Redes de fios grossos ▲ Redes de fios finos ▲ Tecido brim e fustão ▶ Tecido de fio de algodão (em geral) ▶ Teares mecânicos automáticos que trocam apenas uma lançadeira ▶ Varanda artesanal 	<ul style="list-style-type: none"> ▲ Alvejamento automático ▲ Conicaleira mecânica (cordão de náilon (FOTO 20)) ▲ Torcedeira (FOTO 21) ▲ Fio de algodão colorido (industrializado) (FOTO 22) ▲ Redes de náilon (FOTO 23) ▲ Redes de poliéster (FOTO 24) ▲ Tecido gabardine ▲ Tecidos Jeans ▲ Tecido de fio sintético (poliamida) (FOTO 25) ▲ Teares mecânicos automáticos que trocam até três lançadeiras ▲ Varanda mecânica (FOTO 26)

Fonte: Carneiro (2001); Egler (1984); Pesquisa de campo; Rocha (1983).

Nota: ▲ Tendência ascendente (real ou potencial);
 ▼ Tendência declinante (real, potencial ou obsolescência);
 ▶ Tendência estável.

**FOTO 18 – TACARATU-PE: JOVEM ENCHENDO ESPULA ,
EM ESPULADEIRA ARTESANAL,
SEMELHANTE AS QUE SE USAVAM EM SÃO
BENTO**



Foto: Araújo (1996b, p.107).

**FOTO 19 – SÃO BENTO-PB: CONICALEIRAS FABRICANDO
TRANCELIM OU CORDÕES**



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

**FOTO 20 – SÃO BENTO-PB: CORDÕES DE NÁILON, ACIMA,
FABRICADOS LOCALMENTE**



Foto: Elisângela Fotografias, 2006

FOTO 21 – SÃO BENTO-PB: TORCEDEIRA OU MÁQUINA DE FAZER CORDÕES PARA VARANDAS



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

FOTO 22 – SÃO BENTO-PB: FIOS DE ALGODÃO EM CORES VENDIDO EM DEPÓSITO



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

FOTO 23 – SÃO BENTO-PB: REDES DE DORMIR DE NÁILON



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

FOTO 24 – SÃO BENTO-PB: REDE DE DORMIR DE CORDÕES DE POLIÉSTER



Foto: Rosalvo Nobre Carneiro, 2006.

FOTO 25 – SÃO BENTO-PB: TECIDOS DE NÁILON ADQUIRIDOS EM GRANDES EMPRESAS BRASILEIRAS



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

FOTO 26 – SÃO BENTO-PB: VARANDA FABRICADA EM MÁQUINA



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

Esta mecanização conduziu localmente à convergência dos momentos produtivos, onde o tempo que importa não é mais o do ser humano, mas o do ser mecânico. O ritmo dos objetos técnicos-científicos presentes na indústria têxtil é regular, cadenciado, ininterrupto, exigindo o uso integral, como norma, do tempo humano e social a ele, modificando, com isso, o tempo/ritmo de cada qual ao tempo convergente do prático-inerte (SARTRE, 2002).

A presença de objetos técnicos-científicos-informacionais na indústria têxtil de São Bento, como os microcomputadores usados na parte organizacional das empresas, máquinas de tecer varandas (FOTO 27) e de alvejar e secar tecidos que funcionam mediante uma informação específica são elementos da presença de um novo meio geográfico nessa localidade, presente em todos os lugares do país, ainda que de forma desigual segundo as vantagens comparativas socioespaciais.

FOTO 27 – SÃO BENTO-PB: MÁQUINA DE TECER VARANDAS



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

A difusão desses objetos técnicos concretos traz consigo um conteúdo novo para a forma de produção industrial e espacial de São Bento, ao mesmo tempo causa e consequência de

modificações na relação objetos e homens, onde “os objetos não estão mais cercados por um teatro de gestos do qual vinham a ser os papéis, tendo sua finalidade se acentuado a tal ponto que hoje se tornaram quase os atores⁵² de um processo global do qual o homem é simplesmente o papel ou o espectador” (BAUDRILLARD, 2002, p. 62).

Desde que Durkheimer (2003, p. 19n) afirmou, no final do século XIX, que os únicos elementos ativos da sociedade são os indivíduos muita coisa se passou nas ciências sociais, levando-as a admitir o papel de atores cada vez mais agentes na vida cotidiana das pessoas, sejam por meio das *rugosidades do espaço* (SANTOS, 2002) ou dos objetos de uso inteligentes físicos e virtuais (FIRMINO, 2000, [2000?]), alterando-se as relações entre o sistema de objetos e o sistema de ações que definem o espaço na atualidade.

4.2 O SISTEMA DE OBJETOS E O SISTEMA DE AÇÕES ATUAIS DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO

Os circuitos de fluxos socioespaciais da produção não se dão sem os objetos que os interligam entre si, daí a relevância da consideração do sistema de objetos como elemento explicativo do sistema de ações e da produção do espaço, da mesma forma que as ações são necessárias para a compreensão da produção do espaço pelo sistema de objetos.

Os objetos são a *senha* por excelência – aquilo que nos permite adentrar no interior das coisas – desde que a primazia da produção deu lugar ao primado do consumo, trazendo os objetos à cena principal (BAUDRILLARD, 2001, p. 9).

A permanência, contemporaneamente, do sistema de objetos da indústria têxtil de São Bento – a produção familiar e doméstica, a pequena, média e grande maquinofatura, o artesanato

⁵² Dizer que os objetos são atores significa vê-los como sinônimos de fatores, isto é, “[...] determinadas formas históricas de desenvolvimento, nas quais as criações da atividade social do homem adquirem autonomia e sob este aspecto se tornam fatores e se transferem à consciência acrítica como forças *autônomas* independentes do homem e da sua atividade” (KOSIK, 1995, p. 112).

e a indústria – ao lado do sistema de objetos técnicos-científicos-informacionais, faz parte da própria lógica do modo de produção hegemônico, que permite a reprodução de modos de produção hegemonzados dentro de uma coerência estrutural e funcional.

Lipietz (1988, p. 23) lembra que vários modos de produção coexistem na sociedade, cada qual com suas lógicas de desenvolvimento e que estes, quando comparados entre si, geralmente se mostram contraditórios, porém quando articulados concretamente o conjunto dessas formas de fazer revelam uma unidade e coerência que é imposta pela dominância do modo capitalista de produção.

O sistema de objetos solicita ações que igualmente se dão em sistema, todavia como estas são de natureza distinta – orientadas para fins próprios ou orientadas para o entendimento coletivo – obedecem a razões e lógicas diferentes e contraditórias.

O espaço de São Bento resultou e resulta das interações solidárias e contraditórias desse sistema de ações com o sistema de objetos localmente presentes ou não e que garantem o funcionamento dos seus circuitos de fluxos socioespaciais e da sociedade local como um todo.

4.3 AS SOLIDARIEDADES E O ESPAÇO DE SÃO BENTO: OS CIRCUITOS DE FLUXOS E ESPACIAIS DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO

O território é formado, atualmente, por lugares contíguos e lugares em redes. Esses lugares apresentam funcionalizações simultaneamente diferentes, muitas vezes opostas. Esse acontecer simultâneo origina novas formas de solidariedades espaciais expressa em três tipos de aconteceres: o acontecer homólogo, o acontecer complementar e o acontecer hierárquico (SANTOS In: SANTOS; SOUZA; SILVEIRA, 1998, p.16).

A importância que cada uma dessas três formas de solidariedade espacial teve na produção e organização do espaço de São Bento foi variável, segundo seus períodos histórico e

geográfico. O mesmo se dá no período atual, bem como também muda em função das relações que cada circuito de fluxos da indústria têxtil local desenvolve com seu espaço de ação, os circuitos espaciais da produção.

Cada circuito de fluxos da indústria têxtil de São Bento atua em um circuito espacial da produção específico a partir das formas do acontecer solidário, isto é, o acontecer homólogo, complementar e hierárquico.

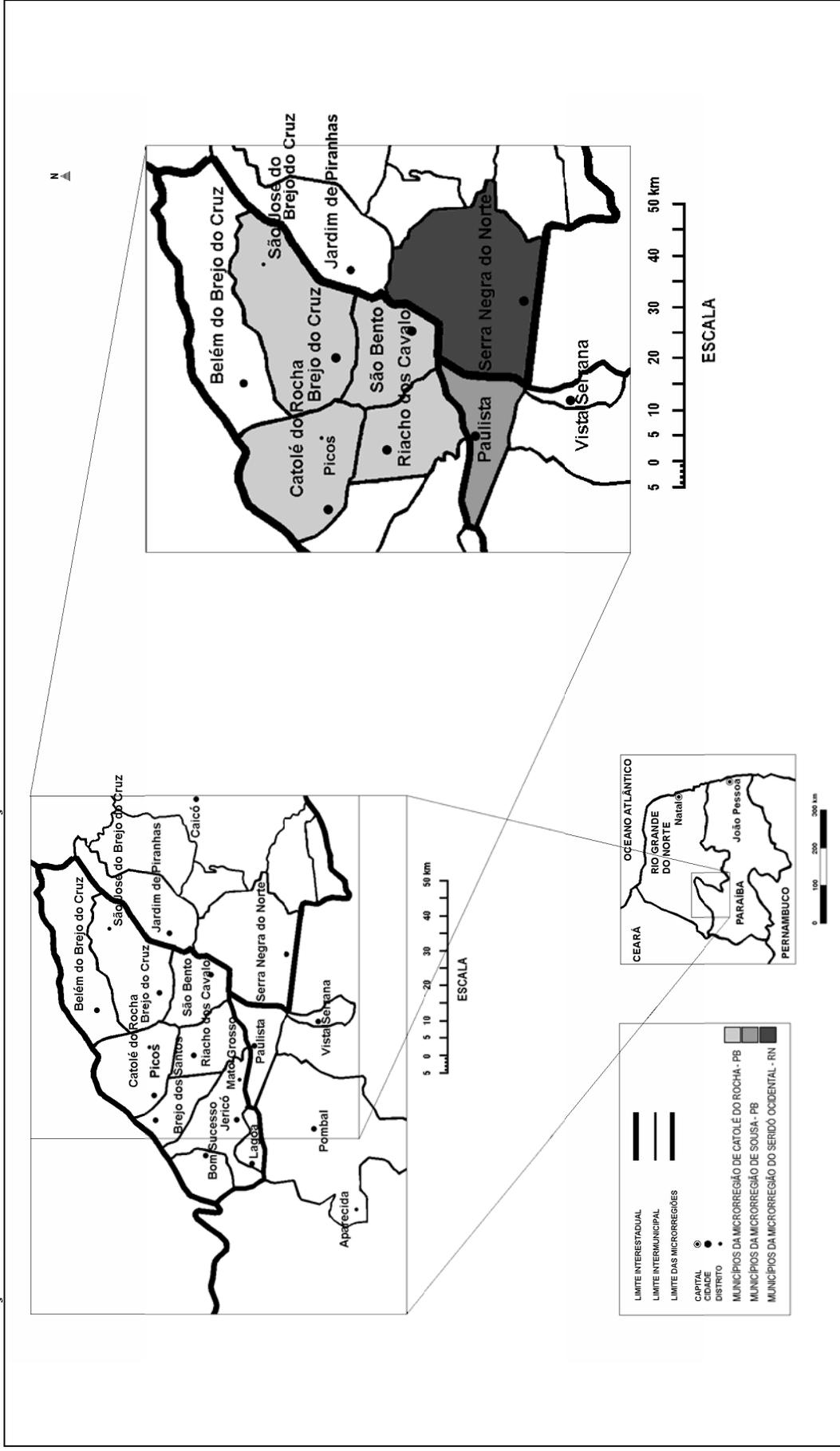
Assim, o circuito espacial da produção local (MAPA 12) e o circuito espacial da produção regional (MAPA 13) comportam em seus limites a produção de um acontecer homólogo e complementar associado principalmente às ações dos circuitos inferiores, como também as do circuito superior secundário.

O circuito inferior formal e o circuito superior secundário atuam no circuito espacial da produção nacional mediante a manutenção de um acontecer complementar ampliado (MAPA 14) e todos os circuitos de fluxos interagem com um acontecer hierárquico impositivo ao mesmo tempo em que impõem ao circuito espacial da produção local e regional seu próprio acontecer hierárquico.

4.3.1 O ACONTECER HOMÓLOGO DO/NO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO REGIONAL DOS CIRCUITOS DE FLUXOS DA INDÚSTRIA TÊXTEL DE SÃO BENTO

O acontecer homólogo da indústria têxtil de São Bento é sinônimo de ordem local. Esta ordem está associada a um sistema de objetos regidos pela interação, na medida em que está no território e é território, cuja solidariedade entre atores sociais cria uma organização, que favorece, por sua vez, a comunicação no cotidiano, através da co-presença, da cooperação e socialização, tudo isto baseado na contigüidade espacial (SANTOS In: SANTOS, 2005, p. 170).

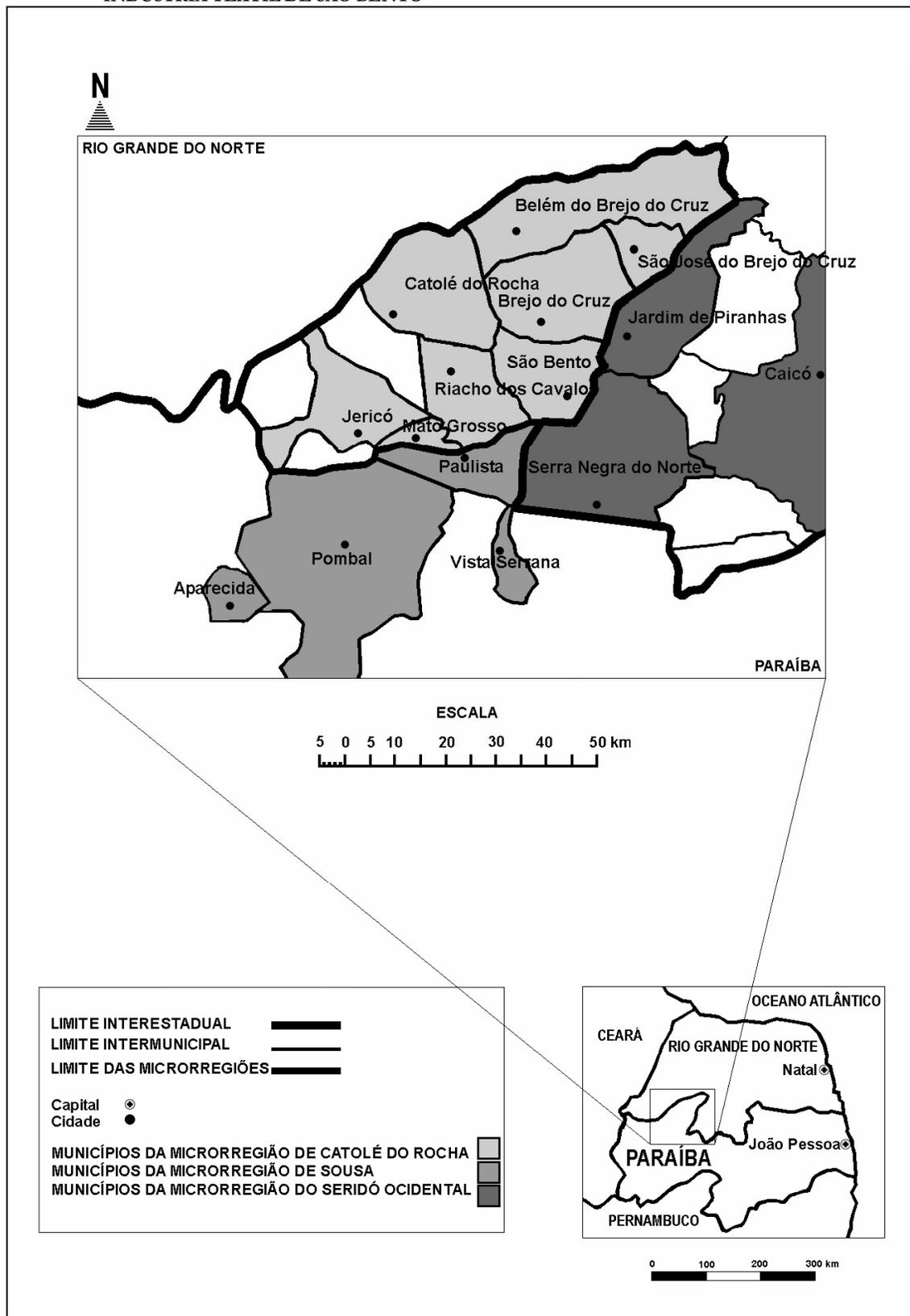
MAPA 12 – ESPAÇOS FORMADORES DO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO LOCAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO



Fonte: IBGE (1970); Pesquisa de campo; Simielli (2002, p. 41); SUDENE (1991).

Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

MAPA 13 – ESPAÇOS FORMADORES DO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO REGIONAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO



Fonte: IBGE (1970); Pesquisa de campo; Simielli (2002, p. 41); SUDENE (1991).
Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

MAPA 14 – BRASIL: PONTOS E EMPRESAS DO ACONTECER COMPLEMENTAR DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO



Fonte: IBGE [200-b]; Pesquisa de campo.
 Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

Quando se parte da produção direta da indústria têxtil de São Bento, cujos demais momentos da produção não são satisfeitos localmente, o processo produtivo encontra-se, neste caso, condicionado às ações orientadas a fins e às ações orientadas para o entendimento que se realizam com outros lugares.

Como a produção direta da indústria têxtil de São Bento se realiza em um espaço mais amplo que o espaço urbano, através das relações interurbanas e das relações cidade-campo que mantém, seja com o seu próprio campo ou com o campo dos municípios adjacentes, como tratar esta solidariedade espacial como homóloga, uma vez que o que este fato demonstra é a presença de complementaridades?

A solução é ver o acontecer complementar, em escalas inferiores da hierarquia espacial, também como acontecer homólogo cujas complementaridades formam um cotidiano compartilhado subjetiva, intersubjetiva e objetivamente, mediante o uso de um sistema de objetos e ações similar, freqüentemente associado à realização de fins, mas que não prescinde das ações simbólicas para a busca de entendimento sobre algo no mundo vivido.

Nessa perspectiva temos que o acontecer homólogo da produção têxtil de São Bento se realiza no circuito espacial da produção local e regional, cujos circuitos de fluxos inferiores e superior secundário participam da sua lógica técnica, normativa, organizacional e comunicativa.

Cada circuito, o inferior informal, o inferior formal e o superior secundário com seus respectivos circuitos espaciais da produção apresentam sua própria lógica, isto é, possuem um tempo/ações e espaços próprios, mas que através do circuito espacial da produção local e regional se interpenetram, dividem um tempo-espço que os aproxima, gerando solidariedades e comunicações entre si.

Estas lógicas são diversas, portanto, quando consideramos o acontecer complementar que se realiza em paralelo ao acontecer homólogo, isto é, quando ampliamos os espaços de interação entre os circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento e os circuitos de fluxos na escala do país, com os quais o espaço local se relaciona através das atividades orientadas ao êxito,

sem prescindir para tanto das ações simbólicas.

4.3.2 O ACONTECER COMPLEMENTAR: DESENVOLVIMENTO GEOECONÔMICO DESIGUAL E COMBINADO DOS LUGARES

Semelhantemente ao acontecer homólogo, o cotidiano compartilhado que o acontecer complementar cria se caracteriza por normas que são parcialmente geradas e modificadas localmente, pelo uso de informação que tende, desse modo, a se generalizar e na relevância das técnicas acompanhada da supremacia das formas por elas criadas (SANTOS, 1999, p. 132).

Todavia, ao ampliar-se a escala espacial deste acontecer as normas passam a ser centrípetas, na medida em que diversas produções, não ligadas à indústria têxtil de redes de dormir local, como a produção química de cloro, tintas e sabão, passam a se relacionar com ele por meio das empresas locais do circuito inferior formal e do circuito superior secundário.

A generalização da informação no espaço de São Bento e em seu circuito espacial da produção regional está na rapidez com que uma novidade implantada localmente historicamente se difundiu e se difunde. Exemplo disso é a difusão da fabricação das *redes montadas*⁵³ a partir da década de 1970 e das redes cadeira e cadeira sofá (FOTO 28 e 29) no início do século XXI, bem como o uso das máquinas de fazer varandas.

As relações socioespaciais de São Bento motivadas por sua indústria têxtil se apresentam de forma diversificada para cada circuito de fluxos. Tem-se, desse modo, algumas situações que permitem falar em um acontecer complementar único e ao mesmo tempo diferente para cada um deles.

⁵³ São assim chamadas as redes feitas com tecidos brim, gabardine ou de náilon adquiridas em outras empresas do país, aos quais vão se acrescentando suas demais partes, em um processo que lembra a montagem de um objeto.

FOTO 28 – SÃO BENTO-PB: REDE DE DORMIR CADEIRA



Foto: Redes Santa Luzia (c2002d).

FOTO 29 – SÃO BENTO-PB: REDE DE DORMIR CADEIRA SOFÁ SEM VARANDAS



Foto: Consórcio São Bento (2005c).

Assim, no circuito inferior a primeira etapa da produção, o processo produtivo direto, principia em São Bento com a aquisição das matérias-primas nos depósitos (FOTO 30) – intermediários – se prolonga aos demais territórios onde a etapa seguinte será satisfeita, qual seja, o acabamento dos produtos têxteis e retorna para a realização local da fase posterior, a distribuição, incluindo a circulação e o consumo das mercadorias.

Os depósitos de fios e tecidos são os elos entre os circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento e os circuitos superiores não-hegemônicos e hegemônicos nacional, se constituindo, com esta função, o topo dos circuitos inferiores locais e de uma parte importante do circuito superior secundário, não apenas de São Bento, como dos espaços do seu circuito espacial da produção regional.

A partir dos serviços de circulação presentes no interior dos serviços à produção dos depósitos de São Bento, sejam os de fios e tecidos, de produtos químicos (FOTO 31) e máquinas, peças e acessórios (FOTO 32), tem-se início o acontecer complementar da indústria têxtil de São Bento, ao mesmo tempo em que esse acontecer reforça a importância do movimento para esta produção e das relações funcionais entre objetos localizados em diferentes lugares, ou seja, entre subespaços os mais variados distribuídos pelo território nacional.

As interações da indústria têxtil de São Bento com as fiações e tecelagens do país envolvem relações comerciais com empresas do circuito superior, tanto não-hegemônico quanto hegemônico nacional, de três das cinco grandes regiões brasileira, quais sejam, a região Nordeste, o Sudeste e o Sul (QUADRO 04, GRÁFICO 06 e MAPA 15).

Embora se note uma presença mais marcante numericamente das fiações e tecelagens dos estados da região Nordeste, representados por sete deles e perfazendo um total de 15 empresas a diferença em relação aos do Centro-Sul é desprezível, já que estas somam 11.

FOTO 30 – SÃO BENTO-PB: DEPÓSITO DE FIOS E TECIDOS DA EMPRESA COMFIOS



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

FOTO 31 – SÃO BENTO-PB: EMPRESA DE PRODUTOS QUÍMICOS (LORO, TINTAS E SABÃO)



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

FOTO 32 – SÃO BENTO-PB: EMPRESA DE PEÇAS E ACESSÓRIOS NOVOS PARA TECELAGEM



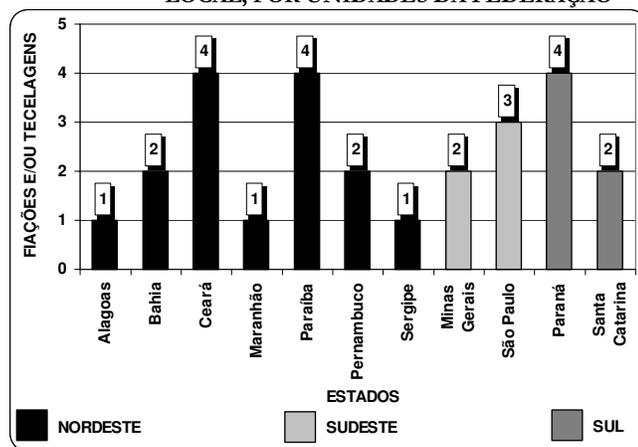
Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

QUADRO 04 – EMPRESAS QUE COMERCIAM FIOS E TECIDOS PARA A INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO, POR TIPO DE PRODUTO E CIDADE DE ORIGEM

EMPRESAS	REGIÃO	UF	TIPO DE PRODUTO	CIDADE
FINORTE	NORTE	MA	Fios cru	São Luis
FABRICA DA PEDRA S/A	NORDESTE	AL	Tecidos brim e gabardine	Delmiro Gouveia
VALENÇA TÊXTIL		BA	Tecidos brim e gabardine	Valença
JAGUAR TÊXTIL E CONFECÇÕES LTDA		CE	Fios tinto, alvejado e cru	Jaguaruana
BEATRIZ TÊXTIL S/A		CE	Fios cru	Maracanaú
TÊXTIL BEZERRA DE MENEZES		CE	Fios cru	Fortaleza
MULTICOR		CE	Fios tinto	Jaguaruana
FICAMP S/A – INDÚSTRIA TÊXTIL		PB	Fios tinto e cru	Alhandra
NORFIL		PB	Fios cru	João Pessoa
CATEX		PB	Fios cru	Cajazeiras
PATAMUTÉ		PB	Fios cru	Cajazeiras
COTEMINAS		PB	Fios cru	Campina Grande
ALESTE		PE	Fios cru	Recife
TEGUISA		PE	Fios tinto e cinza	Sertânea
ITABAIANA		SE	Fios cru	Itabaiana
CONSTÂNCIO VIEIRA	SE	Tecidos brim e gabardine	Aracajú	
FÁBRICA DE TECIDOS SANTA MARGARIDA S/A	SUDESTE	MG	Fios cru	Guaranésia
HORIZONTE TÊXTIL		MG	Tecidos brim e de gabardine	Belo Horizonte
DIPLOMATA		SP	Tecidos de náilon	Americana
DUPONT		SP	Tecidos de náilon	São Paulo
FIBRA S/A			Fios de poliéster	São Paulo
BR TÊXTIL	SUL	PR	Fios cru	Rolândia
INDÚSTRIA TÊXTIL APUCARANA LTDA		PR	Tecidos brim e gabardine	Apucarana
PARANÁTEX INDÚSTRIA TÊXTIL LTDA		PR	Tecidos brim e gabardine	Apucarana
ADMS		SC	Fios tinto	Brusque
FIOS BLUMENAU		SC	Fios tinto (Hering)	Blumenau
RECICLATEX IND.E COM. TÊXTIL LTDA		SC	Fios tinto	Indaial

Fonte: Pesquisa de campo.

GRÁFICO 06 – SÃO BENTO-PB: FIAÇÕES E/OU TECELAGENS QUE VENDEM FIOS E TECIDOS PARA A INDÚSTRIA TÊXTIL LOCAL, POR UNIDADES DA FEDERAÇÃO



Fonte: pesquisa de campo.

Dado importante do período técnico-científico-informacional de São Bento são as relações espaciais desenvolvidas entre os circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento, notadamente os agentes sociais responsáveis pela distribuição nacional dos produtos local e regional – os redeiros – e a indústria têxtil de outras áreas da região Nordeste.

Neste caso tem-se verificado, desde a década de 1990, aumento dos fluxos locais, de capital e de pessoas, em direção às regiões do Seridó Ocidental potiguar, com destaque para a região produtora de bonés de Caicó e do agreste pernambucano como Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama (QUADRO 05).

QUADRO 05 – COMPLEMENTARIDADES DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO COM REGIÕES TÊXTEIS DO PAÍS

REGIÕES TÊXTEIS E PRODUTOS			
Nordeste – UF			Brasil
CAICÓ-RN	PATOS-PB SOUSA-PB	SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE-PE CARUARÚ-PE TORITAMA-PE	CENTRO-SUL
Bonés	Sapatos	Sulancas	Camisetas de clubes de futebol e têxteis em geral

Fonte: Pesquisa de campo.

Os redeiros e seus trabalhadores, os corretores, representam a principal forma de complementaridade, comandada pelos processos de comercialização e consumo das redes de dormir e demais artigos têxteis de São Bento, entre os consumidores nacionais e a produção local.

Neste particular se destacam ainda os inúmeros empresários locais ligados ao setor de serviços que possuem depósitos e/ou lojas de produtos têxteis fabricados em São Bento ou de têxteis em geral, adquiridos em diversos lugares do país.

Unindo os redeiros e os comerciantes de depósitos e lojas de têxteis espalhados pelo território brasileiro ao espaço de São Bento aparecem com grande destaque as empresas, de

capital local, do circuito superior secundário, que são prestadoras de serviços de frete e transporte de mercadorias, internamente chamadas de prensas (FOTO 33).

FOTO 33 – SÃO BENTO-PB: EMPRESA DE PRENSAGEM E TRANSPORTE DE REDES DE DORMIR⁵⁴



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

Por fim, as formas de complementaridades na indústria têxtil de São Bento, geradas pelo consumo, se fecham com a distribuição feita semanalmente na feira da pedra e diariamente, nas próprias fábricas.

Esses sistemas de objetos de distribuição, descritos acima, são os responsáveis, portanto, pela união dos espaços produtivos de São Bento e de seu circuito espacial da produção regional aos espaços de consumo nacional, ligação esta operada por intermédio dos espaços de circulação terrestre.

Com os espaços fornecedores de serviços à produção, notadamente de matérias-primas, e consumidores histórica e espacialmente estas complementaridades se deram no sentido latitudinal até o início da década de 1980 (Comparar MAPAS 05 e 06) quando passaram a se dar no sentido longitudinal (Comparar MAPAS 15 e 16). No caso do fornecimento de máquinas e componentes desde 1964 o sentido era Sudeste-Nordeste.

⁵⁴ Esta empresa encerrou suas atividades ainda no primeiro semestre de 2006, pouco tempo depois que esta foto foi tirada, reflexo dos problemas econômicos que enfrenta a indústria têxtil de São Bento.

MAPA 16 – BRASIL: ÁREAS DE AÇÃO COMERCIAL DOS CIRCUITOS DE FLUXOS DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO



Fonte: IBGE [200-b]; Pesquisa de campo.
 Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

Esse giro espacial das complementaridades é correlativo da importância que passou a ter a região concentrada no cenário nacional desde a década de 1970 e que a tornou a área normativa do país, com destaque privilegiado para São Paulo, que se tornara metrópole informacional.

Esta condição foi gerada no seio dos processos de sua reestruturação urbano-industrial, marcada pela dispersão industrial, e de concentração das atividades de decisão, controle e valorização do capital (LENCIONI In: SANTOS; SOUZA; SILVEIRA, 1998, p. 203).

O acontecer complementar é um signo do nível espacial do acontecer hierárquico presente em um dado lugar, isto é, como cada lugar se define por sua *existência corpórea* e por sua *existência relacional* (SANTOS, 1999b, p. 16), por suas horizontalidades e complementaridades, quanto mais intensas, amplas e dinâmicas são estas mais presentes se tornam o acontecer hierárquico em um espaço dado.

4.3.3 O ACONTECER HIERÁRQUICO: AS VERTICALIDADES E O AGIR ORIENTADO PARA FINS COMO NORMA DE FUNCIONAMENTO DOS CIRCUITOS DE FLUXOS SOCIOESPACIAIS DE SÃO BENTO

As verticalidades como aquilo que se impõe a um território e a uma sociedade têm sua sede em pontos longínquos, geralmente externos ao espaço nacional, mas se dão por meio de outros pontos – nós da rede – que localmente se estabelecem com uma intencionalidade presidida pelas oportunidades que os lugares oferecem.

Como ressalta Bourdin (2001, p. 197) “a esfera local é constituída em grande parte pela localização daquilo que vem da esfera nacional: aplicação das políticas públicas ou das estratégias das grandes empresas, das grandes evoluções sociais e políticas” como também daquilo que vêm da esfera mundial, como os imperativos técnicos, políticos e simbólicos.

As verticalidades podem ser materialmente visíveis em seus objetos portadores, mas quase sempre ela é imaterial, mas nem por isso menos real. É assim com o mercado, um fato social, e conforme assinala Durkheim (2003, p. 16) os fatos sociais são coisas tal como as coisas materiais, embora de uma outra natureza.

Embora imaterial, o mercado atravessa as sociedades e os espaços em todas as suas dimensões e como norma impõe-se como necessário ao cotidiano, à produção e reprodução material e imaterial.

A ordem global se impõe à ordem local dos circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento, mas esta ordem é mais ou menos rígida segundo o circuito seja inferior informal, inferior formal ou superior secundário, como também no caso de ser um circuito superior hegemônico ou não-hegemônico. Como lembra Sartre (2002, p. 275) “[...] a realização dos fins humanos define em torno deles um campo de contrafinalidade”.

Os circuitos superiores se apóiam em *atividades não-lingüísticas* (HABERMAS, 1990), obedientes a uma razão instrumental, em que o mercado e o Estado se constituem no seu mundo imediato, com suas normas e informações rígidas mediante as quais suas atividades não podem escapar, sob pena de sofrer sanção, dentre as quais a pior seria o próprio fim das possibilidades de ação, isto é, sua falência ou fechamento.

Ao se lançar como espaço nacional na década de 1970 São Bento leva os seus circuitos de fluxos aos ditames das verticalidades técnicas e organizacionais sob a égide do mercado, forçando a presença do Estado como ator social imprescindível de sua reprodução socioespacial, uma vez que ele aparece como uma vantagem comparativa frente aos demais espaços que não o utilizam como meio de sua modernização.

Por outro lado a nacionalização da produção têxtil local, isto é, sua expansão por todo território nacional, a colocou como concorrente direta das demais empresas produtoras de redes localizadas em outras áreas do país, da mesma forma que impõe a estas empresas e a estes espaços a norma da competitividade e o imperativo da inovação e da conquista de mercados

como diretiva dos comportamentos nelas presentes.

Neste ponto é possível perceber quatro áreas de produção têxtil de redes de dormir e similares – São Bento-PB, Jaguaruana e Fortaleza, no Ceará, e Tacaratu-PE – que dialeticamente se influenciam, ainda que as interações diretas entre ambas sejam diferentemente importantes, mas cujas relações à distância, normatizada pela competição aparece como norma de ação orientada para o sucesso das finalidades próprias a cada uma.

As relações socioespaciais entre São Bento e Jaguaruana é mais intensa que entre São Bento-Fortaleza e São Bento-Tacaratu e parecem se basear ora na busca de novidades internas aos respectivos espaços, como novos tipos de produtos, um novo designer de uma rede, varandas diferenciais ora pelo acesso de comerciantes de têxteis, incluindo os redeiros, aos produtos de ambas as cidades.

Essas afirmações dão conta de que o acontecer hierárquico impõe um cotidiano externo no qual a primazia das normas se dá com a relevância da política (SANTOS, 1999a), um cotidiano que envolve todos os espaços produtores de redes de dormir e similares, seja na região Nordeste, seja no país, em uma lógica instrumental exigente de racionalidade orientada a fins.

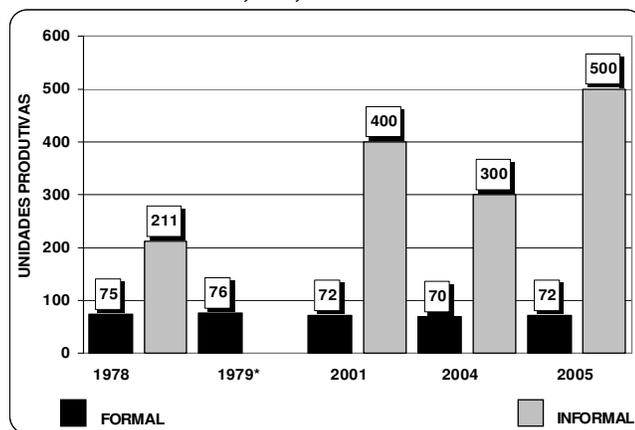
Esta lógica é causa e consequência da competição entre espaços e empresas, mas que se mostra com vantagens para algumas, aquelas que conseguiram impor internamente um relativo processo de modernização de suas produções, não apenas no processo produtivo, como também em seus processos de circulação, distribuição e organização.

O fato de o espaço de São Bento ter sido o precursor do sistema de vendas de mercadorias em que o mercado não vem até ele, mas ele vai até o mercado, expresso nos redeiros e corretores, demonstra que historicamente este fator foi determinante para que esta atividade assumisse uma posição de destaque no cenário nacional.

Por outro lado, a participação ativa do Estado no fomento às produções de redes tardiamente, cujo processo parece se mostrar mais avançado em Jaguaruana (RIBEIRO NETO; GONDIM, 2005) e Tacaratu (ÁREAS DE ATUAÇÃO, C2004), demonstra que este acontecimento foi

responsável pelo enfraquecimento da atividade local, cujo elevado grau de informalidade (GRÁFICO 07) e da prevalência de atividades do circuito inferior sobre o circuito superior secundário são exemplares.

GRÁFICO 07 – SÃO BENTO-PB: FORMALIDADE E INFORMALIDADE DA INDÚSTRIA TÊXTIL EM 1978, 1979, 2001 E 2004



Fonte: Carneiro (2001); Egler (1984); Haddad (2004); Pesquisa de Campo; Rocha (1983).

* Número não informado para unidades produtivas informais.

Elaboração: Rosalvo Nobre Carneiro.

A incorporação da ciência, da técnica e da informação ao processo de produção sob a égide do Estado e de suas agências e órgãos, como o SEBRAE da Paraíba, através do CIN (CENTRO INTERNACIONAL DE NEGÓCIOS) e da Agência de Desenvolvimento Regional do SEBRAE de Pombal, aparecem agora como verticalidades obrigatórias para o desenvolvimento dessa atividade, exigindo, desse modo, a interiorização de normas externamente criadas.

Pode-se perceber, dessa forma, que os acontecimentos homólogos, complementar e hierárquico e suas diferentes racionalidades – a razão global, a nacional e local – induziram e induzem a formação do meio técnico-científico-informacional incompleto de São Bento.

Este meio é, hoje, essencial ao funcionamento da sociedade, do território e das atividades de São Bento, particularmente as dos circuitos de fluxos da sua indústria têxtil, ainda mais quando se caminha do circuito espacial da produção local para o circuito espacial da produção internacional que eles conformam e neles se conformam.

Capítulo 5

OS CIRCUITOS DE FLUXOS E OS CIRCUITOS ESPACIAIS DA PRODUÇÃO E O MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL DE SÃO BENTO

O uso do espaço pelos homens e pelas empresas é seletivo. Este segundo aspecto interessa mais de perto a este trabalho, pois através de sua análise pode-se perceber a força que exerce o espaço, incluindo o da produção, circulação, distribuição e consumo sobre as ações empresariais.

Para Santos (1985, p. 62), o uso do espaço pelas firmas obedece a uma hierarquia, cujo outro seria a realização diferencial do capital produtivo. A capacidade maior ou menor de cada firma para colocar suas mercadorias em circulação condiciona o seu poder de mercado, político e uso territorial.

Esta seletividade no uso do espaço pelas empresas é causa e condição da existência na indústria têxtil de São Bento dos variados circuitos de fluxos socioespaciais de produção e da capacidade diferencial que cada uma tem de barganhar junto ao mundo do sistema político investimentos locais ou normas que lhes permitam benesses⁵⁵.

Cada circuito de fluxos de São Bento e de seu circuito espacial da produção regional – inferiores e superior secundário – e as empresas que os formam – locais, regionais, nacionais e internacionais, formais e informais – são portadoras de normas internas, que regulam o seu funcionamento interno e normas externas, referentes ao seu comportamento político, seja com o poder público ou com as outras empresas do mesmo circuito ou de circuitos diferentes, cooperantes ou concorrentes, regional ou nacional.

A existência de diferentes circuitos de fluxos e variados circuitos espaciais da

⁵⁵ Em discurso de prestação de contas à Assembléia Legislativa da Paraíba, o governador do estado, Cássio Cunha LIMA (2004, p. 28) ressaltou a política de impostos para as fábricas de redes de dormir de São Bento, que passam a ser “[...] tributadas, agora, por um regime especial que permite a todo produtor se legalizar perante o Fisco, sem se inviabilizar perante o mercado”. Certamente este evento foi uma conquista dos empresários locais cuja importância política e econômica estadual é relevante.

produção na indústria têxtil de São Bento tem correspondência com as exigências do período técnico-científico-informacional presente no país, cuja importância social das redes é fundamental para a explicação da produção do espaço, na medida em que “[...] todos estamos inseridos em mais de uma rede geográfica e, simultaneamente, excluídos ou ausentes de um número ainda maior delas” (CORRÊA, 2001, p. 109).

5.1 OS CIRCUITOS DE FLUXOS INFERIORES E OS CIRCUITOS ESPACIAIS DA PRODUÇÃO LOCAL E REGIONAL DA INDÚSTRIA TÊXTEL DE SÃO BENTO

Os circuitos inferiores de fluxos da indústria têxtil de São Bento são formados por diferentes situações, como as unidades de produção familiares, cuja família é responsável pela produção direta e as unidades de produção domésticas, cuja família organiza a produção e trabalha em algumas etapas da mesma, ficando outras sob a responsabilidade de trabalho assalariado⁵⁶. Há, ainda, as pequenas e médias maquinofaturas de atuação local e regional.

O grosso das relações socioespaciais das empresas do circuito inferior informal da indústria têxtil de São Bento é estabelecido no circuito espacial da produção local. Para umas limitando-se ao espaço urbano, para outras ao espaço rural, para as demais a ambos. As relações entre este circuito e as atividades dos circuitos de Brejo do Cruz, Catolé do Rocha e Paulista se deve à contratação de feiteiras para o acabamento das redes de dormir.

Quanto às atividades do circuito inferior formal – incluindo aí principalmente as maquinofaturas de porte médio – elas atuam sob uma vasta área, contínua e contígua, formada por espaços do Estado da Paraíba e do Rio Grande do Norte, os quais se encontram organizados segundo uma divisão territorial do trabalho comandada pela indústria têxtil de São Bento que

⁵⁶ As unidades de produção familiar podem, muitas vezes, se tornarem, temporariamente, unidades de produção doméstica ao contratarem trabalhadores ao mesmo tempo em que estas também podem, por um período de tempo indefinido, retrocederem até o limite de uma produção familiar, demitindo seus trabalhadores.

originou e faz agir um circuito espacial da produção regional.

Dentre os serviços de acabamento se destaca a confecção de varandas para as redes de dormir. Neste particular se sobressaem as feitas no sítio Picos, distrito de Catolé do Rocha, cuja técnica do batique confere a esta área importância no contexto industrial de São Bento e da região pelas varandas e bordados diferenciados que agregam maior valor às redes de dormir.

Este é o caso, também, de Aparecida, cuja fabricação de varandas e bordados pelas artesãs locais destaca-se do fabrico de São Bento e das demais cidades, o que tem favorecido o crescimento de seu artesanato, incluindo sua mecanização.

Municípios como Belém do Brejo do Cruz, Brejo do Cruz, Paulista, Riacho dos Cavalos e Mato Grosso aparecem, também, como áreas de contratação de pessoas para trabalharem como corretores para os redeiros de São Bento e da região.

Os municípios do Rio Grande do Norte aparecem ora como concorrentes da produção de São Bento ora como produção complementar a ela, a exemplo de Jardim de Piranhas, ou ainda como fornecedores de serviços de acabamento e de mão-de-obra para a indústria local, a exemplo de Serra Negra do Norte.

Há ainda o município de Caicó, cuja interação aparece em função deste espaço ser consumidor dos produtos têxteis fabricados em São Bento, sejam matérias-primas ou redes de dormir e similares, da prestação de serviços individuais como o bordado em máquinas e o acabamento das redes, do fornecimento de bonés e chapéus para os empresários e redeiros locais, bem como pela presença espacial de seus comerciantes (FOTO 34).

O processo técnico das atividades do circuito inferior informal e do circuito inferior formal começa com a aquisição de matérias-primas e insumos – máquinas, peças e acessórios – localmente. Mesmo no caso de Jardim de Piranhas, que possui depósitos de fios e máquinas, o acesso às matérias-primas também ocorre, parcialmente, em São Bento.

FOTO 34 – SÃO BENTO-PB: COMERCIANTE DE BONÉS E CHAPÉUS DE CAICÓ-RN



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

As tecelagens dos circuitos de fluxos de Aparecida, Paulista, Pombal e Riacho dos Cavalos, na Paraíba, e Caicó-RN, por exemplo, adquirem suas matérias-primas principalmente em São Bento uma vez que em seus territórios não há empresas fornecedoras.

Como bem assinala Alencar Júnior (2002, p. 62) “a produção de redes de São Bento já cresceu tanto que se espalha por outros municípios”. Brejo do Cruz, por exemplo, “[...] também é movida pelos teares. Segundo a Prefeitura, existem cinco grandes fábricas de redes – com mais de 10 teares – e outras 25 pequenas, com até cinco teares”.

Atualmente, segundo informações apuradas em campo, são 40 a 50 maquinofaturas, de pequeno e médio porte, cujos serviços à produção e de distribuição local é deficiente. Em função disto as atividades dos circuitos de Brejo do Cruz têm que acessar o mercado de São Bento ou de Jardim de Piranhas para adquirir capitais, insumos, matérias-primas, serviços de frete e consumidores.

Em Jardim de Piranhas existe um filial da Cloro Têxtil, empresa são bentense, que além do cloro fornece tintas para as empresas locais ao passo que em São Bento se observa, em anos recentes, a abertura de filiais de empresas desta cidade potiguar para o fornecimento de tecidos brim e gabardine⁵⁷.

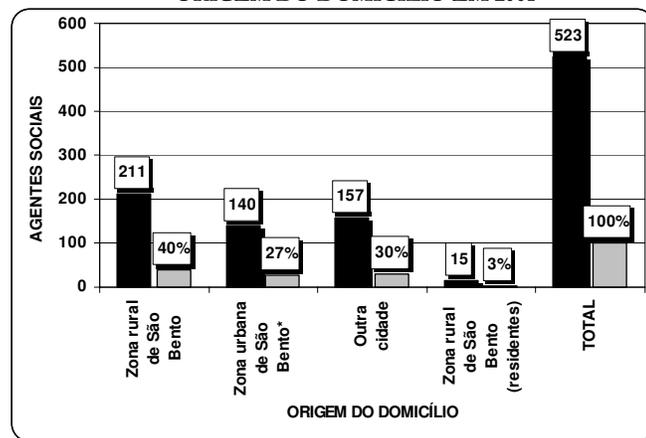
⁵⁷ A maior empresa de Jardim de Piranhas, de propriedade do atual prefeito, é a única produtora de tecidos dessa natureza dentro do circuito espacial da produção regional de São Bento (INFORMAÇÃO VERBAL), o que lhe

Após a aquisição das matérias-primas e sua transformação nas diversas mercadorias elas passam por um processo de acabamento. É neste momento da produção, na qual os objetos de consumo solicitam os objetos de circulação que todo o circuito espacial da produção local e regional da indústria têxtil de São Bento entra em ação efetiva.

Através das atividades do circuito inferior formal mais espaços se agregam horizontalmente à produção de São Bento, bem como de forma vertical, como Belém do Brejo do Cruz, Jericó, Mato Grosso, São José do Brejo do Cruz e Vista Serrana, pois têm que seguir as imposições das ações estratégicas e normas localmente criadas pelas ações orientadas a fins da sua produção e reprodução técnica e social.

Com relação aos espaços paraibanos alguns têm a função, nessa divisão territorial do trabalho, de emissores de fluxos de serviços pessoais para a indústria têxtil de São Bento, a exemplo de Aparecida, Brejo do Cruz, Jericó, Paulista e Riacho dos Cavalos, outros de emigração de trabalhadores, como Vista Serrana, Mato Grosso, Belém do Brejo do Cruz e São José do Brejo do Cruz (GRÁFICO 08).

GRÁFICO 08 – SÃO BENTO-PB: TRABALHADORES⁵⁸ DAS MAQUINOFATURAS URBANAS POR ORIGEM DO DOMICÍLIO EM 2001



Fonte: Carneiro (2001, p. 48).

* Refere-se às pessoas que aí sempre residiram.

confere vantagens competitivas frente aos depósitos de tecidos de São Bento, que as adquirem em tecelagens de Alagoas, Sergipe, Minas Gerais, São Paulo e Paraná.

⁵⁸ Refere-se aos empregos diretos. Nota-se que dos 523 trabalhadores entrevistados em 35 tecelagens de São Bento, 157 (30%) são provenientes de outros municípios, enquanto 211 (40%) os quais residiam na zona urbana, vieram da zona rural do município, mostrando como o processo de migração para a área tem sido intenso nos últimos anos.

A circulação das mercadorias dos circuitos inferiores dentro do circuito espacial da produção local regional se dá, em grande medida, através do sistema de transporte alternativo intermunicipal e interestadual momento em que os pequenos produtores, consumidores e prestadores de serviços circulam nessa área, se informam, negociam, estabelecem contatos, vivem e trabalham segundo as normas locais horizontalmente criadas.

Quanto às formas de distribuição e comercialização, estas são variadas, desde a venda direta na fábrica, desta para os redeiros local e regional e a venda na *feira da pedra* (FOTO 35), para onde se dirigem principalmente os empresários do circuito inferior informal de base familiar ou doméstica existentes no circuito espacial da produção regional de São Bento. Parte dos produtos locais é levada para a feira de redes de Jardim de Piranhas, nas sextas-feiras..

**FOTO 35 – SÃO BENTO-PB: ASPECTO DA FEIRA DA PEDRA
ÀS 08h00min**



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

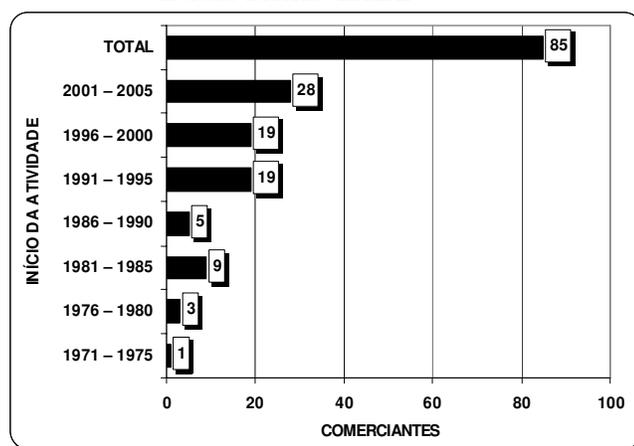
Todas estas formas de distribuição conhecem aumentos importantes na década de 1990 o que pode ser verificado com a análise dos comerciantes da feira da pedra de São Bento. Este aumento tem relação direta com a formação do meio técnico-científico-informacional incompleto de São Bento e a internacionalização de sua produção, bem como a difusão da informação, que tornou o espaço local mais visível nacionalmente.

Os feirantes da “feira da pedra” se dividem em *comerciantes-funcionários* de micro,

pequenas e médias manufaturas que não têm meios para fazer sua produção circular externamente, os *comerciantes-autônomos*, que aprontam redes de dormir para vender e os *comerciantes-produtores* ou empresários de maquinofaturas do circuito inferior, particularmente informal, que também fazem a comercialização direta.

Parte significativa dos comerciantes que formam a feira da pedra iniciou suas atividades a partir de 1990 e no início deste século (GRÁFICO 09). Observa-se que apenas uma pequena parte, 18, iniciou antes de 1991, ultrapassada no período de 1991-1995, quando surgem 19 novos comerciantes, número que se repete no intervalo de tempo que vai de 1996-2000 e que salta significativamente para 28 no período de 2001-2005.

GRÁFICO 09 – SÃO BENTO-PB: COMERCIANTES DA FEIRA DA PEDRA POR INTERVALO DE TEMPO DE INÍCIO DA ATIVIDADE⁵⁹



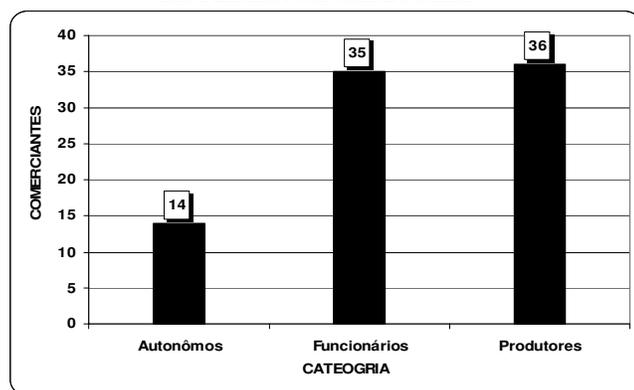
Fonte: Pesquisa de campo.

66 comerciantes, como demonstra o GRÁFICO 09, surgiram entre 1991 e 2005, exatamente no intervalo de tempo que aqui se define como o período técnico-científico-informacional maquinofatureiro de São Bento, revelando certa ligação entre estes eventos. Veja-se que apenas 18 tiveram origem durante os anos de 1971 e 1990, de predomínio do seu período técnico-científico manufatureiro.

⁵⁹ Estes números correspondem a uma amostra formada por 80 negociantes da feira, que podem chegar a um total de 250, variável segundo o período do ano.

Conforme o GRÁFICO 10, o elevado número de comerciantes-produtores, 36, e comerciantes-funcionários, 35, demonstram que os agentes sociais das maquinofaturas do circuito inferior predominam na feira da pedra sobre os comerciantes-autônomos, que somam apenas 14.

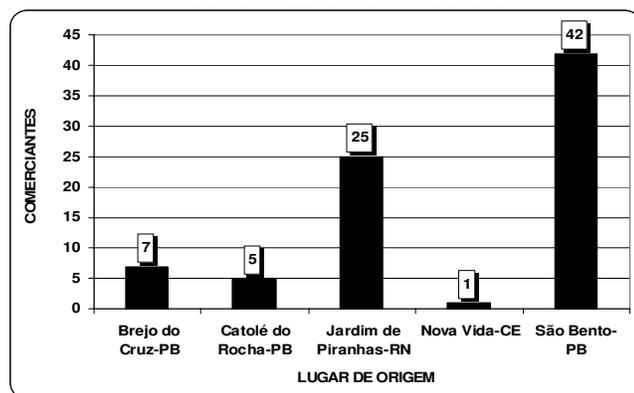
GRÁFICO 10 – SÃO BENTO-PB: COMERCIANTES DA FEIRA DA PEDRA POR CATEGORIA



Fonte: Pesquisa de campo.

O crescimento da feira da pedra tem como uma de suas causas explicativas o fato de São Bento concentrar a comercialização de redes de dormir e demais artigos têxteis fabricados regionalmente, fazendo que convirjam para este espaço os seus produtores, comerciantes e consumidores, incluindo os de seu circuito espacial da produção regional, do Nordeste brasileiro (GRÁFICO 11) e, em menor quantidade, do país.

GRÁFICO 11 – SÃO BENTO-PB: COMERCIANTES DA FEIRA DA PEDRA POR LUGAR DE ORIGEM

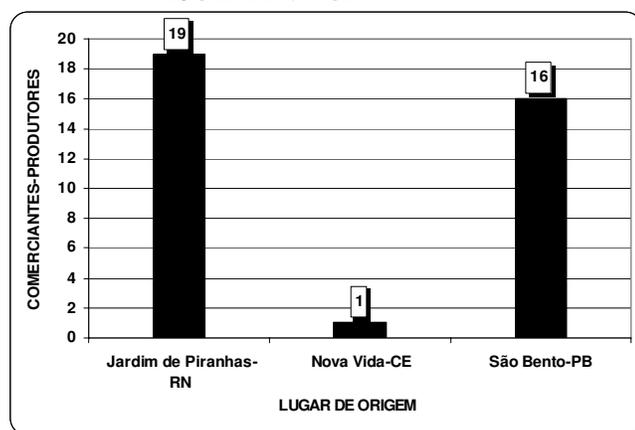


Fonte: Pesquisa de campo.

Dentre os comerciantes os de Jardim de Piranhas representam o maior número, com um total de 25, vindo logo em seguida aos de São Bento, que perfazem 42. Após estes aparecem Brejo do Cruz, com 7, Catolé do Rocha com 5 e Nova Vida, no Ceará, com apenas 1⁶⁰.

Com relação à distribuição dos comerciantes-produtores observa-se que os de Jardim de Piranhas são relativamente mais numerosos, com 19 ocorrências, que os de São Bento que apresentam 16, seguido por um único comerciante-produtor de Nova Vida, Ceará (GRÁFICO 12) demonstrando a importância deste centro maquinofatureiro como produtor e concorrente direto da indústria têxtil local.

GRÁFICO 12 – SÃO BENTO-PB: COMERCIANTES-PRODUTORES DA FEIRA DA PEDRA POR LUGAR DE ORIGEM



Fonte: Pesquisa de campo.

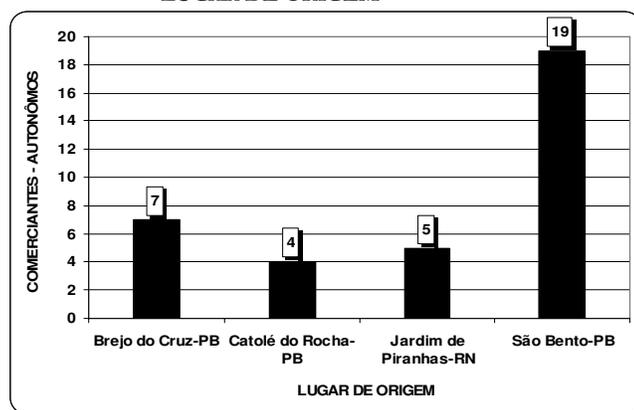
Parte dos comerciantes da feira da pedra pode ser vista como agentes sociais prestadores de serviços individuais, mas neste caso se trata apenas dos comerciantes-autônomos, que além de aprontarem suas mercadorias podem, também, fazerem o acabamento das mercadorias de terceiros.

Os comerciantes-autônômos representam um número significativo frente aos demais tipos de comerciantes, sendo mais representativos os de São Bento, chegando a 19, frente aos de outros municípios, que em conjunto não alcançam este valor, já que perfazem apenas 16

⁶⁰ Pelo fato destes dados se basearem numa amostra, os comerciantes de outros espaços não aparecem no gráfico a exemplo dos de bonés e chapéus de Caicó-RN e os de redes de dormir de Riacho dos Cavalos e Paulista.

(GRÁFICO 13).

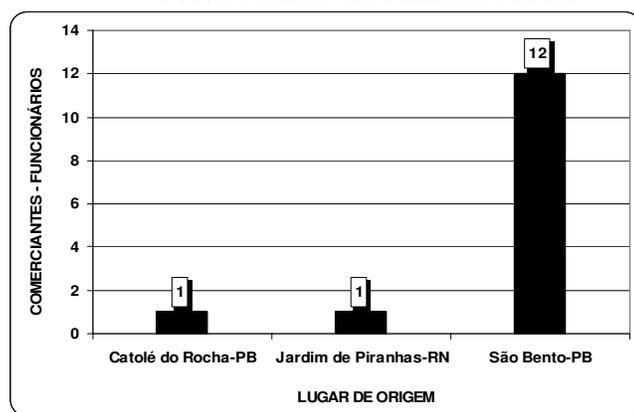
GRÁFICO 13 – SÃO BENTO-PB: COMERCIANTES-AUTÔNOMOS DA FEIRA DA PEDRA POR LUGAR DE ORIGEM



Fonte: Pesquisa de campo.

Outra categoria de comerciantes, a dos funcionários, isto é, operários de algumas maquinofaturas que são encarregados de comercializar as mercadorias na feira da pedra, observa-se que há uma concentração significativa com relação aos de São Bento, somando 12, seguido de longe por Jardim de Piranhas e Catolé do Rocha, com apenas 1 (GRÁFICO 14).

GRÁFICO 14 – SÃO BENTO-PB: COMERCIANTES-FUNCIONÁRIOS DA FEIRA DA PEDRA



Fonte: Pesquisa de campo.

A feira da pedra, em função desse crescimento, tem se expandido espacialmente, comparativamente ao período técnico-científico manufatureiro, envolvendo nesta expansão uma

área maior da feira-livre de São Bento destinada às ações de comercialização dos produtos têxteis de São Bento e das atividades dos circuitos de fluxos dos seus circuitos espaciais da produção local e regional.

Há, portanto, internamente aos circuitos espaciais da produção local e regional um intenso consumo de mercadorias que está em paralelo com a densidade do consumo de serviços à produção, de circulação e individuais que tem garantido às atividades orientadas a um fim da indústria têxtil de São Bento a continuidade do processo técnico por meio da sua produção e reprodução.

A realidade aqui descrita para os circuitos de fluxos inferiores e o circuito espacial da produção regional apresenta semelhanças e diferenças significativas com relação ao circuito de fluxos superior secundário da indústria têxtil de São Bento e aos seus circuitos espaciais da produção nacional e internacional.

Há semelhanças e diferenças com relação ao acesso aos serviços à produção, circulação, distribuição, individuais e de consumo bem como no que diz respeito à dialética produção-reprodução socioespacial.

5.2 O CIRCUITO DE FLUXOS SUPERIOR SECUNDÁRIO E OS CIRCUITOS ESPACIAIS DA PRODUÇÃO NACIONAL E INTERNACIONAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO

O circuito de fluxos superior secundário da indústria têxtil de São Bento é formado por um *circuito superior consolidado*, restrito à pouquíssimas empresas, não superior a uma dezena, e por um circuito *superior potencial*, formado por empresas grandes e médias, associadas ou não ao Consórcio São Bento e que participam de uma forma ou de outra das ações do governo do estado da Paraíba e do SEBRAE com o intuito do fortalecimento do Arranjo Produtivo Têxtil

Local de redes de dormir.

As ações do circuito superior secundário dividem-se entre as que se dão na escala nacional e as que ocorrem na internacional. Ambas as formas de ação servem para explicar as complementaridades que elas mantêm entre si e com outras empresas do circuito superior hegemônico e não-hegemônico nacional bem como com as dos circuitos inferiores.

Essa diferença de ações e interações divide o circuito superior secundário local em áreas com níveis diferentes de atuação, expressas no circuito espacial da produção nacional, gerado pelas empresas de atuação no mercado nacional e no circuito espacial da produção internacional, cuja origem se liga às atividades de empresas que conseguiram há alguns anos ou à mais de uma década relativa participação no mercado mundial.

As empresas cuja produção consegue ir além das fronteiras nacional, conforme se conseguiu identificar, são apenas três. Duas delas possuem site na Internet, a Redes Santa Luzia (ANEXO U) e a Redes São Rafael, neste caso em construção ou fora de funcionamento.

O acesso a esse espaço de uso inteligente virtual (FIRMINO; CAMARGO, 2000), a Internet, é partilhado, por sua vez, por um conjunto de 20 empresas (CONSÓRCIO SÃO BENTO, 2005a) através do site do Consórcio São Bento (ANEXO V), inaugurado em 2005.

Para atingir os mercados externos, nacional e internacional, as empresas do circuito superior secundário utilizam estratégias tanto diferentes como semelhantes e mais recentemente ações contraditórias de competição e cooperação.

Assim, enquanto algumas tecelagens fazem a circulação e a distribuição direta da produção a grande maioria as realizam indiretamente por meio das prensas, redeiros, depósitos e lojas têxteis de terceiros.

Essa diferenciação das formas de circulação produtiva contribuiu, ainda no período técnico-científico manufatureiro de São Bento, para o surgimento e existência de empresas de prensagem e transporte de mercadorias do circuito superior secundário local ao lado de prensas menores, pertencentes ao circuito inferior formal que limitam-se à prensagem (FOTO 36),

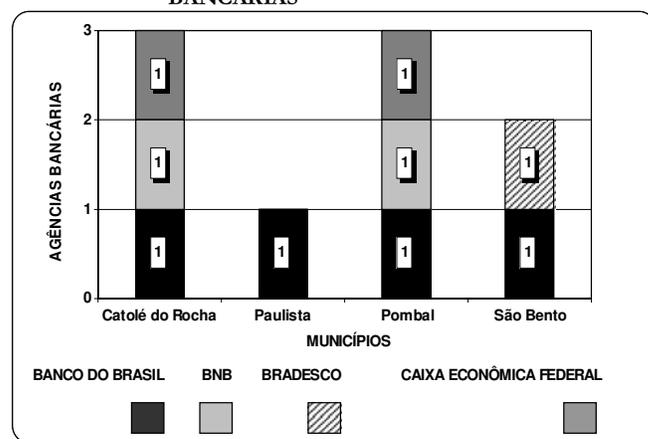
enfardamento (FOTO 37) e carregamento dos veículos (FOTO 38) das empresas contratantes.

Os pontos de distribuição espalhados pelo território nacional formam o outro elo do circuito superior secundário da indústria têxtil de São Bento, que são abastecidos pelas fábricas ou empresas comerciais através de processos de circulação direta e/ou indireta.

Este é o caso dos depósitos de redes ou lojas da fábrica e representações localizadas em diversas capitais litorâneas de estados brasileiros, como Fortaleza, Natal e João Pessoa e no interior do país como Manaus, Porto Velho, Campo Grande, além de cidades como Corumbá e outras na região Sudeste e Sul.

Com relação à parte gerencial e administrativa em todas as empresas do circuito superior secundário da indústria têxtil de São Bento o proprietário é gerente ou administrador. Todas elas utilizam o trabalho de contadores e têm maior acesso aos serviços dos diversos bancos e agências de desenvolvimento local e regional (GRÁFICO 15) como o SEBRAE.

GRÁFICO 15 – CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO REGIONAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO: DISTRIBUIÇÃO DAS AGÊNCIAS BANCÁRIAS



Fonte: Pesquisa de campo.
Elaboração: Rosalvo Nobre Carneiro.

**FOTO 36 – SÃO BENTO-PB: MÁQUINA
PRENSANDO DE REDES**



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

**FOTO 37 – SÃO BENTO-PB: FARDOS DE REDES DE
DORMIR PRENSADAS**



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

**FOTO 38 – SÃO BENTO-PB: CAMINHÃO DE REDEIRO
SENDO CARREGADO COM REDES NA PRENSA**



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

As empresas maiores possuem a parte administrativa informatizada, inclusive com acesso a Internet. No geral, entretanto, ainda se observa baixa informatização dos processos administrativos, particularmente visível quando se considera as associadas ao Consórcio São Bento de exportação de redes.

O circuito superior secundário da indústria têxtil de São Bento pode ser mais bem entrevisto por meio do sistema de objetos e do sistema de ações de duas de suas empresas, uma é a *Tecelagem São Cristóvão* e a outra é a *Redes Santa Luzia*.

5.2.1 O SISTEMA DE OBJETOS E O SISTEMA DE AÇÕES DAS EMPRESAS DO CIRCUITO SUPERIOR SECUNDÁRIO DA INDÚSTRIA TÊXTEL DE SÃO BENTO

A Tecelagem São Cristóvão⁶¹ iniciou suas atividades na década de 1980, voltada para a fabricação de panos de limpeza, com 12 teares e chegou a somar no primeiro semestre de 2001 um total de 68 teares.

Esta empresa adquiriu nos últimos anos uma máquina de alveijamento de ponta no ramo têxtil para alvejar panos de prato, seu principal produto, e cujo funcionamento obedece a informações específicas que se expressam na quantidade de água, cloro, sabão e tecido que deve receber (ver FOTO 06).

Em 2001 a Tecelagem São Cristóvão contava com 101 funcionários que trabalhavam em sua totalidade com carteira assinada, dando uma amostra do porte desta empresa no cenário nacional das atividades de fabricação semelhante ainda mais se levarmos em conta que a informalidade do trabalho nas fábricas de São Bento historicamente é elevada mesmo em empresas do circuito superior secundário.

⁶¹ As descrições feitas, nesta seção, sobre esta empresa são baseadas, em grande parte, na entrevista que realizamos em 2001, com o proprietário da fábrica, o senhor Francimar, na qual relata a origem de sua fábrica, da mecanização de sua tecelagem, o acesso à matérias-primas, crédito e mercados, a influencia da inflação e do Plano Real na atividade têxtil local, os gastos com capital fixo, constante e variável dentre outras informações.

A produção de panos de prato no mesmo ano se realizava com um consumo mensal de 20 toneladas de fio cru, adquiridos junto a Fiasa, na região sul do país, embora anteriormente fosse comprada da Ficamp, de Campina Grande, cuja transformação em pano de prato envolve 24 horas de trabalho divididas em turnos, forma de organização produtiva única no espaço de São Bento e no seu circuito espacial da produção regional.

A comercialização da produção é feita em sua loja da fábrica (FOTOS 39 e 40), localmente, e por meio de representantes, externamente, se encarregando a empresa pelo envio das mercadorias através de um caminhão de distribuição de pequeno porte.

Segundo o proprietário da Tecelagem São Cristóvão há uma grande concorrência no comércio de panos de prato na região Nordeste, seu principal mercado consumidor, por isso uma parte da produção é escoada para o Rio de Janeiro (MAPA 17).

Quanto à Rede Santa Luzia trata-se de uma empresa que teve início em 1987 e se destaca na produção de redes de dormir, sendo 90% delas produzidas a mão, através de “um trabalho tipicamente artesanal” ([REDES SANTA LUZIA], c2002a), porém apenas verificado na fase de acabamento das redes.

A Redes Santa Luzia distribui suas mercadorias por intermédio de *lojas da fábrica* (FOTO 41) da própria empresa localizadas em São Bento e em algumas capitais da região Nordeste, quais sejam, Natal-RN, Fortaleza-CE e João Pessoa-PB além de contar com um departamento de exportação também situado na cidade de Natal ([REDES SANTA LUZIA], c2002b).

**FOTO 39 – SÃO BENTO-PB: LOJA DA FÁBRICA DA
TECELAGEM SÃO CRISTÓVÃO**



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

**FOTO 40 – SÃO BENTO-PB: INTERIOR DA LOJA DA
FÁBRICA DA TECELAGEM SÃO CRISTÓVÃO**



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

**FOTO 41 – SÃO BENTO-PB: LOJA DA FÁBRICA DA REDES
SANTA LUZIA**



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

MAPA 17 – BRASIL: ESPAÇOS FORMADORES DO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO NACIONAL DA
TECELAGEM SÃO CRISTÓVÃO (2001)



Fonte: IBGE [200-a]; Entrevista, com o proprietário, realizada em 2001.
Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

Pela concentração espacial dos postos de distribuição dessa empresa parece que a maior parte da comercialização de suas mercadorias se dá na região Nordeste, se concentrando na Paraíba e no Rio Grande do Norte, uma vez que no Ceará há a concorrência das fábricas de Jaguaruana.

Por outro lado, parte da produção da Redes Santa Luzia tem como destino final o mercado de vários países, responsável pela formação de seu circuito espacial da produção internacional (MAPA 18), o que a faz distinguir das demais empresas de São Bento, posto que estas tem, quase que exclusivamente, como circuito espacial produtivo o território nacional.

Em 2001, os Estados Unidos e a Suíça correspondiam aos mercados compradores principais de seus produtos. Antes já havia exportado para o Peru, Finlândia e França, sendo a rede o produto mais requisitado por todos estes países (INFORMAÇÃO VERBAL)⁶².

Segundo o depoimento de proprietário das Redes Santa Luzia, os consumidores internacionais “[...] só gostam de uma rede com acabamento bem artesanal, bem rústico, uma rede bonita, mas barata também, artesanal é como eles gostam” (INFORMAÇÃO VERBAL)⁶³.

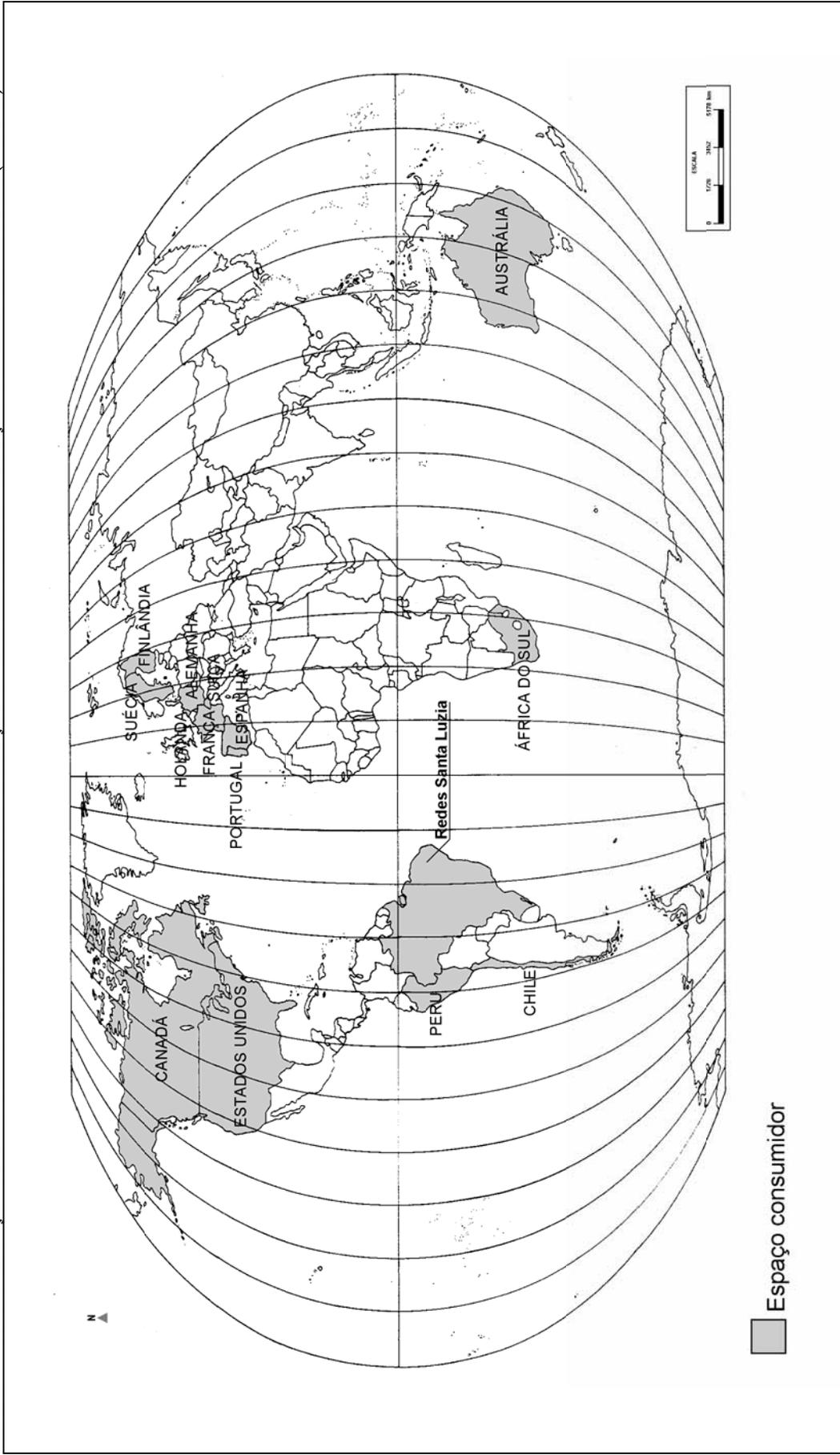
A partir do final de 1999 a redes Santa Luzia entra na era da informática e passa a ter a Internet como um meio de divulgação e comercialização de suas mercadorias. Exportadora de redes para outros países desde o final da década de 1980 ([REDES SANTA LUZIA], c2002a) esta empresa chegou a depender destes mercados para todas as suas transações externas no ano de 2000 quando lucrou algo em torno de US\$ 40 mil ([PONTES], 2000).

Este volume, todavia, ainda é considerado modesto uma vez que segundo [Pontes] (2000) entre 1991 e 1993 a Redes Santa Luzia chegou a exportar US\$ 150 mil/ano e “[...] exportou mais de 130 mil dólares em redes no ano de 2003 para países como França, Suíça, Espanha e Canadá” (PRODUTORES, 2004).

⁶² Entrevista realizada em 2001, com o proprietário da fábrica, o senhor Armando Adonias (Armandinho), na qual relata a origem de sua fábrica, da mecanização de sua tecelagem, o acesso à matéria-prima, crédito e mercados, a influencia da inflação e do Plano Real na atividade têxtil local, os gastos com capital fixo, constante e variável dentre outras informações.

⁶³ Ver nota acima

MAPA 18 – MUNDO: ESPAÇOS FORMADORES DO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO INTERNACIONAL DA PRODUÇÃO DA REDES SANTA LUZIA (2001-2005)



Fonte: Brollo; Lucci (1994, vol. 3, p. 73); Carneiro (2001); Indústria (2000); [Pontes] (2000); [Redes Santa Luzia] (c2002a); Souza (2005, p. E-6).
Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

Este volume não chega a ser representativo quando se comparam seus indicadores para o ano de 2003 aos números apresentados para o cenário nacional e estadual, uma vez que “dados do Centro Internacional de Negócios indicam que o setor de redes no Brasil em 2003 exportou mais de 73 bilhões de dólares e a Paraíba U\$\$ 168 milhões e 437 mil”. Por outro lado, são cifras significativas para um ramo produtivo cujo circuito superior é formado por empresas de pequeno porte, quando comparada às grandes empresas nacionais.

Esta realidade, no caso da [Redes Santa Luzia] (c2002a), incluem exportações para países da Europa – Alemanha, Espanha, Finlândia, França, Holanda, Portugal, Suécia e Suíça – África – a África do Sul – e Américas – Canadá, Estados Unidos e Chile, além da Austrália e Portugal (INDÚSTRIA, 2000).

Estas informações demonstram a importância empresarial, local e estadualmente, que esta empresa forjou historicamente e que desembocou na formação de seu circuito espacial da produção internacional.

5.2.2 O CIRCUITO SUPERIOR SECUNDÁRIO DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO, SUA EXPANSÃO GEOGRÁFICA E REDUÇÃO NUMÉRICA: UM EXEMPLO

O circuito superior secundário da indústria têxtil de São Bento vem diminuindo o número de atividades que dele faz parte, uma vez que grandes empresas foram fechadas recentemente, pelo menos três delas desde o começo do século XXI. Em todos os casos verificou-se que seus proprietários se afastaram do ramo de tecelagem para se dedicar ao de fiação, não na sua modalidade produtiva, mas de comercialização, através de depósitos de fios.

Um caso ilustrativo é o representado pelas empresas de fabricação de redes de dormir ligadas ao GRUPO SOUSA⁶⁴, formado por empresários pertencentes a uma mesma família, que

⁶⁴ Texto baseado em diversas fontes, incluindo, dentre outras, pesquisa de campo, informações de terceiros e

trabalham no ramo têxtil e em outras atividades.

A característica principal deste grupo era a concentração das atividades fabris, que além das três tecelagens, pertencentes a irmãos diferentes, prestavam, e ainda o fazem, serviços à produção local, por meio de um dos maiores depósitos de fio de algodão de São Bento, de propriedade conjunta.

Outro membro do Grupo é, ainda, um dos maiores comerciantes de peças e acessórios novos para tecelagens da região, através da empresa o *Lajão Têxtil* e de matérias-primas para acabamento das redes, através da empresa *CGS Têxtil*, criada em 1998 (CGS TÊXTIL, 2005). A CGS têxtil tem atuação nacionalmente, inclusive por meio das redes informacionais, como a Internet (ANEXO X).

As fábricas do Grupo Sousa atuavam no circuito espacial da produção nacional, através de circulação e distribuição própria, por meio da utilização de 2 caminhões de grande porte, mas que por razões diversas seus proprietários decidiram mudar de atividade, permanecendo, porém, no mesmo ramo fabril, o têxtil, através da comercialização de fios de algodão e, ao mesmo tempo, diversificando os investimentos com a construção de um posto de gasolina.

É preciso ressaltar que tal diminuição das atividades que formam o circuito superior secundário da indústria têxtil de São Bento possui muitas causas e talvez a principal seja a falta de um projeto de desenvolvimento industrial, para o município, por parte do poder público, sobretudo estadual.

Enfim, deve-se mais a fatores de ordem externa, como a pressão do Estado pela formalização das atividades, das relações de trabalho, da taxaço de impostos sem uma contrapartida viável que venha garantir para este setor a conquista de mercados nacional e internacional.

entrevista realizada no ano de 2001, com dois de seus membros, nos quais os mesmo falam sobre origem da atividade, formas de acesso a matérias-primas e insumos, circulação, distribuição e mercado consumidor, problemas enfrentados pela indústria têxtil de São Bento, influencia do Plano Real sobre a mesma dentro outras informações.

Alguns sinais têm sido notados neste sentido, nos anos recentes, mas que têm se voltado para as atividades do circuito superior secundário e dessa forma se mostram deficientes uma vez que estas mantêm relações de interdependência com as empresas dos circuitos inferior formal e inferior informal local.

O fortalecimento, portanto, do circuito superior secundário de São Bento passa, necessariamente, pelo fortalecimento dos outros circuitos, isto é, da atividade considerada em sua totalidade sem deixar de reconhecer as particularidades presentes no espaço, os fluxos que desenvolvem e o circuito espacial da produção em que atuam.

5.3 AS INTERAÇÕES ENTRE OS CIRCUITOS DE FLUXOS DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO

As interações entre os diversos circuitos de fluxos de São Bento, produzidas no tempo e ampliadas no espaço, são resultantes de eventos internos e externos que vieram se conjugando desde o período técnico artesanal de São Bento, ganharam estrutura durante o período técnico-científico manufatureiro e se consolidaram na atualidade.

Esta realidade interacional é entrevista por meio da formação do arranjo produtivo local de São Bento, em 2001, quando as ações do SEBRAE da Paraíba, juntamente com as do Governo Estadual, desembocam no Consórcio São Bento de exportação de redes de dormir (INFORMAÇÃO VERBAL)⁶⁵, dentro das iniciativas de desenvolvimento regional.

Nesse arranjo há diferentes formas de interdependência e dependência entre atividades orientadas a fins variadas. As atividades do circuito inferior informal dependem dos serviços à produção dos fornecedores de fios, tecidos, cloro, sabão e tintas para por em funcionamento seus sistemas de objetos e seus respectivos sistemas de ações, uma vez que não

⁶⁵ Conversão com o presidente do CONSÓRCIO SÃO BENTO, em janeiro de 2006.

dispõem de meios para adquirir matérias-primas de outra forma.

A terceirização da produção é uma outra forma de manter algumas atividades de fabricação do circuito inferior informal dependente das atividades do circuito inferior formal, da mesma forma que em ambos os casos pode haver processos de dependência frente às atividades do circuito superior secundário.

Esta terceirização e dependência se dão a partir do fornecimento da matéria-prima principal da produção local, o fio de algodão, que pode ser do tipo cru e/ou tingido, para as tecelagens terceirizadas para que produzam determinada quantidade de mercadorias. Como visto no capítulo 2, durante o período técnico artesanal de São Bento este tipo de relação já existia sob o nome de *trabalho por negócio*.

Este tipo de relação pode ser exemplificado com relação à Têxtil Vieira da Nóbrega uma tecelagem que funciona atualmente com 6 teares mecânicos e 10 funcionários, exportando redes de dormir para a América Latina e Europa (SOUZA, 2005, p. E5), mas que apresentava em 2001 uma elevada produção, muito superior à possibilitada por 6 máquinas, já que contratava 4 produtores locais para a fabricação de redes de dormir e mantas (INFORMAÇÃO VERBAL)⁶⁶, um deles, inclusive, possuindo uma fábrica maior que a sua.

As atividades do circuito superior secundário se dividem entre aquelas que estão na dependência dos serviços à produção e dos serviços de circulação local e as que mantêm uma dependência incompleta, como é o caso da Redes Santa Luzia que possui um depósito de fios e tecidos, adquirindo-os junto às fiações, e da Tecelagem São Cristóvão, que distribui sua mercadorias pessoalmente.

Essas formas de interdependência e dependência descritas são, em parte, devidas à dialética entre a formalidade e a informalidade dos circuitos de fluxos de São Bento, na qual a segunda garante a permanência da primeira, na medida em que esta contribui para a expansão

⁶⁶ Entrevista realizada em 2001, com o proprietário da fábrica, o senhor Francisco de Assis Vieira e atual vice-prefeito de São Bento, na qual relata a origem de sua fábrica, da mecanização de sua tecelagem, o acesso à matéria-prima, crédito e mercados, a influência da inflação e do Plano Real na atividade têxtil local, os gastos com capital fixo, constante e variável dentre outras informações.

daquela.

Assim, as relações entre os circuitos de fluxos locais se processam de modo solidário e contraditório, mas que, historicamente, têm garantido a sua difusão e expansão sócio-geográfica e, conseqüente, garantido a produção e reprodução do espaço de São Bento e de seu meio técnico-científico-informacional.

5.4 O MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL DE SÃO BENTO E A DIFUSÃO ESPACIAL DESIGUAL DA TÉCNICA, CIÊNCIA E INFORMAÇÃO

O desenvolvimento do período técnico-científico-informacional é responsável pelo fato de que, pela primeira vez na história mundial, as variáveis elaboradas no centro apresentam uma difusão geral, nos territórios e nas sociedades, ainda que o seu grau seja diferente para as diversas regiões do Brasil e interiormente a cada uma delas (SANTOS, 1978, p. 36), cujas condições próprias autorizam ou não sua localização.

Os últimos dez anos têm mostrado, para o município de São Bento, que a constituição de seu meio técnico-científico-informacional se dá com a distribuição diferenciada socioespacialmente dos elementos constitutivos do espaço: a técnica, ciência e informação. Não há uniformidade, portanto, em sua presença na paisagem e nas atividades econômicas e institucionais, nem tão pouco no acesso da população aos seus benefícios.

O que caracteriza este meio, desse modo, é a sua *incompletude* ou escassez. Isto significa que ele não se encontra generalizado e substancialmente presentes, ou utilizado, no campo ou na cidade, nas empresas ou nas repartições públicas, no lar ou no trabalho, nos objetos e nas ações, no processo de produção, no comportamento e no cotidiano das pessoas.

Os eventos, em qualquer escala, se dão sempre desigualmente no espaço e no tempo. Assim, como forma ilustrativa, pode-se perceber para o espaço de produção horizontal têxtil de

São Bento que há uma presença marcante, em seu território, de objetos contemporâneos e insignificantes na maior parte (MAPA 19).

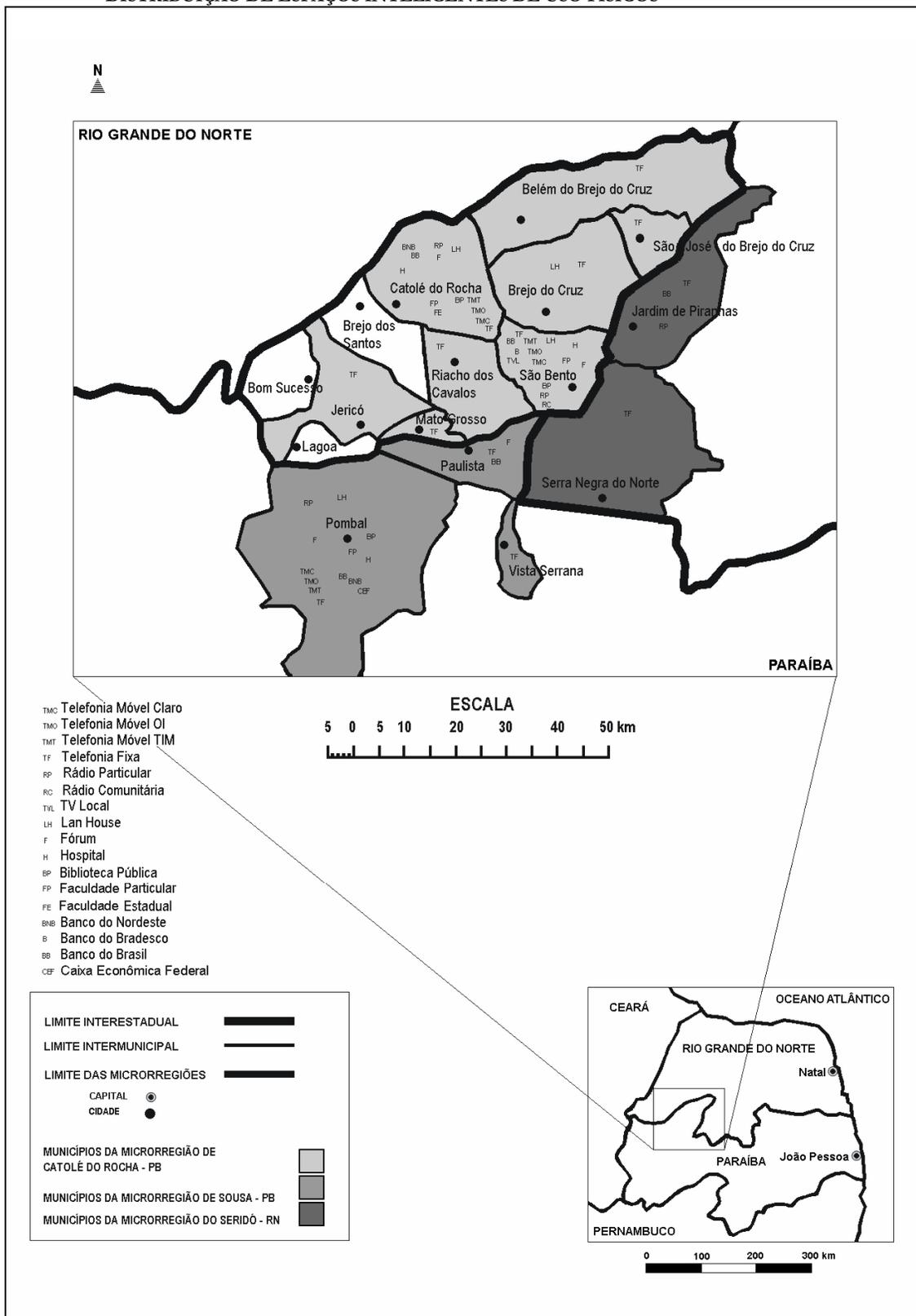
“Em relação a um ponto dado no espaço, as variáveis são *assíncronas* de um ponto de vista genético, isto é, em comparação com a *idade* das mesmas no centro, ou relacionadas com outros pontos no espaço. Mas, em cada situação, o funcionamento das variáveis é *sincrónico*” (SANTOS, 1976, p. 21 grifo do autor). Assim, ainda que incompleto, a sincronicidade dos elementos que formam o espaço de São Bento garante o seu funcionamento e de sua sociedade.

Esta incompletude não pode ser desfeita em função da antidemocracia da técnica, já que “a técnica não é nem pode ser democrática, pois a formulação de leis universais e necessárias de uma realidade físico-química ou biológica não tem lugar pela mesma via da livre discussão e consenso majoritário através dos quais, em democracia, se chega à decisão política” (RIBEIRO, 1998, p. 10).

Por outro lado, como assinala Joan-Eugeni Sánchez (1988, p. 5 tradução nossa), a técnica mantém uma relação substancial com os recursos humanos. Ela está ligada diretamente à capacidade que tem as pessoas de concebê-las e produzi-las, todavia também se vincula àqueles indivíduos que mesmo não participando de sua fabricação, participam de seu uso⁶⁷.

⁶⁷ Un aspecto substancial del factor técnico, o recursos técnicos, es su relación con los recursos humanos. Poro un lado está ligado a la capacidad de los individuos, ya que son ellos los que descubren y desarrollan las innovaciones técnicas. Pero, una vez desarrolladas, creadas o producidas, se independizan de ellos, adquiriendo un carácter autónomo que permite ser apropiadas por otros individuos y se aplicadas a su vez por otras personas [...]” (SÁNCHEZ, 1988, p. 5).

MAPA 19 – CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO REGIONAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO: DISTRIBUIÇÃO DE ESPAÇOS INTELIGENTES DE USO FÍSICOS



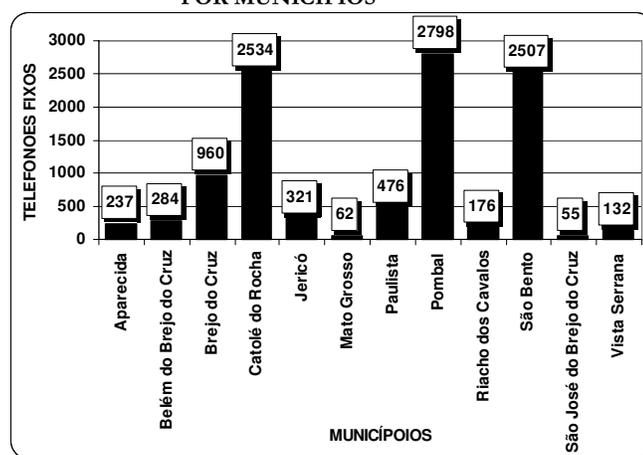
Fonte: IBGE (1970); Simielli (2002, p. 41); SUDENE (1991).

* Nota: o espaço de Caicó foi intencionalmente não considerado a fim de melhor perceber o papel de São Bento nesta área.
Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

Dado fundamental do funcionamento do território e das atividades que nele se encontram, os meios contemporâneos de comunicação desigualmente se espalham pelo espaço. Neste sentido o estado da Paraíba é exemplar quando se observa que os serviços de telefonia móvel das empresas OI e TIM têm acompanhado, até o momento, essa lógica do desenvolvimento desigual e combinado do período técnico-científico-informacional (Comparar MAPAS 20 e 21).

É possível ver que as áreas de *teledensidade* (DORES; CASTRO; MARTINS; SIMAS; FONTES, 2001, p. 23) maior estão no Litoral do estado e em alguns pontos do Sertão, destacando-se na área do circuito espacial da produção regional da indústria têxtil São Bento (MAPA 22) a sua presença apenas em Catolé do Rocha, São Bento e Pombal que são as principais cidades dessa região, econômica e politicamente. O mesmo se dá com a telefonia fixa (GRÁFICO 16).

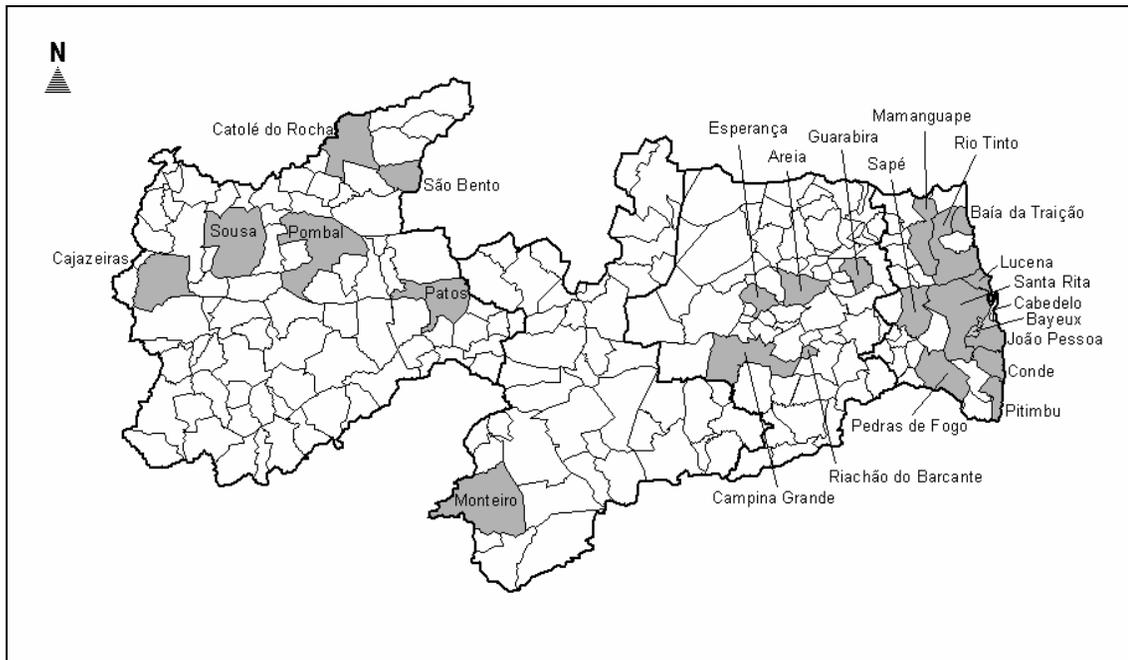
GRÁFICO 16 – CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO REGIONAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO: NÚMERO DE TELEFONES FIXOS POR MUNICÍPIOS



Fonte: Telemar Norte Leste S. A. apud IDEME (2001b).

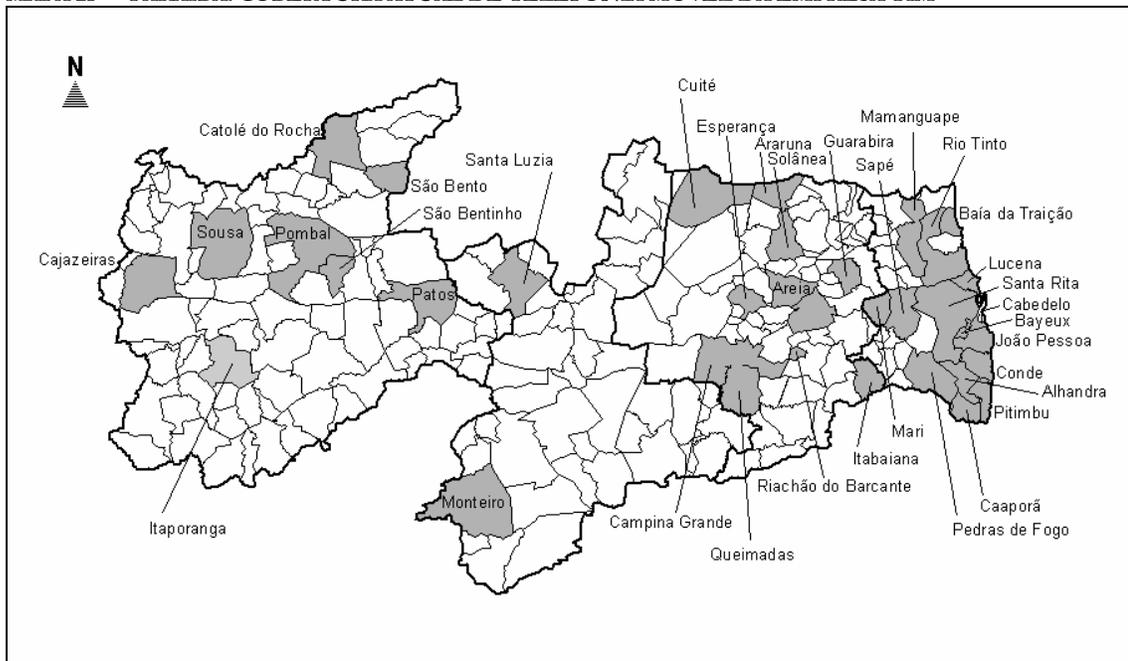
Elaboração: Autor.

MAPA 20 – PARAÍBA: COBERTURA ATUAL DE TELEFONIA MÓVEL DA EMPRESA OI



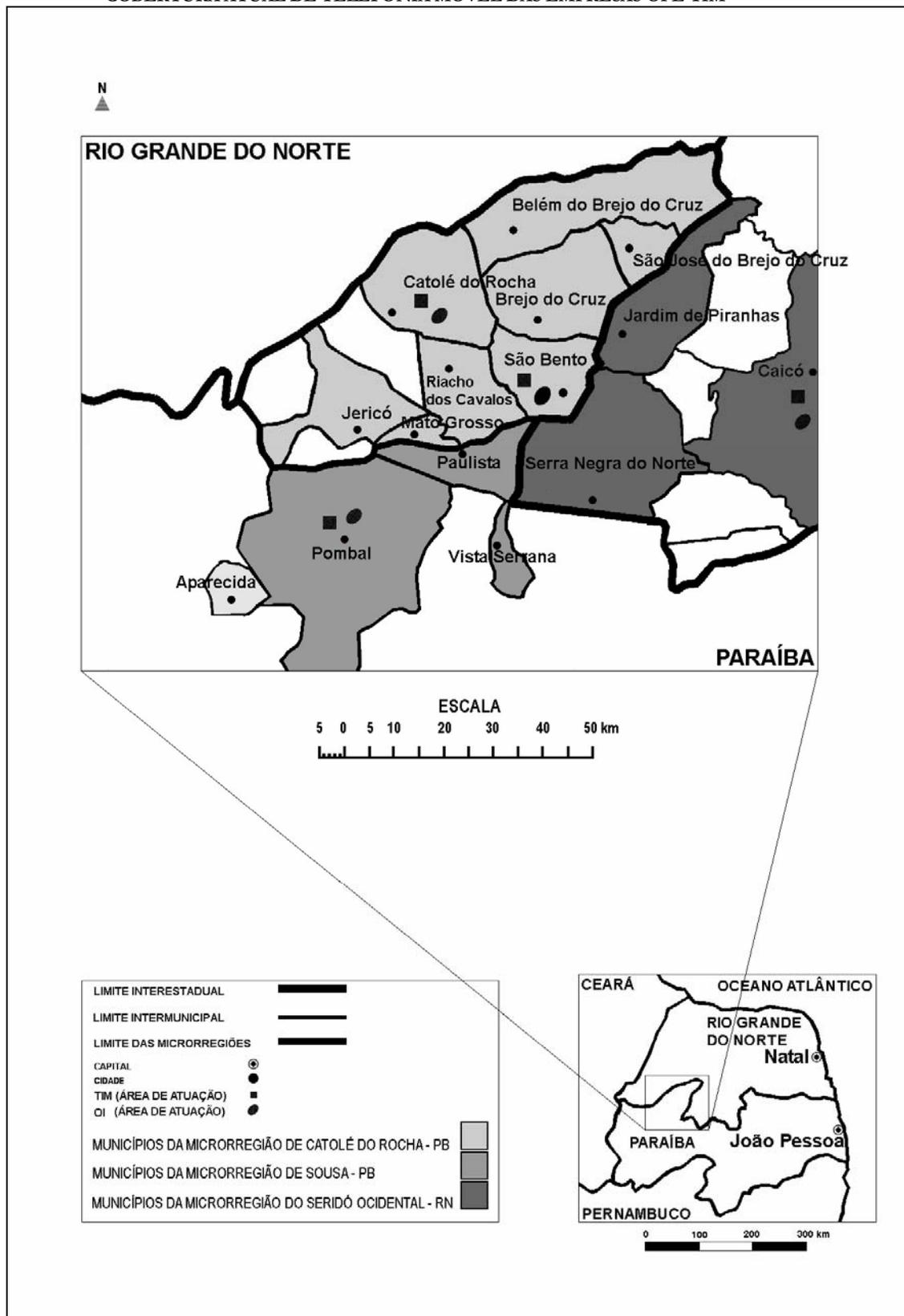
Fonte: IBGE (2001); OI (2005, p. 35).
 Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

MAPA 21 – PARAÍBA: COBERTURA ATUAL DE TELEFONIA MÓVEL DA EMPRESA TIM



Fonte: IBGE (2001); TIM (2005).
 Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

MAPA 22 – CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO REGIONAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO: COBERTURA ATUAL DE TELEFONIA MÓVEL DAS EMPRESAS OI E TIM



Fonte: IBGE (1970); OI (2005, p. 35); Simielli (2002, p. 41); SUDENE (1991); TIM (2005).
 Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

A informatização da sociedade e do território de São Bento se faz presente no uso cada vez maior de computadores, nas torres de recepção de sinais de telefonia móvel, nas lojas de produtos de informática e Local Área Network, que funcionam pela interconexão de terminais de computadores onde os microcomputadores são responsáveis pela organização dos fluxos de informações (PIRES; PICCININI, [1998], p. 9).

Outros elementos poderiam compor o meio técnico-científico-informacional de São Bento, todavia, limitar-nos-emos a estes na medida em que são representativos do período. Destarte, buscamos explicar, neste trabalho, as interações entre a produção do espaço de São Bento e os/dos circuitos de fluxos de sua indústria têxtil tradicional.

Esta indústria está voltada para a fabricação de redes de dormir e similares, no contexto de transformação de seu meio técnico, a partir da segunda metade do século XIX, para o meio técnico-científico-informacional incompleto, contemporaneamente, passando, nesse percurso, pelo meio técnico-científico na segunda metade do século XX.

O espaço de São Bento, como se tentou trabalhar, não é aquele restrito aos seus limites político-administrativo, mas um território dinâmico, um misto de materialidade, ação e interação que em cada período de tempo adquiriu novas formas e renovados conteúdos.

Durante o período técnico artesanal São Bento passa de espaço local para espaço regional, amplia-se para espaço nacional durante o seu período técnico-científico manufatureiro, encontrando-se agora com os limites do mundo, fruto do período técnico-científico-informacional da humanidade e que se procurou caracterizar, localmente, como maquinofatureiro e incompleto.

A sua produção, reprodução e organização espacial estiveram e estão relacionados à constituição do que chamamos circuitos de fluxos socioespaciais de sua indústria têxtil, sendo, entretanto, considerado não apenas como produto, mas também condição e meio de realização destes.

Esta constituição, partindo do circuito inferior informal, passando pelo circuito

inferior formal e pelo circuito superior secundário serviu para mostrar que a produção do espaço de São Bento se deu como o resultado conjunto de diferentes lógicas, internas e externas a ele, mas que é possível resumir na razão comunicativa e na razão instrumental.

As horizontalidades, as complementaridades e as verticalidades desenvolvidas pelos circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento foram vistas ao mesmo tempo como responsáveis por duas formas básicas de ações responsáveis pela produção espacial: as ações orientadas para o entendimento e as ações orientadas para fins, cuja dialética de suas interações históricas e territoriais foram e são vistas como fruto da colonização do mundo da vida, compartilhado intersubjetivamente, pelo mundo do sistema político e econômico.

CONCLUSÃO

O espaço de São Bento foi e está sendo a resultante e a condição interna das interações entre a sua produção e a constituição dos circuitos de fluxos socioespaciais da sua indústria têxtil – voltada para a fabricação de redes de dormir e similares – incluindo o circuito de fluxos inferior informal, o circuito de fluxo inferior formal e o circuito de fluxos superior secundário dentro dos circuitos espaciais da produção a eles vinculados.

Foi em função das interações entre a produção do espaço e os/dos circuitos de fluxos da indústria têxtil que emergiu na última década do século XX e particularmente no início do atual o meio técnico-científico-informacional de São Bento, ainda que tenhamos que qualificá-lo como incompleto ou escasso, isto é, por sua pouca densidade em técnica, ciência e informação, comparativamente aos espaços da globalização.

Entretanto, ao mudar-se a escala de comparação para os espaços formadores de seu circuito espacial da produção regional, bem como ao contexto paraibano, nota-se que São Bento aparece em posição de destaque como uma formação socioterritorial cujo meio técnico-científico-informacional se fez, e se está fazendo, mais presente, e cuja expressão mais significativa é a concentração, em seu território, das atividades de fabricação de redes de dormir, dos serviços à produção, de circulação e de distribuição a elas vinculadas.

As complementaridades desenvolvidas entre as atividades do circuito superior secundário da indústria têxtil de São Bento e as atividades do circuito superior hegemônico e do não-hegemônico, como fiações, tecelagens e empresas de produtos químicos – cloro, tintas, anilinas e sabão – lhe proporcionaram esta concentração espacial do fornecimento de serviços e produtos às empresas fabricantes de têxteis de seu circuito espacial da produção regional, formado por um total de 15 municípios, bem como para outras áreas do Estado da Paraíba e do país.

Dentre os serviços à produção tem-se a prestação de serviços bancários de ordem pública e privada através de empréstimos e créditos para os agentes e atores sociais das atividades dos circuitos de fluxos como, por exemplo, os industriais, comerciantes de fios e tecidos industrializados, de produtos químicos, proprietários de prensas, redeiros e os agentes sociais produtivos diretos.

Estes serviços estão concentrados localmente, tanto para os agentes e atores das atividades produtivas quanto para a população em geral, não apenas de São Bento como a maior parte das cidades do seu circuito espacial da produção regional. Apenas os serviços individuais, necessários ao acabamento das redes de dormir, mantas, panos de prato, panos para limpeza e tapetes são desconcentrados, espalhando-se pelos espaços integrantes deste circuito.

Através do fornecimento dos serviços pessoais para as atividades dos circuitos inferiores e do circuito superior secundário da indústria têxtil de São Bento ampliaram-se as complementaridades entre este espaço e os territórios circunvizinhos, passando a impor, desse modo, suas próprias verticalidades a uma vasta área formada por quinze municípios.

O espaço de São Bento configura-se, por tudo isto, como o maior fabricante nacional de redes de dormir, com uma produção média mensal de 600 mil peças, segundo Alencar e Júnior (2002, p. 62), ou de mais de 1 milhão de peças segundo Haddad (2004), situando-se muito além da média de outros importantes espaços produtores desse artigo.

Tacaratu, município pernambucano, por exemplo, fabrica apenas 200 mil redes mensais (TACARATU, [2003]) e Jaguaruana, no Ceará, 160 mil (SEBRAE apud RIBEIRO NETO; GONDIM, 2005, p. 11). Todavia, esta condição produtiva de São Bento não tem sido condição suficiente para a consolidação da internacionalização da sua indústria têxtil, o que pode vir a acontecer com o desenvolvimento de seu arranjo produtivo local.

Esta situação marca hoje um novo patamar nas complementares entre as atividades dos circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento e os demais espaços, o das interações internacionais, fruto da internacionalização da produção iniciada faz mais de uma década,

revelando, por outro lado, a presença marcante nesse território da colonização do mundo da vida pelo mundo sistêmico, incluindo neste o mercado e o Estado, com suas normas, valores e informações específicas.

Esta colonização do mundo da vida não foi, porém, total já que não houve uma subordinação completa dos agentes sociais locais aos mandamentos da racionalidade dominante, pela incapacidade de parcelas significativas deles terem acesso aos elementos da modernidade atual.

Todavia, a produção do espaço e dos circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento e suas interações revelam que em função da dialética entre as verticalidades e as horizontalidades que configuram este espaço as atividades orientadas para um fim se impuseram localmente frente às ações orientadas para o entendimento.

A produção do espaço aqui estudada tem, como dados explicativos, os processos passados da construção do espaço e da produção têxtil de São Bento, isto é, as transformações temporais de seu meio e dos circuitos de fluxos de sua indústria têxtil, cujas primeiras foram consequência e condição das segundas e que inversamente foram causa e possibilidades daquelas.

Estas transformações nos permitiram trabalhar com a noção de período enquanto *pedaço de tempo* (SANTOS, 2004a), isto é, como um momento de um espaço determinado que contém uma lógica própria proveniente do funcionamento sistêmico de suas variáveis e propor para o espaço de São Bento a existência de três períodos espaço-temporal ou histórico-geográficos, que retratam as fases porque passaram este espaço e sua indústria têxtil.

Cada período local retrata a importância que teve, em cada momento do desenvolvimento da indústria têxtil de São Bento, seus circuitos de fluxos na configuração de seus meios técnicos. Estes momentos estiveram presentes primeiro como *artesanato*, em seguida como *manufatura* e por fim como *maquinofatura*, cujo processo de substituição de um por outro acarretou negações dialéticas e negações absolutas de elementos, objetos e ações dos períodos passados pelos seguintes. Em função disto os períodos histórico-geográficos e os meios técnicos

de São Bento foram adjetivados como artesanal, manufatureiro ou maquinofatureiro.

Apenas no início do *período técnico artesanal* o espaço de São Bento foi visto como delimitado localmente, posto a produção em todos os seus momentos se limitarem quase que exclusivamente ao seu interior. Neste período, por sua vez, desenvolveu-se uma família de técnicas, que internamente formavam um sistema, mas lhe faltava as complementaridades com a totalidade Brasil.

Todavia, o sistema de objetos e o sistema de ações respectivos desses períodos lhe possibilitaram interações com espaços próximos, contínuos, cujas feiras livres foram os elementos de ligação que contribuíram para a formação de complementaridades que levaram à constituição do circuito inferior informal e do circuito espacial da produção local da indústria têxtil de São Bento.

Os mercados periódicos do final do século XIX, ao permitirem a distribuição da limitada produção fabril de São Bento, além de terem sido uma condição para a emergência de um acontecer complementar entre ele e outras áreas, que veio se somar ao acontecer homólogo local, como também para o acontecer hierárquico, que se fez presente pelas ações não do mundo sistêmico, mas do mundo vivido, compartilhado intersubjetivamente.

Como acontecer complementar permitiu que a produção têxtil de São Bento circulasse por áreas mais vastas, ampliando a noção de seu espaço como circuito espacial da produção local no final do século XIX, e regional, na primeira metade do seguinte.

Como acontecer hierárquico permitiu que objetos e ações desenvolvidos em outros lugares se difundissem localmente, como, por exemplo, os teares horizontais e os teares batelão, copiados da cidade de Boqueirão e Pombal, respectivamente.

Esta difusão deu-se por intermédio do agir comunicativo, cuja intersubjetividade de agentes sociais mediada lingüisticamente desempenhou um papel central, ou seja, foi por meio de fluxos de informações informais que os artesões de São Bento passaram a conhecer e a adotar objetos e ações inovadores de fabricação de redes de dormir alienígenas.

O desenvolvimento, a partir do período técnico artesanal, de uma cultura da inovação aliada à tradição da fabricação de redes de dormir e similares são elementos explicativos da condição regional e nacional que o espaço de São Bento assumiu como produtor dessas mercadorias frente a outros importantes centros produtores nordestinos, como, por exemplo, Pedro II-PI, Jardim de Piranhas-RN, Fortaleza e Jaguaruana-CE e Tacaratu-PE.

A adoção das inovações anteriormente citadas foi seguida rapidamente por outras ainda na terceira década do século XX, a exemplo da aquisição de fios industrializados, produtos químicos e peças e acessórios para os teares em cidades como Campina Grande, João Pessoa, Recife e Mossoró, alargando o contexto de interações entre os circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento e os circuitos do resto do país, levando-nos a ver seu espaço na dimensão dessas complementaridades.

Estes eventos, aliados a outros, criaram as condições para a implantação da manufatura de redes de dormir em São Bento, na década de 1960, e com ela a emergência de seu período técnico-científico manufatureiro que foi acompanhado pela produção do seu meio técnico-científico.

Esta manufatura, juntamente com a emancipação política deste espaço, foi representativa da constituição do circuito de fluxos inferior formal e do circuito superior secundário da indústria têxtil local.

O crescimento das manufaturas e sua difusão espacial em São Bento foi acompanhado pelo abandono de muitas das técnicas do período técnico artesanal, incluindo objetos e ações, que foram difundidas, então, pelos demais espaços do circuito espacial da produção regional, constituído pela produção manufatureira de São Bento, dentre os quais cabe destaque para Brejo do Cruz e Paulista, na Paraíba e Jardim de Piranhas, no Rio Grande do Norte.

Este circuito espacial da produção regional resultou inicialmente das ações da Tecelagem São José, que produzia em grande escala, e era, desse modo, incapaz de ter suas necessidades de acabamento satisfeitas localmente, o que a levou a buscar mão-de-obra em

outros municípios, que passaram, dessa forma, a ter uma função, dentro da divisão territorial do trabalho criada pelas atividades dos circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento de fornecedores de mão-de-obra de prestação de serviços individuais.

Posteriormente, com o surgimento e crescimento de novas manufaturas do circuito superior secundário e do circuito inferior formal, o circuito espacial da produção regional passou também a ser produzido e organizado pelas atividades deste último.

Como visto, na década de 1970 existia um número elevado de manufaturas em São Bento, que fez desenvolver em torno de si inúmeras atividades tanto do circuito inferior informal e do circuito inferior formal quanto do circuito superior secundário e do circuito superior hegemônico nacional, prestadoras de serviços à produção e de distribuição.

A década de 1970 foi vista como um momento central das interações entre a produção do espaço e os circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento, uma vez que foi nela que se intensificou a mecanização desta indústria e do seu território, cujo ponto de origem foi a primeira metade da década de 1960, quando a Tecelagem São José tornara-se também, a primeira maquinofatura local.

Esta empresa, que deixou de existir na década de 1980, foi também a responsável pelo desenvolvimento do circuito espacial da produção nacional da indústria têxtil de São Bento, por intermédio da sistematização do sistema de circulação e distribuição de suas mercadorias baseadas no papel do redeiro e dos corretores.

Foi este sistema de circulação e comercialização de redes de dormir, que parece ter sido uma invenção local, que permitiu a São Bento colocar sua produção nos mais diversos pontos consumidores do país.

Em função da mecanização das manufaturas ampliou-se a inclusão do espaço e das atividades dos circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento no acontecer complementar e hierárquico nacional e internacional, com a instalação em seu território das agências bancárias pública e privada, companhias de telefonia e energia elétrica e de órgãos governamentais como a

COLETORIA ESTADUAL, que passaram a ampliar internamente a normatização do espaço de São Bento e dos territórios que compunham o seu circuito espacial da produção regional, uma vez que estes a ele se vinculavam.

Foi em função dela também que se desenvolveram vários serviços à produção fornecedores de máquinas e equipamentos usados adquiridos em outras áreas e revendidos localmente, como também empresas dedicadas ao fornecimento de peças e acessórios novos.

Concomitantemente, a estas atividades foram surgindo pequenas empresas informais responsáveis pelo conserto de teares e outros objetos mecânicos empregados na indústria têxtil de São Bento e da região.

Particularmente importante para a modernização da produção têxtil de São Bento foi a intensificação das interações dos depósitos de fios locais com as fiações e tecelagens do circuito superior hegemônico e não-hegemônicos do Nordeste, a implantação das prensas, inicialmente ligada a prensagem e enfardamento de redes, e posteriormente à prestação de serviços de fretes, que aumentou a capacidade de distribuição dos produtos locais pelo mercado nacional.

Os objetos e ações dos circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento no período técnico-científico manufatureiro contribuíram para o crescimento acelerado do seu meio técnico-científico, ou melhor, do seu espaço, agora entendido como espaço nacional, pois os agentes sociais locais com seus sistemas de objetos e seus respectivos sistemas de ações passaram a agirem orientados por fins na escala da nação.

A partir dessa condição nacional do espaço local o espaço produtivo de São Bento passou a concentrar-se em seus circuitos espaciais da produção local e da produção regional, por meio das horizontalidades, enquanto os espaços de circulação, distribuição e consumo espalharam-se pelo território brasileiro, através das complementaridades e das verticalidades.

Como alguns eventos não ocorrem sem que condições anteriores tenham sido satisfeitas pode-se admitir que a estruturação deste circuito espacial da produção nacional não teria sido possível sem a presença no território local dos meios de comunicação, que nessa época

se limitavam à telefonia fixa, incluindo orelhões e telefones residenciais e comerciais, que foram responsáveis pelo estabelecimento das ligações entre o espaço de produção, de circulação e consumo.

O sistema de distribuição de mercadoria não se limitava, no período técnico-científico manufatureiro ao representado pelos redeiros e corretores, pois envolviam ainda a realizada pelas próprias empresas, com as chamadas lojas da fábrica, a feira da pedra e a abertura de depósitos de redes de dormir em outros estados, particularmente no Norte do país.

O meio técnico-científico manufatureiro, o circuito espacial da produção regional e o circuito espacial da produção nacional e a ampliação do circuito inferior formal e do circuito superior secundário, as horizontalidades e as verticalidades, no acontecer homólogo, complementar e hierárquico criaram as condições para a emergência e configuração do período e do meio técnico-científico-informacional maquinofatureiro.

Os elementos caracterizadores básicos desse período e desse meio, frente ao período e ao meio que os antecederam, são a produção mecanizada, sua internacionalização, com a correspondente formação do seu circuito espacial da produção internacional, e a presença territorial significativa, ainda que incompleta, da ciência e da informação.

A produção têxtil de São Bento apresenta-se mecanizada, ao menos na produção direta, desde a metade da década de 1990 (CARNEIRO, 2001), ainda que alguns objetos técnicos-artesanais estejam presentes, particularmente nas atividades do circuito inferior informal, como também na parte final do processo técnico, isto é, na fase de acabamento.

Como visto, mesmo nesta fase cuja utilização de mão-de-obra é intensiva já se observam movimentos que buscam impor outra lógica organizativa a atividade, como a adoção das máquinas de fazer varandas, franjas e fitas que produzem em larga escala frente a produção atomizadas dos objetos manuais.

Esta mecanização é causa e consequência da internacionalização da produção têxtil de São Bento, iniciada em finais da década de 1990, ampliada após o ano 2000 e que busca expansão

agora com o apoio estatal e suas agências de desenvolvimento, a exemplo SEBRAE, com o desenvolvimento do arranjo produtivo local de redes de dormir e a formação do Consórcio São Bento de exportação em 2001.

A formação do circuito espacial da produção nacional e do circuito espacial da produção internacional permite ver, para o espaço de São Bento, a existência de um circuito superior secundário *real*, representado por um reduzido número de empresas, e de um *potencial*, formado por algumas empresas do consórcio de exportação, que agrupam firmas de ambos os circuitos.

A formação do circuito espacial da produção internacional representa atualmente a colonização do mundo da vida do espaço e da indústria têxtil de São Bento pelo mundo sistêmico, o qual se revela pela imposição a seus agentes e atores sociais, bem como ao território, das normas contemporâneas do mercado e do Estado, expressas em ordens, comportamentos, modos de fazer e de ser.

Estas normas se fizeram presentes já no período técnico-científico manufatureiro, a exemplo da competição e da inovação técnica, da conquista de mercados consumidores mais amplos e distantes bem como da creditização e financeirização da produção, da formalização das relações de trabalho, da fiscalização, dos impostos e tributos, dentre outros.

A emergência dessas normas foi garantida pelos avanços na ciência, na técnica e na informação e a sua difusão em São Bento através dos meios pós-modernos de comunicação, como o fax, a telefonia móvel e a Internet, que se tornaram presentes como normas de funcionamento do território.

O que caracteriza, no entanto, e difere o período técnico de São Bento atual do anterior quanto à presença local das verticalidades quanto à competição é que está se dando com o concomitante crescimento da cooperação, ou como defendemos a produção de seu espaço foi e está sendo moldada por um sistema de ações orientadas para fins e por um sistema de ações orientadas para o entendimento cujo papel de cada qual tem sido e é variável segundo os

momentos dessa produção bem como internamente aos vários momentos da produção têxtil.

Este espaço deve se impor por meio do agir comunicativo ou das ações orientadas para o entendimento mútuo, porém estas não deverão excluir as ações orientadas para um fim, que passaram a ter a sua posição subvertida nas interações entre a produção do espaço e os circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento, subordinando-se àquelas.

Destarte, procurou-se, a partir da descrição, análise e síntese de uma realidade singular e particular, a formação socioespacial de São Bento, a compreensão e a explicação das interações espaço-temporal entre a produção de seu espaço e de/seus circuitos de fluxos, que conduziram à configuração do seu meio técnico-científico-informacional, ainda que incompleto, no contexto de estruturação do período tecnológico no mundo e no Brasil em particular.

REFERÊNCIAS

ALENCAR JÚNIOR, José Sydrião de. *Perfil econômico da Paraíba*. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2002. Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/.../ETENE/Rede_Irrigacao/Docs/Perfil%20Economico%20do%20Estado%20da%20Paraiba-2002.PDF>. Acesso em: 01 out. 2005.

AMORIM, Mônica Alves; IPIRANGA, Ana Silva Rocha; MOREIRA, Vilma Maria Coelho. Um modelo de tecnologia social de mobilização de arranjos produtivos locais: uma proposta de aplicabilidade. [Fortaleza]. 2004. 17 p. Disponível em: <<http://www.cbape.fgv.br/radma/doc/artigos/Amorim%20et%20al%20-%20Workshop%20APLs.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2005.

ANDRADE, José Eduardo Pessoa de; CORREA, Abdack Raposo; SILVA, Cláudio Vicente Di Gioia Ferreira. Pólo de tecelagem plana de fibras artificiais e sintéticas da região de americana. [S.l]: [BNDES], 2001. (Área de operações industriais 1 – AO1). Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/conhecimento/relato/rs2_gs2.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2005.

ANDRADE, Manuel Correia de. *Geografia econômica do Nordeste: o espaço e a economia nordestina*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

_____. *A terra e homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste*. 6. ed. Recife: Editora da Universitária da UFPE, 1998a.

ARAGÃO, Elizabeth Fiúza. *A trajetória da indústria têxtil no Ceará: o setor de fiação e tecelagem 1880-1950*. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará/Stylus Comunicações, 1989. (Projeto história do Ceará: política, indústria e trabalho).

ARAÚJO, José Luis Lopes. A atividade de confecção artesanal de redes-de-dormir – como estratégia de sobrevivência – e a organização do espaço em Pedro II. 1985. 291 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

_____. As transformações na produção artesanal de redes-de-dormir no nordeste brasileiro e suas relações com a reprodução do espaço. 1996a. 290 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. As transformações na produção artesanal de redes-de-dormir no nordeste brasileiro e suas relações com a reprodução do espaço. 1996b. 290 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1 CD ROM.

ARAÚJO, Lucia. Apresentação In: HABERMAS, Jürgen. *Agir comunicativo e razão destranscendentalizada*. Tradução de: Lucia Aragão. Revisão: Daniel Camarinha da Silva. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002. p. 7-24. (Brasil, 4).

ÁREAS DE ATUAÇÃO: Tacaratu. *Imagário Pernambucano*, Recife, c2004. Disponível em: <http://www.imagariopernambucano.com.br/areasdeatuacao_tacaratu.shtml>. Acesso em: 09 dez. 2005.

BAUDRILLARD, Jean. *Senhas*. Traduzido por Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

_____. *O sistema de objetos*. Traduzido por: Zulmira Ribeiro Tavares. 4ª ed. 1. reimpr. São Paulo: Perspectiva, 2002. (Debates, 70).

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BECKER, Bertha. Uma nova regionalização para pensar o Brasil? In: LIMONAD, Ester; HAESBAERT, Rogério; MOREIRA, Ruy (Org). *Brasil, século XXI: por uma nova regionalização?* São Paulo: Max Limonad, 2004, cap. 2, p. 11-27.

BOURDIN, Alain. *A questão local*. Tradução de: Orlando dos Santos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. (Espaços do desenvolvimento).

BROLLO, José Carlos; LUCCI, Elian Alabi. [Mundo mudo] In: _____; _____. *Caderno de mapas: espaço americano*. São Paulo: Saraiva, 1994. v. 3. [Escala 1: 172 600 000].

BRUM, Argemiro J. *O Desenvolvimento econômico brasileiro*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CARCANHOLO, Marcelo Dias. Neoliberalismo e o consenso de Washington: a verdadeira concepção de desenvolvimento do governo FHC In: MALAGUTI, Manoel Luiz; CARCANHOLO, Reginaldo A.; CARCANHOLO, Marcelo Dias. (Orgs.). *neoliberalismo: a tragédia do nosso tempo*. São Paulo: Cortez, 1998. (Questões da nossa época, 65). p. 15-35. CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A (re) produção do espaço urbano*. São Paulo: Edusp, 1994.

CARNEIRO, Rosalvo Nobre. *A indústria têxtil em São Bento – PB: da manufatura à maquinofatura*. 2001. 58 f. Monografia (Graduação em Geografia). – Centro de Educação, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica*. 2. ed. São Paulo: Global, 2003.

CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. 1. reimpressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000 (Pensamento crítico).

_____. *A sociedade em rede*. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CGS TÊXTIL. Institucional. [200-]. Disponível em: <<http://www.cgstextil.com.br>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

CONSÓRCIO SÃO BENTO. Associados de 2005a. São Bento, 2005. 1 p.

_____. O consórcio. 2005b. Disponível em: <<http://www.consorciosaobento.com.br/>>. Acesso em: 22 jul. 2005.

_____. Produtos. 2005c. Disponível em: <<http://www.consorciosaobento.com.br/>>. Acesso em: 01 dez. 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Trajetórias geográficas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

DEPOIMENTO de Pedro Alcântara, vulgo “Pedro de Joana”, em Taquarituba (Escrito em 1959, com a idade de 69 anos). In: ROCHA, José Bolívar Vieira da. *São Bento: estudo sobre a manufatura de redes-de-dormir*. João Pessoa: CGS, 1983. p. 127-128.

DORES, Adely Maria Branquinho das; CASTRO, José Carlos de; MARTINS, Ana Raquel Paiva; SIMAS, Jeanne Antunes; FONTES, Sérgio. *Operadoras de telefonia móvel no Brasil*. [Brasília]: BNDES, jul. 2001. (Cadernos de infra-estrutura, 19). Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/conhecimento/cadernos/cad_19.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2005.

EGLER, Cláudio A. G. *Indústria de redes de São Bento*. *BOLETIM*. Publicação seriada do departamento de geociências da UFPB. João Pessoa. n. 4, nov. 84. p. 60-71. Disponível em: <<http://www.laget.igeo.ufrj.br/egler/pdf/redes.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2005.

FIRMINO, Rodrigo José. *Espaços inteligentes: o meio técnico-científico-informacional e cidade de São Carlos (SP)*. 2000. 257 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18131/tde-26022002-093520/publico/tde.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2005.

_____. *Espaços tecnológicos: o desenvolvimento tecnológico e a configuração urbana e regional*. São Carlos. [2000?]. 8 p. Disponível em: <<http://www.eesc.usp.br/sap/grupos/e-urb/producao/rodrigo/EspTec.pdf>>. Acesso em: 21 de jul. 2005.

_____; CAMARGO, Azael R. *Espaços inteligentes, cidades da inteligência e regiões dinâmicas em inovação: as novas tecnologias e a configuração urbana e regional*. São Carlos. 2000. 10 p. Disponível em: <http://www.eesc.usp.br/sap/grupos/e-urb/producao/rodrigo/nutau_2000.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2005.

GEORGE, Pierre. *O homem na terra: a geografia em ação*. Tradução de: João Gama. Rio de Janeiro: Edições 70, 1993. (Universo da ciência, 25).

GOMES, Antônio Claret S. *et. al.* O setor elétrico. [S. l.]: BNDES, [2003?]. 21 p. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/conhecimento/livro_setorial/setorial14.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2005.

GOTTDIENER, Mark. *A produção social do espaço urbano*. Tradução de: Geraldo Gerson de Souza. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1997. (Ponta, 5).

GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA; SECRETARIA DE EDUCAÇÃO; UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. *Atlas geográfico do Estado da Paraíba*. João Pessoa: Grafset, 1985.

HABERMAS, Jürgen. *Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos*. Tradução de: Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990. (Biblioteca tempo universitário, 90; Série estudos alemães).

_____. *Técnica e ciência como "ideologia"*. Tradução de: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1997. (Biblioteca de filosofia contemporânea, 3).

_____. *Agir comunicativo e razão destranscendentalizada*. Tradução de: Lucia Aragão. Revisão: Daniel Camarinha da Silva. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002. (Brasil, 4).

_____. *Consciência moral e agir comunicativo*. Tradução de: Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003a. (Biblioteca tempo universitário, 84).

_____. *Teoría de la acción comunicativa: racionalidad de la acción y racionalización social*. 4. ed. Madrid: Taurus, 2003b. Vol. I.

_____. *Teoría de la acción comunicativa: racionalidad de la acción y racionalización social*. 4. ed. Madrid: Taurus, 2003c. Vol. II.

_____. *A ética da discussão e a questão da verdade*. Tradução de: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Tópicos).

HADDAD, Paulo R. APL – São Bento: cultura local e associativismo. [S.l.], 2004b. 9 p. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br/conhecimento/seminario/apl22.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2005.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. Tradução de: Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. 13. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

IANNI, Octávio. *Teorias da globalização*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999a.

_____. *A sociedade global*. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1999b.

IDEMA. Perfil do seu município – Jardim de Piranhas. Natal, v. 06, p. 1-21, 2004. Disponível em: <<http://www.rn.gov.br/principal/cidades.asp?descricao=JARDIM%20DE%20PIRANHAS>>. Acesso em: 01 out. 2005.

IDEME. Anuário estatístico da Paraíba – 1995/99. João Pessoa, 2000. Disponível em: <<http://www.ideme.pb.gov.br/Anuario2000>>. Acesso em: 01 set. 2005.

IMAGINÁRIO PERNAMBUCANO. Áreas de atuação – Tacaratu. [200-]. Disponível em: <http://www.imaginariopernambucano.com.br/areasdeatuacao_tacaratu.shtml>. Acesso em: 09 dez. 2005.

INDÚSTRIA conquista o mercado externo via site na rede mundial. *Tribuna do Norte*, [Natal], 08 out. 2000. Economia. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/anteriores/001008/econom/eco10.html>>. Acesso em: 18 jan. 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Divisão municipal: microrregiões homogêneas*. Paraíba. 1970. Escala 1: 5 000 000.

_____. [Planta de São Bento]. [João Pessoa], 1994.

_____. *Paraíba: mesorregiões, microrregiões e municípios*. [Rio de Janeiro], 2001. Sem escala. Mudo. Imagem BMP. Disponível em: <<http://mapas.ibge.gov.br/website/divisao/viewer.htm>>. Acesso em: 09 ago. 2005.

_____. *Economia informal urbana 2003*. Rio de Janeiro: IBGE, 2005. Não paginado. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/ecinf/2003/ecinf2003.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

_____. [Grandes regiões político-administrativas do Brasil]. [Rio de Janeiro], [200-a]. Sem escala. Imagem JPG. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 set. 2005.

_____. Divisão político-administrativa. [Rio de Janeiro], [200-b]. Imagem JPG. Escala: 1: 22.000.000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 set. 2005.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. 2. ed. 6. reimpressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. (Rumos da Cultura Moderna).

LEFEBVRE, Henri. *A cidade do capital*. Traduzido por: Maria Helena Rauta Ramos; Marilena Jamur. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LENCIONI, Sandra. Reestruturação urbano-industrial no Estado de São Paulo: a região da metrópole desconcentrada In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia de; SILVEIRA, Maria Laura (Org.). *Território: globalização e fragmentação*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 198-210.

LIMA, Cássio Cunha. [Prestação de contas 2002-2004 do Governo da Paraíba à Assembléia Legislativa]. João Pessoa, 2004. 36 p. Disponível em: <<http://www.paraiba.pb.gov.br/msgdogov/MENSAGEM%20DO%20GOVERNADOR%202005.doc>>. Acesso em: 13 ago. 2005.

LIMONAD, Ester. Brasil, século XXI, regionalizar para que? Para quem? In: _____. HAESBAERT, Rogério; MOREIRA, Ruy (Org.). *Brasil, século XXI: por uma nova regionalização?* São Paulo: Max Limonad, 2004, cap. 4, p. 54-66.

LIPIETZ, Alain. *O capital e seu espaço*. São Paulo: Nobel, 1988. (Espaços).

MANZAGOL, Claude. *Lógica do espaço industrial*. São Paulo: DIFEL, 1985.

MARSHALL, Alfred. *Princípios de economia política*: tratado introdutório. Tradução revista de: Rômulo de Almeida e Ottolmy Strauch. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Os economistas).

MOLES, Abraham. Rumos de uma cultura tecnológica. Tradução de: Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1973. (Debates, 58).

MOREIRA, Ruy. A nova divisão territorial do trabalho e as tendências de configuração do espaço geográfico In: LIMONAD, Ester; HAESBAERT, Rogério; _____. (Org.). *Brasil, século XXI: por uma nova regionalização?*. São Paulo: Max Limonad, 2004, cap. 10, p. 123-152.

NICOLAS, Daniel Hiernaux. Tempo, espaço e apropriação social do território: rumo à fragmentação na mundialização? In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia de; SILVEIRA, Maria Laura (Org.). *Território: globalização e fragmentação*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 85-101.

OI. OI Bazar. 2005. n. 10, 47 p.

OLIVEIRA, Delanice Ribeiro de. *Brejo do Cruz: sua história e sua gente*. João Pessoa: Edições FUNESC, 2004.

ORTEGA Y GASSET, José. *Meditação da técnica*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano Ltda, 1963.

PIRES, José Cláudio Linhares; PICCININI, Maurício Serrão. *Serviços de telecomunicações: aspectos tecnológicos*. [Brasília]: BNDES, [1997]. (Ensaio BNDES). Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br/conhecimento/ensaio/ensaio5.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2005.

[PONTES, Aloísio]. E-commerce coloca as redes da Santa Luzia no mercado internacional. *Gazeta do Nordeste*, [Natal], 14 set. 2000. Disponível em: <<http://www.sudene.gov.br/anteriores/403/economia.html>>. Acesso em: 02 nov. 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO BENTO. [Alvarás a renovar até 08/10/2005]. 2005. 3 p.

PRODUTORES de rede em São Bento recebem investimentos para modernizar fábricas. *O Norte; Jornal da Paraíba*, João Pessoa, 22 mai. 2004. Disponível em: <<http://www.comunidade.sebrae.com.br/procompi/Artigos/1917.aspx>>. Acesso em: 21 Jul.

2005.

PUGA, Fernando Pimentel. Alternativas de apoio a MPMEs localizadas em arranjos produtivos locais. Rio de Janeiro: BNDES, jun. 2003. 30 p. (Textos para discussão, 99). Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br/conhecimento/td/td-99.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2005.

REDES SANTA LUZIA. Conheça-nos. São Bento, c2002a. Disponível em: <<http://www.santaluziahammocks.com.br>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

_____. Distribuidores. São Bento, c2002b. Disponível em: <<http://www.santaluziahammocks.com.br>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

_____. [Homepage]. São Bento, c2002c. Disponível em: <<http://www.santaluziahammocks.com.br>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

_____. Catálogo. São Bento, c2002d. Disponível em: <<http://www.santaluziahammocks.com.br/>>. Acesso em: 01 dez. 2005.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Tecnologias de informação e comunicação, saúde e vida metropolitana. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 2, n. 2, p. 7-20, fev. 1998. Disponível em: <<http://www.interface.org.br/revista2/ensaio1.pdf>>. Acesso em: 21 jul 2005.

RIBEIRO NETO, Antonio Batista; GONDIM, Marcos Venicius de Albuquerque et. al. Projeto Teares: APL redes de dormir de Jaguaruana/CE. 2005. 115 f. Curso de Pós-Graduação em Gestão de Projetos – Fundação Getúlio Vargas, São Paulo. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n23/a02v1123.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2005.

ROCHA, José Bolívar Vieira da. *São Bento: estudo sobre a manufatura de redes-de-dormir*. João Pessoa: CGS, 1983.

RODRIGUEZ, Janete Lins (Org). *Atlas escolar da Paraíba: Espaço geo-histórico e cultural*. 3. ed. João Pessoa: Grafset, 2002.

SÁNCHEZ, Joan-Eugeni. Espacio y nuevas tecnologías. Barcelona: Cuadernos críticos de geografia humana. Ano XII, n. 78, nov. 1988. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/geo78.htm>>. Acesso em: 29 jul. 2005.

SANTOS, Milton. Relações espaço-temporais no mundo subdesenvolvido In: ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS. *Seleção de textos*. São Paulo, n. 1, p. 17-23, dez. 1976.

_____. *Pobresa urbana*. São Paulo: Hucitec-UFPE-CNPU, 1978. (Estudos urbanos).

_____. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. (Ciências sociais).

_____. *Sociedade e espaço*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982a.

_____. O presente como espaço. SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Hucitec, 1982b. p. 9-35.

_____. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985. (Espaços).

_____. Circuitos espaciais da produção: um comentário In: SOUZA, Maria Adélia de; SANTOS,

- Milton (Org.). *A construção do espaço*. São Paulo: Nobel, 1986. (Espaços). p. 121-134.
- _____. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.
- _____. O retorno do território In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia de; SILVEIRA, Maria Laura (Org.). *Território: globalização e fragmentação*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 15-20.
- _____. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998a.
- _____. *A urbanização brasileira*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998b. (Estudos urbanos, 5).
- _____. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999a.
- _____. Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial. *Revista Território*, ano IV, n. 6, p. 5-20, jan./jun. 1999b. Disponível em: <http://www.laget.igeo.ufrj.br/territorio/pdf/volume_06/v_6_santos.pdf>. Acesso em: 04 out. 2005.
- _____. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. São Paulo: Hucitec, 2002. (Milton Santos, 2).
- _____. *Economia espacial: críticas e alternativas*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2003. (Milton Santos, 3).
- _____; SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- _____. O lugar: encontrando o futuro In: _____. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Edusp, 2005. p. 155-164. (Milton Santos, 7).
- _____. Razão global, razão local: os espaços da racionalidade In: _____. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Edusp, 2005. p. 165-170. (Milton Santos, 7).
- SARTRE, Jean-Paul. *Crítica da Razão: precedido por Questões de método*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. Tomo I.
- SCIPIÃO, Tatiana. Arranjo produtivo local de redes de dormir em Jaguaruana. Atualizado de Maria Vilma e Mirian. Ceará: Secretaria do desenvolvimento local e regional, 2004. Disponível em: <http://conteudo.ceara.gov.br/content/aplicacao/sdlr/_includes/PDFs/APL%20%20Jaguaruana%20-%20Redes.pdf>. Acesso em: 01 out. 2005.
- SEIDEL, Roberto H. *Manual teórico e prático para elaboração de trabalhos acadêmicos: estrutura e apresentação de teses, dissertações, trabalho de conclusão de curso, segundo normas da ABNT 2003 e 2003*. Recife: Nossa Livraria, 2004.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 22. ed. rev. e ampl. de acordo com a ABNT. São Paulo: Cortez, 2002.
- SILVA, Deoclécio Bezerra da. *As relações de trabalho no espaço manufatureiro de rede-de-dormir – Boqueirão*. 1997. 51 f. Monografia (Especialização em Regionalização e Análise Regional). – Centro de Educação, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande.

SILVA, Marlene Maria; LIMA, Diva M. de Andrade. *Sertão norte: área do sistema gado-algodão*. Recife: SUDENE, 1982. (Estudos regionais, 6).

SILVA, Valdenildo Pedro da; EGLER, Cláudio A. G. *A inovação em tempos de globalização: uma aproximação*. *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Barcelona: Universidad de Barcelona, v. VIII, n. 170 (33), 1 ago. 2004. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-170-33.htm>>. Acesso em: 29 jul. 2005.

SILVEIRA, María Laura. Globalización y circuitos de la economía urbana en ciudades brasileñas. *Cuadernos del Ciendes*, [Venezuela], año 21, n. 57, tercera época, septiembre-diciembre 2004. Disponível em: <<http://www.cendes-ucv.edu.ve/pdfs/57cuaderno%201-22.pdf>>. Acesso em:

SIMIELLI, Maria Elena. *Atlas geográfico escolar*. 33. ed. São Paulo: Ática, 2002. 1 Atlas. Escalas variam.

SIQUEIRA, Tagore Villarim de. *Os grandes grupos brasileiros: desempenho e estratégias na primeira metade dos anos 90*. *Revista do BNDES*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 3-32, jun. 2000. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br/conhecimento/revista/rev1301.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 20005.

SMITH, Neil. *Desenvolvimento desigual: natureza, capital e a produção de espaço*. Tradução de: Eduardo de Almeida Navarro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

SOUZA, Fernanda. Em São Bento, desemprego é zero: município importa mão-de-obra de outros estados para trabalhar na fabricação de redes. *Correio da Paraíba*, Caderno Economia, Ano LII, n. 115, p. E5-6, 27 nov. 2005.

SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE. *Municípios, micros e mesorregiões*. Rio Grande do Norte. 1991. Escala 1: 1 000 000.

TACARATU lidera produção de redes no Nordeste. [*Jornal de Pernambuco*], [Recife], [mai/jun.] [2003]. Disponível em: <http://www.pe.gov.br/jornal_de_pernambuco/maio_junho_2003/pernambuco_em_destaque.htm>. Acesso em: 22 out. 2005.

TAVARES, Zulmira Ribeiro. Posfácio In: BAUDRILLARD, Jean. *O sistema de objetos*. Traduzido por: Zulmira Ribeiro Tavares. 4ª ed. 1. reimpr. São Paulo: Perspectiva, 2002. (Debates, 70). p. 213-230.

TELECOMUNICAÇÃO mostra avanços em três décadas. *Jornal da Paraíba*, João Pessoa, 26 set. 2005. Especial de aniversário. Disponível em: <<http://jornaldaparaiba.globo.com/especial/aniver32/espec-32.html>>. Acesso em: 10 set. 2005.

TIM. Cobertura – área 10. [S.l.], ago. 2005.

VICENCONTI, Paulo Eduardo Vilchez; NEVES, Silvério das. *Introdução à economia*. 6. ed. São Paulo: Frade Editora, 2003.

ANEXOS

**ANEXO A – SÃO BENTO-PB: MULHER
TRANÇANDO A REDE**



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

**ANEXO B – SÃO BENTO-PB: MULHER ENFIANDO AS
CABEÇAS DA REDE**



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

**ANEXO C – SÃO BENTO-PB: MULHER PASSANDO O
PONTO OU COSTURA NA REDE**



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

ANEXO D – SÃO BENTO-PB: MULHER PASSANDO A MAMUCABA DA REDE



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

ANEXO E – SÃO BENTO-PB: MULHER EMPUNHANDO OS CORDÕES OU PUNHOS DA REDES



Foto: Rosalvo Nobre Carneiro, 2001.

ANEXO F – SÃO BENTO-PB: ADOLESCENTE FAZENDO AS VARANDAS DA REDE



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

ANEXO G – SÃO BENTO-PB: REDE DE DORMIR COM BORDADO FEITO ARTESANALMENTE



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

ANEXO H – SÃO BENTO-PB: MULHER FAZENDO O CARÉ DA REDE



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

ANEXO I – SÃO BENTO-PB: JOVEM ESTAMPANDO TECIDO DA REDE EM SILKSCREEN



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

ANEXO J – SÃO BENTO-PB: URDIDEIRA MANUAL

Foto: Rosalvo Nobre Carneiro, 2001.

ANEXO K – SÃO BENTO-PB: CABRISTIS OU PERNAS DOS FIOS DO URDUME NA URDIDEIRA MANUAL

Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

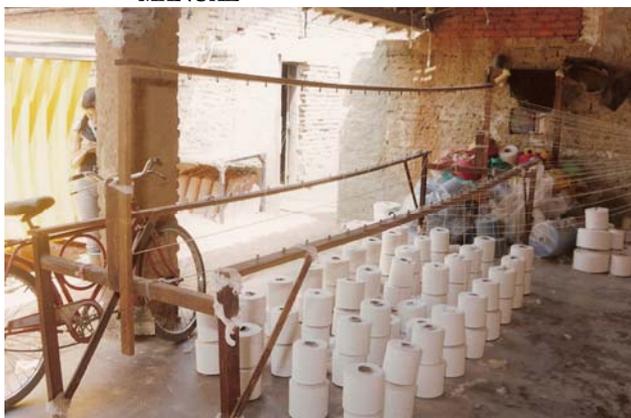
ANEXO L – SÃO BENTO-PB: GAIOLA DA URDIDEIRA MANUAL

Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

ANEXO M – SÃO BENTO-PB: URDIDEIRA MECÂNICA



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

ANEXO N – SÃO BENTO-PB: JOVEM TINGINDO TECIDO EM TINTURADOR MECÂNICO



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

ANEXO O – SÃO BENTO-PB: TEAR ANDRIGHETTI



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

ANEXO P – SÃO BENTO-PB: TEAR CABORÉ



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

ANEXO Q – SÃO BENTO-PB: TEAR RIBEIRO

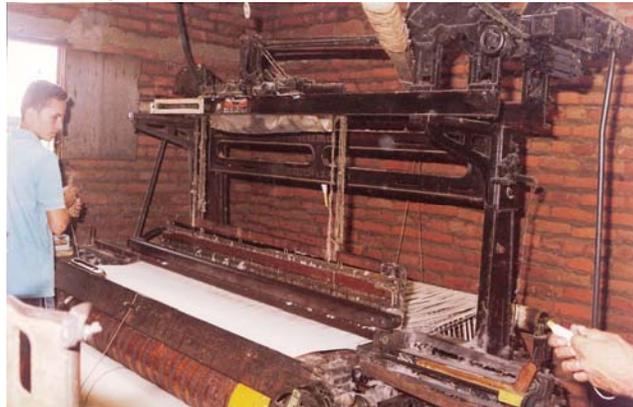


Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

ANEXO R – SÃO BENTO-PB: TEAR HOWA



Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

ANEXO S – SÃO BENTO-PB: MANTA PELICANO



Foto: Consórcio São Bento (2005c).

**ANEXO T – SÃO BENTO-PB: PANOS DE PRATO
FABRICADOS EM JARDIM DE PIRANHAS E
COMERCIALIZADOS NA FEIRA DA PEDRA**



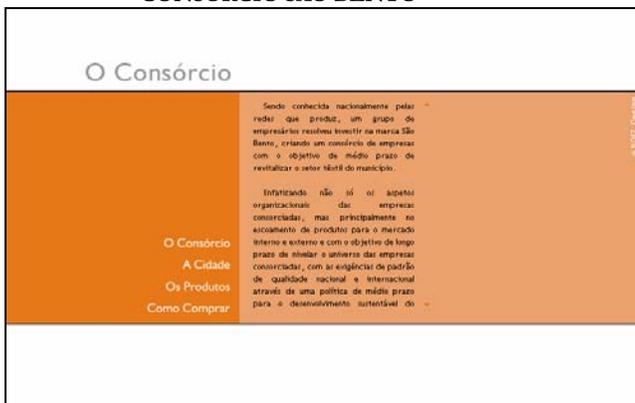
Foto: Elisângela Fotografias, 2006.

ANEXO U – SÃO BENTO-PB: PÁGINA INICIAL DO SITE DA REDES SANTA LUZIA



Fonte: Redes Santa Luzia (c2002c).

ANEXO V – SÃO BENTO-PB: PÁGINA INICIAL DO SITE DO CONSÓRCIO SÃO BENTO



Fonte: Consórcio São Bento (2005b).

ANEXO X – SÃO BENTO-PB: PÁGINA INICIAL DO SITE DA CGS TÊXTIL



Fonte: CGS Têxtil (2005).